
THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

# CAMÕES

DRAMA

DE

F. M. RAPOZO D'ALMEIDA.

# OBRAS

DE

## F. M. RAPOZO D'ALMEIDA.

TOMO I.

## CAMÕES.

# O

# CAMÕES

DRAMA

DE

F. M. RAPOZO D'ALMEIDA,

MEMBRO DE DIVERSAS CORPORAÇÕES LITTERARIAS,
TANTO NACIONAES COMO ESTRANGEIRAS.

---

SANTOS

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. M. R. D'ALMEIDA.

1851.

À S. M. IMPERIAL

# O SENHOR D. PEDRO II,

IMPERADOR DO BRASIL.

*Dedica*

FRANCISCO MANOEL RAPOZO D'ALMEIDA.

# INTRODUCÇÃO.

A história da publicação d'este drama, é mais dramatica do que a sua propria acção. Comecei-o em 1842, na minha querida e saudosa Coimbra, e n'uma edade, posto que ja eivada de desgostos, comtudo ainda rica de illusões e esperanças no futuro. Continuei-o em 1843, nos Açores, n'essa suspirada terra natal, e no erimiterio da Caloura, onde gozei breves horas de pacifica solidão : — conclui-o em 1844, no meu destêrro da Madeira, e quando eu ja então via desfolharem-se uma a uma todas as minhas illusões da vida politica; e desvanecerem-se todas as minhas esperanças no futuro.

Só agora, ao cabo de sete annos, ca tão longe da querida terra da patria; e, depois de passar pelas mais duras e acerbas experiencias da vida, é que chego a publicar este escripto, que, entre as outras minhas diversões litterarias, é o filho predilecto do meu coração, é, emfim, o meu testamento d'alma.

Mas publico-o, não como eu desejava, e tencionava, mas como o póde permittir o estado da minha imaginação enfêrma, e a privação do circulo e da athmosphera litteraria, em que eu vivia, e de que, a principio as doenças, depois as minhas viagens, e ultimamente as circunstancias excepcionaes, em que me vi collocado, me obrigaram a isolar.

O pensamento que presidiu á confecção do presente drama foi o de mostrar, que o homem de genio, traja sempre n'esta vida a tunica da desgraça; e que as palavras sacramentaes de genio e fatalidade, encarnam ambas ao mesmo tempo na fronte d'esse homem a quem o anjo da poesia imprimiu o seu ósculo fatal.

Este drama tem obtido alguns favores, e tem a fortuna de estar bemquisto do público

antes de lhe ser apresentado. A sua primeira exposição foi feita na ilha da Madeira, perante um numeroso concurso de pessoas illustradas, que se dignaram receber a leitura d'este drama com applausos e lágrymas;— os applausos não os recebi porque não me pertenciam, mas sim ao pensamento capital do drama, as lágrymas, como que ainda as tenho quentes no coração, especialmente as que vi derramar a um veneravel sacerdote, a quem a sua veneranda calva, a sua muita illustração, e a sua reconhecida virtude o tornavam digno da maior consideração, e da minha profunda estima.

Em outubro de 1847 foi este drama lido em duas das sessões da Academia Philomatica do Rio de Janeiro; e não houve generoso favor que o drama e o auctor não recebessem d'aquella respeitavel corporação.

Começo a collecção das minhas recordações litterarias por este drama, não porque elle fosse a minha primeira composição dramatica; mas porque, sendo elle, como ja disse, o meu testamento d'alma, desejo que os sentimentos proprios, que eu exprimi n'uma ou

n'outra passagem, vão attestar ás pessoas que me são caras, e em cuja lembrança sei que ainda permaneço, que eu, talvez n'esta última quadra da vida, e agonisando uma existencia tão precaria, lhe consagro os meus ultimos affectos, e lhe significo o acerbo pesar de não podêr ir exalar o meu último suspiro no seio dos parentes e do amigo, e sepultar o corpo na abençoada terra da patria. Como disse no texto pela bocca do heroe do drama, —estou com os pés sôbre a sepultura e com as mãos trémulas apegando-me ao último ramo da árvore da vida, sem esperança, sem consolação, só, abandonado, despresado, esquecido de todos, vergado e cahido debaixo do tremendo pêso da pesada cruz da minha dor.

Tive a subida honra de dedicar este drama ao Senhor D. Pedro II, como um testemunho da minha mais profunda veneração á Sua Augusta Pessoa, e como prova do meu reconhecimento pela generosa hospitalidade que tenho recebido n'este paiz, para onde me arremeçaram os baldões da vida politica.

# CAMÕES.

## A' ACADEMIA PHILOMATICA.

SENHORES.

Não é para satisfazer uma d'essas vaidades innocentes do homem de lettras, que se compraz em mostrar a concepção do seu genio, como um pae extremoso mostra o seu filho querido; não é para colher applausos officiaes, nem tentar a vossa generosidade que eu venho fazer-vos a exposição de um de meus escritos: é sim para consultar a vossa crítica, que eu desejo severa mas leal : é para ouvir os conselhos da vossa sabedoria, é para attender á impressão que possa causar-vos a exposição do meu quadro a fim de eu o conservar no que elle tiver de

toleravel, e reformá-lo nos muitos defeitos em que deve abundar.

A crítica sensata, judiciosa e leal, é para o escritor o que o pharol é para o navegante, que cingra por cima dos recifes e por junto dos promontorios. Ella conduz o escritor pelas sendas trabalhosas da sua peregrinação, ella anima, proteje e enche de esperanças ao genio que desabrocha as suas primeiras flores, ella o arreda dos latidos do cão de Caribydes, e apontado para o futuro, lhe diz — ávante, que lá está a eternidade. A crítica assim exercida é uma especie de sacerdocio que muito convem attender e respeitar, bem como convem desprezar e cerrar os ouvidos a essas torpes e deshonestas diatribes com que a grosseira estupidez e a fatuidade invejosa buscam manchar ou sopear as primeiras tentativas do genio.

Nem applausos, nem diatribes venho eu pois pedir n'este logar; anceio, desejo e rógo uma crítica justa e severa, ou aqui manifestada verbalmente, ou por escritos academicos, ou por anonymos na imprensa jornalistica.

Éstas são as minhas esperanças; e oxalá que ésta academia, que resume em si a página mais importante da minha obscura vida de homem de lettras, abrace e siga, sanctifique e louve com a prática este exemplo, com que eu aqui venho offerecer o meu trabalho, como uma victima immolada ao sacrificio, para elle ser avaliado, como ja disse, no que tiver de toleravel, e castigado nos muitos defeitos em que infallivelmente deve abundar.

E é com a mais grata satisfação, e com a mais sincera confiança que eu venho apresentar-me no

seio d'esta familia de lettras, a quem eu ajudei a lançar as primeiras bases d'esta academia, que ja hoje conta uma història brilhante, e que marcha a passos agigantados para um fucturo de verdadeira glória.

Quem sabe, senhores, se á Academia Philomatica cabe exercer uma influencia poderosa sóbre este imperio de novos Assyrios? Quem sabe se ella será o presepio onde vem humanar a intelligencia, para ao depois erguer do seu somno de tantos seculos a este gigante de milhões de legoas, e caminhar com elle para um futuro de glória colossal e immensa? Creio que sim, senhores; e a minha qualidade de estrangeiro me authorisa para assim o julgar e dizer, porque não sou levado pelo fanatismo da terra natal: e tenho fe e esperança, que muito se hade fazer, como ja alguma coisa se tem tem feito; e que emfim devemos ter fe e esperança no futuro, e fe e esperança tão grande e immensa, como grande e immenso é este paiz, que é preciso ser conquistado quasi palmo a palmo pela intelligencia; e que é preciso união efôrças, porque carecemos de união e fôrças para desthronisar o charlatanismo despeado, para esmagar a hydra da desmoralisação, que aqui e alli solta os seus uivos, para emfim collocar a intelligencia no seu throno; e apartar o joio do trigo, extremar a virtude do crime, collocar dignamente o saber, e prostergar a ignorancia fatua e insolente, que tudo isto constitue o estatuto evangelico da nossa academia.

Permetti, senhores, que antes de passar a expor-vos algumas considerações sôbre o assumpto do drama, me felicite e vos felicite pela brilhante posição

em que hoje se acha collocada a nossa academia. Quando, arremessado pelos tufões tempestuosos da polìtica, que agita a minha querida e saudosa patria, vim buscar a vossa terra como um limbo de paz para repousar dos baldões de uma vida agitada, nunca eu pensei, senhores,— com quanto a vossa hospitalidade seja proverbial na europa, —que me haveis comular de tantas honras, dando-me nos vossos institutos litterarios e scientificos um logar de distinção, e honrando-me com as vossas relações pessoaes.

Mas de todas essas honras immerecidas, a que é mais cara ao meu coração, a que eu colloco em primeiro logar é a santificação do pensamento da inauguração d'esta academia, que o obscuro estrangeiro ousou conceber, mas a quem vós, e só vós, déstes vida, e outorgareis uma existencia vigorosa e brilhante.

Para as grandes obras busca sempre a Providencia o mais fraco instrumento; porque as obras monumentaes não são d'este ou d'aquelle individuo, são de um povo, são de uma geração, são dos seculos. Um pobre e obscuro eremita, arrastando umas sandalias, a abraçado com a imagem da cruz prégou aos reis e aos principes da europa, que fossem resgatar os logares sanctos, onde o Redemptor do mundo, onde o filho de Deus humanado tinha cumprido a sua missão portentosa. A' voz d'aquelle velho, desembainharam-se as mais valentes espadas da christandade, em tôrno dos estandartes dos senhores feudaes gruparam-se as melhores e as mais experimentadas lanças; e toda essa gente, animada como um só homem, foi, com os brados

do eremita a retenir-lhe n'alma, e com Godofredo á sua frente, consummar aquella famosa cruzada.

O nosso seculo, senhores, converteu-se tambem em uma cruzada, não para resgatar um logar, mas para resgatar a intelligencia, mas para levar ao cabo a obra magna da illustração e da perfectibilidade da sociedade humana. Quando o eremita Pedro prégou a sua devota e enthusiastica missão, achou todos as animos contemporaneos dispostos pela influencia do espirito da epocha, e por isso a contricção foi tão prompta e tão portentosa nos seus resultados. O espirito e as tendencias civilisadoras da epocha actual tinham operado consideravelmente no Brasil; e fôra um anachronismo demonstrar a proficuidade de se desenvolver esse ispirito e de converter em factos reaes o que estava respeitado e votado em sanctas e justas theorias.

Magoava sôbremaneira a alma ver, n'esta terra, o homem da intelligencia isolado, sem relações de contiguidade entre si, e sem aquella suprema importancia que é devida ao homem illustrado, ao apostolo da civilisação moderna. Dizer pois a este Lazaro cahido no sepulchro da indifferença, e talvez do desprêzo público, levanta-te e regenera ésta terra de promissão que Deus e o espirito da epocha te manda resgatar, levanta-te e marcha para o futuro com a cruzada de civilização que se ergue, convoca e caminha por toda a parte, foi, era uma necessidade do meu coração a que eu de rigor tinha de satisfazer. Até onde é possivel, tem-se cumprido o meu apostolado.

Como eu ja tenho dito em alguns dos meus escriptos, como ja tenho aqui expressado em muitos

improvizos, e que agora ainda me não cançarei de repetir, dir-vos-hei que ésta nossa epocha herdou o scepticismo religioso e politico do seculo passado; á geração que agora se prepara, á geração que vae succeder, é que cumpre regenerar as sociedades humanas. E sôbre vós pésa uma d'estas tremendas responsabilidades. Dos talentos esperançosos que entre vós se contam, do saber provado e reconhecido dos vossos anciãos, tudo ha a esperar.

Tenho dito muito da minha situação e da nossa Academia, dir-vos-hei mais algumas palavras á cêrca da composição que ides ouvir.

Camões é o amplo vulto que resume em si a história epica das glórias portuguezas, e a história íntima dos destinos fataes que acompanham o homem de genio durante o exercicio da sua missão ca na terra. Portugal foi um grande povo e é ainda uma grande nação na história. Fomos conquistadores e poderosos como os Romanos, adiantamos as navegações dos Phinicios, tivemos generaes como Achilles, e como Ajax, e tivemos escriptores famosos; mas de tantas e tamanhas glórias resta-nos apenas como padrão de tantos feitos portentosos o immortal poema de Camões. Se abrirdes o pantheon dos heroes portuguezes a um estrangeiro, elle, ao percorrer as galarias onde em alas immensas estão os nossos illustres escriptores e os nossos famosos generaes, elle buscará, entre uns o soldado de Mecon, das Molucas, de Goa, e de outros pontos da India; e na outra buscará reconhecer o poeta dos Luziadas, para ajoelhar, com a sua alma curvada de admiração, perante esse busto sacrosanto das glórias portuguezas, perante

esse homem portentoso que tinha, para servir a patria, o braço affeito ás armas, e para cantar os seus feitos a mente consagrada ás musas.

Para servir-vos, braço às armas feito
Para cantar-vos, mente às musas dado.

Se as nossas transformações politicas, se as agitações em que nos debatemos, se as luctas em que estamos travados, se emfim qualquer cataclysmo social raspar do mappa das nações esse Portugal, esse retalho de terra de noventa legoas, cuja história fornece assumpto para noventa mil epopeas, quando esse pequeno pedestal de tamanhos heroes se possa quebrar debaixo do pé do inconoclasta político, ou do vandalo estrangeiro, os Lusiadas serão o monumento perene, que, inabalavel no meio das vagas tempestuosas das nossas inovações, hade levar ao último dos seculos o nome venerando de Portugal, assim como tem ainda conservado o nosso nome, perante as mais remotas sociedades actuaes, e perante as litteraturas do mundo. E'sta verdade, senhores, que parece uma exagecão, um pleonasmo patriotico, ahi o ponho em presença dos factos.

E no entanto como foi o existir d'esse homem ca na terra, ca n'esta vida de inexplicaveis e maldictos mysterios para aquelle a quem Deus doou com a chama viva e sancta do genio? A história contemporanea do poeta, teve o cuidado de conservar a chronica de tão pungentes agonias; e legar-nos a deshonra de o haverem deixado morrer de angústia e de fome, aquelles mesmos a quem

elle tinha celebrado de um modo tão solemne e eterno.

Ja lá vão o melhor de trez seculos, e ainda o nosso Portugal não teve um monumento official para levantar ao principe dos poetas da Hespanha. Um joven poeta, a quem os successos da politica gongorista e encatarroada de Portugal obrigaram a expatriar-se, quiz vingar o poeta e vingar a patria contra a mesma patria de tão deshonrosa indifferença; e consegui-o, escrevendo uma elegia epica que foi o verbo creador da poesia moderna, e è ainda hoje o primeiro monumento consagrado á memoria do Homero lusitano.

Aquella nobre ousadia, aquelle fel sarcastico com que o Sr. Almeida Garret olhou sobranceiro para esses palhaços de lantejoulas e lhes bradou:

> Onde jaz, portuguezes, o moimento,
> Que do immortal cantor as cinzas guarda ?
> Homenagem tardia lhe pagastes
> No sepulchro sequer!... Raça d'ingratos !
> Nem isso ! nem um tumulo, uma pedra,
> Uma lettra singela ! — A vós meu canto,
> Canto de indignação, último accento.

E'sta solemne accusação instaurada no seio da França, suzerana das lettras e patria bem fadada dos homens que as cultivam, foi processada e julgada summariamente. A sentença lavrou-a, e santificou-a o espirito da epocha, que confia ao genio a regeneração, e perfectibilidade social:—passou em julgado, e hade cumprir-se.

A litteratura portugueza estava scismatica pelos dogmas horacianos, pelos trocadilhos dos gongoris-

tas e pelos sem sabores dos arcades, e não sei que mais outras ceitas, com que arrebicaram, desfiguraram e estrangeiraram, aquella poezia sublime que nos creou o saudoso e enamorado Bernardin Ribeiro, e que herdára, aperfeiçoára, e nos legou o desditoso e melancolico Luis de Camões.

O poema do Sr. Almeida Garret veio revolucionar os destinos da velha poesia, elevando-a ao gráo de lyrismo e naturalidade, em que hoje se acha. O poeta expatriado vingou o poeta infeliz, e depois d'esta prova de tamanha devoção, depois d'este exemplo de obra e palavra, que preparou e creou tantos crentes na moderna pozia, ésta palavra poeta começou a significar entre nòs alguma coisa mais do que um possesso, que, nos outeiros de abbadeçados, e nas luminarias municipaes, dava tractos de polé a umas trez duzias de palavras sequespedalias; e depois de as infeixar e encarreirar em umas poucas de linhas, baptisava-as com o nome muito significativo de ode ou soneto: — inda bem que ja lá vae essa epocha; apenas aqui ou além, estonteada e arquejando, pia alguma gralha soneteira ou pindarica que ja não póde encommodar-nos.

Como vos disse, senhores, o poema Camões do Sr. Garret revolucionou os destinos da velha poezia, e toda a mocidade portugueza, seguio em triumpho as crenças do novo evangelho litterario. Eu — o mais obscuro d'entre esses mancebos — ousei grupar-me em tôrno do estandarte da nova redempção. Das impressões que então recebia, das inspiraçoes com que me imbalava, das illusões, com que eu me nutria, e das amarguras, que eu

então ja padecia, são fructos algumas de minhas composições que eu escrevi como ensaios, que nunca poderam vingar no meio das oscillações da minha vida. O drama Camões nasceu de uma d'essas aspirações do mancebo enthusiasta.

O auctor dos Lusiadas foi sempre o meu poeta favorito. Ainda mesmo antes de eu podêr avalliar os treixos da história de sua vida, inseridos n'esta ou n'aquella estrophe de seus cantos, sentia eu uma sympathia magnetica que me prendia áquelle livro, e me inspirára a mais veneranda amisade por aquelle desditoso auctor. Veio para mim a quadra do amor venturoso — um unico tem o homem na vida e esse é o da primeira afeição: — passei depois por outros desgostos e por uma lerna de angùstias e saudades, que eu devorava em segredo; quando um dia, n'uma d'essas horas de agoniada e lenta reflexão, eu comecei a avaliar a significação profunda d'aquelles dous versos do infeliz poeta:

D'aquelle, cuja lyra sonorosa,
Será mais afamada, que ditosa.

Isto succedeu-me nos fins de 1841, quando eu, em Coimbra, supportava os tractos crueis d'essa molestia fatal e lentamente envenenadora chamada nostalgia. Para matar, ou para alimentar as saudades da patria, e de minha muito querida e saudosa familia, saia eu a discorrer pelos arrabaldes d'aquella poetica cidade; e, a scismar as saudades de um filho etxremado, levava horas inteiras a gosar a solidão, ora abrigando-me na historica fonte dos amores, ora discorrendo por essas margens do Mon-

-dego, ora sumindo-me pelo vale do Penedo das Saudades — Camões era o livro que me acompanhava, era o amigo com quem ou desabava as mágoas íntimas que eu soffria, era o livro da minha devoção.

Contemplei então este grande homem como dotado de um talento supremo, e como patriota o mais dedicado e enthusiasta. Vi-o tão grande no excesso da desgraça, como Deos o tinha feito grande no excesso do genio. O fructo d'estas observações é que constitue a primeira traça do meu drama. Comecei-o lá na terra das saudades, prosegui-o depois na terra natal, e escrevi o último acto sôbre o duro leito do hospital público da Madeira, quando alli, desterrado e prêso pelos acontecimentos politicos de Almeida, me obrigou a doença, e a minha situação de prêso de estado, a recolher-me áquella casa de mizericordia,

Eis aqui em summa a historia moral do drama; e entrei n'estes pormenores — que talvez não sejam avaliadös devidamente — porque ésta minha composição é em muitas partes o espelho em que eu retractei a minha alma: se n'isso ha vaidade, desculpem-m'a, porque ella não é a vaidade commum e grosseira.

Este drama tem obtido alguns favores, e entre outros, um que muito lisongeia a minha pobre vaidade de auctor, foi o elle ser trasladado para a lingoa fraceza por Mr. Ornelles, com cujas relações de amizade muito me honro.

É tempo de acabar com estas observações prévias: — dae-me licença pois que vos apresente a minha obra: para ella todo o rigor da vossa crítica, para o author a vossa generosa indulgencia.

## AO CONCLUIR A LEITURA.

Nas duas exposições que vos tenho feito do meu drama, li apenas quanto julguei necessario para preparar a situação da catastrophe. Vimos o poeta nos seus devaneios de mancebo apaixonado annunciar-nos, em seus atrevidos amores, a alma ardente e meloncolica do poeta, vimo-lo, ferido pela mão poderosa do infortunio, tomar a via da amargura para o destèrro; e ahi, nas horas de longa agonia e de profundo padecimento, conceber a traça immortal do seu grandioso poema, d'essa iliada de tão portentosos feitos. E vimo-lo tambem, em presença da côrte jesuitica de D. João III, protestar solemnemente contra a indifferença, contra o desamparo com que era tratado o homem de genio, e depois, no meio da lucta terrivel dos terriveis affectos de odio e amor, dizer á patria que tanto amava, e que tanto ia honrar — *ingrata patria non possidebis ossa mea.*

Vimos o poeta errar por tamanhas viagens; è depois de haver passado uma longa serie de longas desventuras, de esperanças e desenganos, vir beijar a terra da patria e gosar a unica consolação que ja agora poderia esperar — uma pedra em que repousar a cabeça na derradeira agonia, um bocado de terra em que sepultar o corpo.

Mas a fatalidade, para mais acerbo lhe tornar o soffrimento, fa-lo encontrar a felicidade na côrte de D. Sebastião, e ahi por um momento é o poeta abalado pela esperança de ainda ser feliz. O desditoso vae ao templo christão agradecer a Deos aquella felicidade que se lhe antolhava; a estrella que

o devêra allumiar estava eclipsada pela morte: a sua querida Natercia ve-a elle abismar-se na terra do sepulcro.

Cumprido assim o fatal edicto de não haver gôso de felicidade para o homem de genio, aquella grande alma de Camões fica resignada á columna do último soffrimento, até que lhe chegue a morte que ja agora é a unica esperança que lhe resta no mundo.

Temos pois de ver hoje o nosso poeta verter no seu horto de agonia bagas de um suor mortifero, temos de o ver exalar o seu derradeiro suspiro de vida de envolta com a agonia da patria. A grandeza do genio em presença da grandeza humana faz um terrivel contraste que não sabemos se ja estará remediada: cuido que não!

Aquella alma de sublimes affectos não tem mais do que um escravo a quem dizer *soffro*. Inda bem que a religião veio acolher-lhe o último estrebuchar da vida. E' n'esta situação que resumo o meu pensamento dramatico: — nem mesmo eu teria mais que fazer: ao pincel do artista, que não á penna do poeta, cumpre consummar o resto.

# DRAMA.

# PERSONAGENS.

LUIZ DE CAMÕES.
O CONDE DA CASTANHEIRA.
D. CATHARINA D'ATHAYDE.
D. ALEIXO DE MENEZES.
O JA'O ANTONIO.
FREI JOSÉ INDIO Missionario.
D. SEBASTIÃO Rei de Portugal.
D. JOÃO dito dito.
PADRE LUIZ GONÇALVES.
D. RUY DIAS DA CAMARA.
D. LOPO DE MIRANDA.
LEONOR, aia de D. CATHARINA.
O GERAL da Ordem de S. Domingos.
DOIS CAVALLEIROS.

Cavalleiros e damas, clerigos, e frades de differentes Ordens, pages, carpideiras, officiaes de justiça, e as duas côrtes, a de D. Sebastião e a de D. João III. A scena passa-se em Lisboa entre os annos de 1546 a 1577.

# I.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fructo,
N'aquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito

CAMÕES, *Cant. III Est. CXX.*

# ACTO I.

## PRIMEIRO QUADRO.

Camara particular de D. Catharina d'Atayde, no palacio do conde da Castanheira. Ao fundo duas grandes janellas de vidros coloridos, que deitam sôbre o jardim, e dão vista para o Tejo. Portas aos lados: rica mobilia no gôsto da epocha: a sala é allumiada pelas luzes de duas ricas serpentinas.

### SCENA I.

D. CATHARINA E LEONOR.

LEONOR *depois de atar-lhe um rico aderêço e contemplando-a.*

Que bella e formosa que estaes, minha boa senhora. Porcerto que a filha de Carlos V não ia mais bem vestida, nem mais encantadora, quando foi esposar o nosso infante D. João, que Deos tenha em santa glória.

D. CATHARINA.

Obrigada, Leonor, obrigada.

LEONOR.

Que invejas e pezares disfarçados, não ides hoje levantar no sarau ás mais bellas damas da côrte !

D. CATHARINA.

Es muito lisongeira, Leonor.

LEONOR.

E vós muito modesta, minha excellente senhora, para não reconhecerdes que a mais bella dama da côrte d'el-rei D. João III é a minha boa senhora D. Catharina d'Atayde, a sobrinha do muito nobre e poderoso conde da Castanheira.

D. CATHARINA.

Tenho percebido, Leonor, que não te ha custado a aprender ésta lingoagem aduladora que resoa incessantemente nos palacios, e em tôrno dos grandes.

LEONOR.

Todos vos proclamam a primeira formosura da côrte.

D. CATHARINA.

Mas de todos esses generosos cumprimentos, Leonor, de todas essas palavras arrebatadoras, com que sou acolhida em toda a parte, e das quaes, a menor d'ellas, sería capaz de desvanecer a alma mais indifferente, nenhuma tem abalado a minha alma, como as que me dirigiu aquelle cavalleiro... (*levantando-se*) oh! tomàra eu arremessar ésta recordação para o abysmo do esquecimento; e sumir do meu coração aquella imagem seductora.

LEONOR.

Fallaes d'aquelle cavalleiro moço, que veio de Coimbra, onde completou seus estudos, e agora anda na côrte esperando occasião para se distinguir no serviço d'el-rei?

D. CATHARINA.

Sim, Leonor. (*Breve pausa.*) Nada posso esconder-te, porque, ou na côrte rodeada de adulações, ou em casa do meu parente, respeitada e querida de todos, não conto com um coração, como o teu, onde possa depositar, sem receio, os sentimentos da minha alma.

LEONOR.

E vós confiaes tanto n'uma obscura aia?

D. CATHARINA.

Sim, Leonor. Éstas almas de cortezãos, que se dobram a todas as considerações humanas, não podem efficazmente comprehender a sublimidade d'um sentimento do coração; e é

mais prudente deixá-lo lá enterrado para sempre, do que expo-lo â profanação d'esses risos e d'essas palavras de gêlo com que muitas vezes é recompensada a sinceridade d'uma revelação.

LEONOR.

Ainda não foi preciso, minha boa senhora, o sacrificio do meu sangue, ou da minha vida para vos testemunhar ésta affeição poderosa, que tem prendido a minha alma á vossa vontade; e me faz imaginar, como um horror, a nossa separação.

D. CATHRINA.

Eu te agradeço tanta dedicação, minha boa Leonor; e te juro que o separarem-me da tua companhia, sería tambem para a minha alma uma amargura tão intensa, como foi a perda de minha querida mãe. (*Sente-se musica e alegrias que parecem vir do rio*). Oh! que bellas harmonias....

LEONOR *abrindo a janella.*

Creio serão os convidados d'Almada, que vem para o sarau! (*Reparando*). E não me engano: là distingo ao luar duas barcas illuminadas e ingrinaldadas de flores: oh! que de gente carregam ellas!

D. CATHARINA *chegando á janella.*

D'Almada! oh! se alguma d'ellas trouxesse aquelle por quem eu tanto suspiro! Mas.... para quê.?.. È muito fatal confiar no amor d'um homem de genio, porque ou esse amor

é um amor singular, um amor extremoso, um amor que só póde extinguir o gêlo do sepulcro, um amor forte como a sanha do leão, e terno como um suspiro de rôla!...ou então, elle passa tão rapido pelo nosso coração como o relampejar d'uma trovoada longinqua.

LEONOR.

Mas Luiz de Camões vos ama, e muito. Elle ficou tão prêzo e captivo da vossa formosura no último sarau, que houve em casa do conde de Montemor, que não o pôde disfarçar; e aquellas palavras solemnes e repassadas de melancholia, que elle vos rendia, eram, sem dúvida, um testemunho fiel d'um amor muito verdadeiro.

D. CATHARINA.

Quem sabe, Leonor?... Talvez que essas palavras magicas, essas palavras fascinadoras, que tanto abalaram o meu coração, não fossem mais do que graciosos cumprimentos, d'estes cumprimentos e d'estas palavras que não partem do seio d'alma, e que se exprimem machinalmente, sem que o coração intervenha n'ellas com uma só idéa. (*As alegrias dos remeiros, e o bater de palmas, chamam a attenção de D. Catharina: ouve-se uma voz, que se suppõe vir n'uma das barcas, que atravessam o rio e que se approximam, recitar os seguintes versos.*

Dama de extranho primor
Se vos for
Pezada a minha firmeza,
Olhai não me deis tristeza,
Porque a converto em amor;

E se cuidaes
De me matar, quando usaes
De esquivança
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.

D. CATHARINA, *depois de escutar os versos com anciedade.*

Aquella voz!....

LEONOR.

É ....

D. CATHARINA.

De Luiz de Camões. (*Pausa. Leonor retira-se.*)

## SCENA II.

O CONDE DA CASTANHEIRA, E D. CATHARINA.

O CONDE.

Que incantadora estás, minha boa sobrinha. Uma rainha de justas não se apresentaria debaixo do seu docel com tanto garbo, e ademans, como te venho encontrar.

D. CATHARINA *tendo-se levantado e abaixando os olhos tristemente.*

Obrigada, meu generoso tio, obrigada.

O CONDE.

Sempre abysmada em vagas melancholias !... Acaso o coração de um parente, que tanto te idolàtra, formosa Catharina, o coração do parente maís proximo que tens n'este mundo, e que nutre os mais sinceros votos de fazer a tua felicidade, não bastará para n'elle confiares as tuas màgoas ?

D. CATHARINA *com alegria forçada.*

Que mágoas poderei eu soffrer, quando sou tão bem olhada no paço, respeitada por todos, e contando com a vossa protecção ?

O CONDE.

Tenho-te amado com tanto affecto, como se fôras minha filha muito querida.

D. CATHARINA.

È verdade, senhor. Depois do amor de mãe, que a morte me roubou, e que tenho deplorado com tanta saudade, não tenho conhecido outro mais efficaz e prompto do que o vosso.

O CONDE.

Logo tenho juz à tua confiança ?

D. CATHARINA.

Sim, meu generoso tio, a toda a minha confiança !... Mas...

deveis convir que ha certos segredos que não se devem revelar a pessoa alguma, nem ao parente, nem ao amigo, nem a nossa propria mãe, nem ao confessor ; e só a Deos na outra vida.

O CONDE.

E porque ?

D. CATHARINA.

Porque revelados seriam tomados por um êrro, e muitas vezes por um crime.

O CONDE.

Como assim, minha boa sobrinha ?... Deves lembrar-te que ha segredos, que occultos no coração, são como o fogo amuado, que mina, e não deita labareda : são como aquelles liquidos terriveis que espedaçam afinal os vasos, que os contém.

D. CATHARINA *com embaraço.*

Um segredo escondido no coração !... oh ! meu generoso conde, prescindamos d'estas explicações. (*Limpando uma lagrima*).

O CONDE *com emoção.*

Choras, minha filha ?

D. CATHARINA *chorando,*

Oh ! vós não sabeis quanto me tem dilacerado o coração a saudade de minha querida mãe ; e agora estes trajos de festa me augmentam a tristeza e a dor.... Minha querida, minha

saudosa mãe!... Ah! ninguem sabe o thesouro que tem n'uma mãe, senão quando o chega a perder!... (*O conde mostra-se pensativo*). A morte deve ser muito desapiedada para nos roubar aquelle ente que nos gerou em suas entranhas, que nos nutriu aos seus peitos, que nos creou em seus braços, que amparou os nossos primeiros passos na estrada da vida, que derramou risos e consolações sôbre o nosso pranto, que chorou sôbre as feridas da nossa alma: oh! muito, e muito desapiedada.

O CONDE.

E muito feliz se deve reputar uma mãe, quando tem uma filha tão carinhosa, como vós, uma filha tão terna, que não esquece a sua memoria no meio de um prazer e na hora das festas.

D. CATHARINA.

È porque a saudade, e o amor, quando são verdadeiros, e quando estão bem enraizados no coração, tomam mais robustas fôrças quando nos lançâmos no meio dos prazeres, e não temos ahi os objectos que nos são caros! E tambem!... que sei eu?... atormenta-nos um longo pesar, se por ventura, n'esse tumultuar de alegrias, existe o objecto querido do nosso coração, mas sem relação com o nosso amor, e sem avaliar o interesse que nos inspirou. Isto tudo é uma situação bem penosa, e horrivel!... é ter o coração vasio de vida, é senti-lo como um cadaver.

O CONDE.

Na verdade é cousa bem penosa n'uma idade tão encantadora e juvenil, como a tua: na idade dos prazeres e dos amo-

res, não ter um cavalleiro cuja presença nos faça bater o coração, e sôbre quem apoiemos e confiemos o nosso futuro ; porém a ti deves impor essa culpa. Muitos nobres tem requestado, e requerido tua mão, e a todos has despresado, e tratado com isenção. Pediu-te o nobre alcaide de Evora, que podia dispor de mil e quatrocentas lanças.

D. CATHARINA.

Mas as suas palavras duras e ferozes me gelavam a alma, quando o escutava.

O CONDE.

Desprezastes o filho primogenito de D. Gonçalo da Camara, que tinha palacios e riquezas, como um monarcha ; e que hade succeder no condado de Villa Franca.

D. CATHARINA.

Todo o seu merecimento consiste em correr á brida n'um fogoso cavallo, ou esperar um touro na praça para o arremeter.

O CONDE.

Pediu-te o nobre conde de Odemira.

D. CATHARINA.

Que, havendo ja transposto a idade de dez lustros, não se farta, nem cança de fallar em todos os ramos da sua árvore geneologica, e commemorar as façanhas dos seus antepassa-

dos, relatando o mez, dia, e hora do seu nascimento. Emfim, meu generoso tio, todos os cavalleiros, que me tem honrado com as propostas de tão vantajosas allianças, não tem captivado a minha alma, nem disposto o meu coração, e fôra uma grande imprudencia, receber perante os altares, e a sociedade um homem, a quem não podemos amar.

O CONDE.

Creio que não succederà assim com o cavalleiro que agora busca com empenho a tua mão. E o mais é que ja comprometti a minha palavra para se realisar ésta alliança, que julgo muito vantajosa.

D. CATHARINA *com ância.*

O seu nome, meu tio, o seu nome?

O CONDE.

Deves lembrar-te, que o unico parente mais proximo que tens, sou eu, e que portanto devo intervir na tua sorte, com auctoridade paternal. A tua idade e a tua posição no paço, reclamam um espôso, e a occasião é a mais vantajosa e acertada para o haver, porque D. Luiz....

D. CATHARINA *com alegria.*

Luiz de Camões....

O CONDE *com fôrça.*

Nunca ! oh ! nunca, Catharina !...

D. CATHARINA.

É nobre....

O CONDE.

Embora elle descenda de uma familia illustre e nobre, não tem um solar que te offereça, nem cabedaes com que sustente uma dama do paço.

D. CATHARINA.

Tem coração e cabeça.

O CONDE.

Não ha dúvida que é o talento de melhores esperanças, que se conhece na côrte, e as primicias da sua musa são na realidade admiraveis; porém um genio sem meios é um diamante enterrado no po.

D. CATHARINA.

E comtudo não deixa de ter o mesmo valor.

O CONDE.

Eu préso muito a Luiz de Camões; é um cavalleiro de boa presença, bem fallante, muito ledor, e excellente poeta; e tanto que o convidei para o sarau de hoje, (*exaltando-se*) mas eu o aborreceria, eu o perseguiria, se por ventura alevantasse o seu pensamento até á parenta do conde da Castanheira.

D. CATHARINA.

Oh meu tio! meu tio!

O CONDE.

E para qne uma paixão desgraçada não venha occupar a innocencia do teu coração, fôrça é que desposes a D. Luiz conde de Arraiolos.

D. CATHARINA.

Não sonha senão em guerras e montarias; e dizem na côrte, que nem ao menos sabe assignar os papeis da sua casa.

O CONDE.

É nobre e rico.

D. CATHARINA.

E de que serve um título herdado de nobre, e muitas riquezas, quando o coração não está contente?

O CONDE.

Dei a minha palavra, e desejo ser obedecido; porque, aliás, apoz dos rogos do amigo vem a auctoridade do parente.

D. CATHARINA.

Oh! senhor, senhor!... por piedade!... não sacrifiqueis a minha vida, fazendo de mim uma ruim espôsa.

O CONDE *com ameaço.*

D. Catharina!

D. CATHARINA *com dor, e chorando com explosão.*

Ah ! minha mãe, minha querida mãe ! vigia sôbre a orphandade de tua desgraçada filha.

UM PAGEM *á porta.*

Tem concorrido muita fidalguia, e nobreza para o sarau ; e a condessa, minha senhora, vos manda avisar, que acabam de chegar d'Almada duas barcas com damas, e cavalleiros que é mister irdes honrar.

O CONDE *ao pagem.*

Que ja vou.... (*Vai-se o pagem. Depois d'alguma pausa, e com sombria expressão.*) Minha boa sobrinha, o dia de hoje era um dia destinado ao prazer, porque celebra-se o natal de minha espôsa ; mas as vossas repulsas me acordam no coração um descontentamento horrivel. Praza a Deos, que ésta paz e harmonia, que entre nós tem reinado, não se turve com a pertinacia de vossa mà vontade.

D. CATHARINA *cahindo n'uma cadeira, e como subjugada pela dor.*

Ah ! (*O conde sahe, e ao abrir da porta sente-se um pagem annunciando n'uma sala proxima differentes pessoas que entram*).

PAGEM *dentro.*

O senhor D. Lopo de Mascarenhas, o senhor D. Nuno de Mello, o senhor conde de Tentugal, o senhor Luiz de Camões...

D. CATHARINA *levantando-se, como acordando d'uma larga, e profunda meditação.*

Oh ! meu Deos.... meu Deos!... (*Pausa*).

## SCENA III.

D. CATHARINA *só.*

As tuas palavras são graves e tremendas, ambicioso conde ; porém mais tremenda e solemne será ainda a minha constancia. E este amor.... este amor poderoso e violento que consagro ao cavalleiro, que não tem um solar para offertar-me, será tão firme como a minha vida, e tão eterno como a minha alma. (*Pausa*). Se uma só d'aquellas palavras, com que elle me embriagou o coração, fossem leaes e verdadeiras! Se aquelles protestos partissem do coração, cuja posse tanto ambiciono, então eu despresaria todas as soberbas d'estes grandes, e com elle, cercada de pobreza e no centro da solidão, certa da constancia do seu amor, eu não teria a mais leve saudade d'esta vida de grandezas, que tanto me entristece. (*Páusa*). Oh! se eu tornasse a escutar dos seus labios aquelles protestos que elle tanto animava com a magia das suas palavras! Se eu podesse saber, ao-certo qual a dama ditosa que tem a posse do coração do exellente Luiz de Camões!...

## SCENA IV.

**LUIZ DE CAMÕES** *vestido de festa, entrando, e* **LEONOR** *seguindo-o, a qual se vae collocar ao fundo da scena, e sahe logo.*

CAMÕES.

Vós, Senhora.

D. CATHARINA *sobresaltada.*

Meu Deus.

CAMÕES.

Sois vós, senhora, esse ente poderoso, em tôrno do qual a minha alma voa agitada e em longa agonia, porque ainda os vossos labios não se abriram para me dizer — eu tambem te amo! Ésta incerteza é peior que um tormento do inferno, é mais cruel que a agonia d'um longo pezadello, oh! senhora...

D. CATAARINA.

Meu Deos! eu tremo pela vossa sorte, e pela vossa vida, se por ventura sois descuberto n'este logar. Senhor, sahi.... depressa.... que vos não vejam....

CAMÕES.

Sêde tranquila, senhora. Vosso tio está agora recebendo os cumprimentos dos seus convidados; e eu, auxiliado pela vos-

sa aia, vim a buscar-vos para ouvir, ou a esperança da minha felicidade, ou a sentença da minha condemnação.

D. CATHARINA *com fogo.*

E que tenho eu a dizer-vos, formoso cavalleiro, que tenho a confessar-vos, senão que fostes o primeiro homem, que me abalou o coração, e m'o entristeceu profundamente, e que d'esde a primeira vez, que os meus olhos se encontraram com os vossos, e a minha alma vos escutou, não tem havido para mim outro pensamento senão o vosso amor, outra idéa, senão a vossa posse?... Ah! talvez que eu seja bem indiscreta em revelar este segredo que devia morrer occulto no meu coração; mas... amo-vos tanto como nunca mulher alguma amou n'este mundo.

CAMÕES.

Ah! tu me enlouqueces d'alegria com essas palavras arrebatadoras, que me arrancam de um purgatorio de tormentos para me lançarem n'uma existencia de prazer e felicidade! oh !... amado por ti, formosa Catharina, amado pela mais bella dama da côrte de D. João III, amado pela parenta do poderoso conde da Castanheira,

D. CATHARINA.

È d'esse homem, que o nosso amor tem muito a temer. As suas ambições e soberbas lhe alevantam o pensamento para alianças pomposas e ricas....

CAMÕES *com tristeza.*

Que, deslumbrada pelo seu brilho e esplendor, haveis acceitar, e desprezar-me.

D. CATHARINA.

Nunca, Luiz de Camões, oh! nunca!... Juro-te, que ou serei tua espôsa muito querida, ou então o tumulo me receberá com a coroa de donzella : porque, quando eu não fosse certa do teu amor, morreria de pezar.

CAMÕES.

Que fatal presentimento, minha bella Catharina! que fatal e ruim agouro!...

D. CATHARINA.

O ceo nunca desunirá dois corações, que tanto se amam.

CAMÕES.

E com effeito muito te amo e te idolatro, minha querida do coração. Amo-te como o proscrito póde amar a terra da patria, como o cego póde amar a luz, como o condemnado póde amar a liberdade. Tu me disseste ha pouco, que me tinhas amado d'esde a primeira vez que me escutàras, porém eu ja te amava e idolatrava, antes de te haver visto e conhecido. Quando eu fazia os meus estudos em Coimbra, e pela tarde sahia a espalhar melancholias pelos arrebaldes d'aquella poetica cidade, sumindo-me pelo valle silencioso e melancholico do Penedo da Saudade, ou abrigando-me na solidão casta

e recolhida da fonte dos amores, ou aspirando debaixo d'aquelles frondosos cedros a fragancia das violetas e da madresilva, ou emfim sentando-me por essas margens saudosas do Mondego, bordadas de flores e resguardadas pela sombra dos ulmos e dos salgueiros: no meio d'essas longas meditações, Catharina, suppunha eu um ente rodeado de graças e formosura, um ente que eu desejava me fosse destinado pelo ceo, para a eterna felicidade do meu coração! Mas acordava afinal d'esse sonho encantador, com que a imaginação me illudia; e não topava com a realidade d'esse ente. E então o meu coração se abysmava em profundas tristezas! tristezas que ainda hoje me não largaram; porque conhecer-te, e não contar eternamente com a tua posse é um martyrio d'âncias, e agonias, que me poem a alma em acerbos tormentos!... A final vim á côrte, e encontrei em ti, Catharina, admirei nas tuas feições, e na magia das tuas palavras, a realidade do ente que por alguns annos fôra o sonho querido da minha vida.

D. CATHARINA.

Logo a nossos corações intenderam-se?

CAMÕES *olhando-a com extasi.*

E só a morte os hade separar! Quando eu, formosa Catharina, media os vôos atrevidos do meu talento, e discorria por esse mundo de deslumbrantes fascinações, que forjam as imginações vivas, e exaltadas, decidia comigo não haver limite, que a minha alma não altrapasse, não gôso algum que podesse saciá-la; porém diante da tua formosura e do teu amor, eu não encontro fôrças na minha alma para medir, e avaliar ésta

grande felicidade, que me rodeia, escutaddo da tua bocca uma confissão, cuja realidade faz a ventura do meu coração, e a eterna felicidade da minha vida. (*Toca-se a musica no sarau*).

D. CATHARINA.

Oh! que tão apressadamente correu este tempo.

CAMÕES.

Se elle era tempo de felicidade!...

D. CATHARINA.

Já começam as danças no sarau, e a minha falta talvez tenha sido alli reparada: é forçosa pois a nossa separação.

CAMÕES.

E não serà possivel tornarmo-nos a fallar?

D. CATHARINA.

Que sei eu?

O CONDE DA CASTANHEIHA, *assomando a uma das portas; encoberto pelo resposteiro, e sem ser apercebido pelos actores, escuta attentamente.*

CAMÕES.

Talvez que no correr do sarau houvesse uma occasião opurtuna para tornar a fallar-te, para gozar a harmonia das tuas

palavras, para te dizer mil vezes que es bella, que es formosa, e que te amo com um fogo do ceu.

D. CATHARINA *depois de meditar um pouco.*

A' meia noite serei comtigo e a minha aia no jardim, tu me aguardarás juncto à estatua de Petrarca.

CAMÕES.

Eu serei tão prompto, como o pensamento.

D. CATHARINA *estendendo a mão que Camões beija*

A Deos, meu querido amante: até à meia noite.

CAMÕES *em acção de partir e olhando-a com extasi.*

A' meia noite no jardim.

O CONDE DA CASTANHEIRA *á parte com voz sombria, sem que seja presentido.*

A' meia noite no jardim.

## SEGUNDO QUADRO.

No jardim do palacio do conde da Castanheira. A um dos lados vista do palacio magnificamente illuminado, de outra parte o perfil da cidade de Lisboa. Ao fundo uma vista do Tejo com algumas embarcações, que se distinguem ao luar. Ao levantar do pano as vidraças do palacio estão abertas, e sente-se o alarido, e a musica da festa, mas, depois de algum tempo, os pagens as vem fechar, e o rumor diminue consideravelmente. Ouve-se n'uma torre bater meia noite, e os alertas das sentinellas nocturnas, que vigiam as naus, e o castello. Algumas estatuas e bustos de marmore, adornam o jardim, e, no segundo plano da scena, ha a estatua de Petrarca, que se distingue das outras pelo seu nome em lettras pretas, que estarão gravadas no pedestal. Ha uma escadaria de marmore que vae dar á entrada do palacio.

### SCENA V.

**D. LOPO DE MIRANDA, D. RUY DIAS.** *Muitos cavalleiros discorrem pelo jardim, encontrando-se em grupos, conversando entre si, e animados de differentes sentimentos de alegria e prazer.*

D. LOPO DE MIRANDA.

Não ha do que duvidar, D. Ruy Dias; os brilhantes saraus da côrte do magnifico D. Manoel passaram para o palacio do

valido de D. João III. Eu nunca vi nos paços reaes um luxo, e um apparato tão deslumbrante, como aquelle que hoje tem ostentado o poderoso conde da Castanheira.

D. RUY DIAS.

É que chegámos a uma epocha em que se cumpre o texto dos livros santos:—os poderosos serão despenhados do seu throno, e os humildes o subirão desvanecidos e enfatuados. — Ainda não ha muitos annos, que D. Antonio d'Atayde não tinha posses com que sustentar um falcão, mas d'esde que é conde e valido, tem riquezas e magneficencias como um monarcha; tem soberbas palacios, rendosas herdades....

D. LOPO DE MIRANDA.

Compradas com dinheiro roubado dos cofres do estado.

D. RUY DIAS.

Assim o publica toda a côrte, e assim o murmura a nação inteira. (*Continuam a conversar entre si, passeando*).

UM CAVALHEIRO *n'um grupo.*

Não sou do vosso parecer, D. Mendo. A filha do conde de Atouguia, é na verdade uma belleza admiravel ; uma belleza encantadora, mas junto a D. Catharina d'Atayde fica de todo eclipsada. Ella é bella entre as mais bellas, e formosa en-

tre as mais formosas, ella lhes sobresahe como a lua entre as estrellas, ella brilha como o sol entre os mais astros. Vem observá-la comigo ; ( *a um cavalheiro* ) e vós, D. Nuno, vinde ser juiz d'este pleito. ( *Os trez cavalheiros do grupo sobem a escadaria.* )

OUTRO CAVALHEIRO *n'outro grupo.*

Camões, meus senhores, é um imprudente tresloucado, uma verdadeira cabeça de poeta. Metteu-se a requestar o coração da parenta do valìdo; mas esse attentado póde-lhe talvez acarretar um degredo perpétuo para a India. Bem vi que a nobre dama o attendia com predilecção, mas tambem vi que o conde,reparando n'isso, andava com o semblante carregado; e como quem tinha no coração uma lucta de affectos terriveis.

UM PAGEM *assomando ao cimo da escada.*

Vae partir uma barca para Almada : nobres senhores e cavalheiros, a barca vae partir.

CAVALHEIROS *em vozes confuzas.*

Para a Almada.... Almada que são horas. ( *Sobem em tropel a escadaria. D. Lopo è o ûltimo que vae a sahir; e repara em Camões que vem descendo lentamente e pensativo.* )

## SCENA VI.

### D. LOPO E CAMÕES.

D. LOPO.

Decididamente não voltas comnosco para Almada, Camões?

CAMÕES.

Decididamente não volto ainda para Almada.

D. LOPO.

Logo não terás passagem tão prompta, como agora.

CAMÕES.

A qualquer barraca de pescador, das muitas que estão derramadas por essa praia, e à qual eu bata e offereça um real de prata, terei uma barca que me transporte.

D. LOPO.

Mas não terás nem damas, nem cavalheiros, com quem converses, e discorras sôbre o sarau.

CAMÕES.

Meditarei profundamente com a minha alma, e tão occupado levarei o pensamento, que chegarei a Almada, sem ter

medido, e avaliado a passagem, e como se fôra no meio d'uma alegre companhia.

D. LOPO.

E se não houver um pescador, que, por preço algum, queira perder o somno da madrugada para te transportar até lá?

CAMÕES.

Pernoitarei em qualquer das albergarias da cidade até o alvoracer.

D. LOPO.

Nesse caso não poderás acompanhar a montaria, que amanhã tencionâmos correr na quinta do Alfeite.

CAMÕES.

Não irei à montaria.

D. LOPO.

Ficarás todo o dia solitorio, porque todos os bons homens da villa, todos os fidalgos, e cavalheiros tem promettido ir á caçada.

CAMÕES.

Eu descerei até á margem do rio, e com os olhos prêgados em Lisboa, sentindo o revolver brando das ondas do meu patrio Tejo, meditarei sobre os acontecimentos e sôbre o sarau d'esta noite.

D. LOPO.

Grande motivo te prende a Lisboa!...

CAMÕES.

Grande e poderoso, na verdade.

D. LOPO.

A quem te viu embebido a contemplar a formosura de D. Catharina, e a trocares com ella palavras soltas e apressadas, facil serà advinhar o motivo porque teimas em não voltar para Almada.

CAMÕES.

D. Lopo!...

D. LOPO.

Lembra-te, Luiz de Camões, que com quanto sejas nobre, e tenhas grandes recursos no teu valor e no teu talento, é uma grave imprudencia acordares no coração de D. Catharina de Atayde uma paixão amorosa, porque os seus fructos seriam amargos. Tudo chamaria sôbre a tua cabeça a raiva, o orgulho, e a soberba do conde da Castanheira, que acostumado a olhar para o throno, e fascinado pelo seu esplendor, não attenderia a uma alliança d'esta natureza.

CAMÕES.

Silencio, D. Lopo. ...

D. LOPO.

Refreia os primeiros impulsos do teu coração ardente, pois as paixões, no seu comêço, podem desvanecer-se, mas, depois de haverem tomado fôrça e enrobustecido, é o incendio que não póde suffocar-se.

CAMÕES.

Embora : morrerei consumido pelas suas chamas.

D. LOPO.

Como te approuver, Camões, mas é prudente avaliar os perigos.

CAMÕES.

Estão calculados.

D. LOPO.

Decididamente ficas, Luiz de Camões?

CAMÕES.

Decididamente, D. Lopo de Miranda. A'manhã nos veremos em Almada.

D. LOPO.

A'manhã nos veremos em Almada!.. quem sabe? ( *Pausa* ) Lembra-te que a tua idade é rodeada de perigos,e n'esta cidade ha precipicios fataes, em que o homem se despenha quando mais seguro se julga ( *vae-se* )

## SCENA VII.

CAMÕES *vindo pensativo apoiar um cotovêlo sôbre o pedestal da estatua de Petrarca, e com o rosto encostado sôbre a mão.*

Quem sabe? (*alguma pauza*). Pergunta terrivel que encerra um mysterio, ainda mais tremendo: ella me foi cahir n'alma como um pressentimento fatal!..Dizem que um grande contentamento, traz ordinariameute de involta um pensamento de tristeza: é verdade. Não sei o meu coração porque estremece, e se enlucta depois de ouvir uns labios, que lhe disseram palrvras magicas e arrebatadoras, e se retorce em acerbas agonias, quando vae tornar a ouvir esse anjo de formosura, em quem tenho confiado toda a sorte de minha vida!... As tuas últimas palavras foram tremendas, D. Lopo! (*Alguma pauza: ouve-se o despedir das barcas em alaridos d'alegria, e vozes confuzas de remadores, Camões pensativo.*) Lembra-te que a tua idade é rodeada de perigos, e n'esta cidade ha precipicios fataes, em que o homem se despenha quando mais seguro se julga. (*Com inquietação e amargura*) As tuas palavras são graves, e severas, D. Lopo.

## SCENA VIII.

### CAMÕES D. CATHARINA E LEONOR.

D. CATHARINA.

Tenho-te feito esperar muito, meu nobre cavalleiro; mas depois da tua sahida do sarau era mister dessimular. Agora podemos estar seguros, e à vontade, porque todos te suppõem,

especialmente o conde, ido nas barcas, que agora atravessam o Tejo para Almada.

CAMÕES.

Muito folgo que o conde assim o supponha, porque d'essa sorte podemos estar seguros de alguma suspeita, que podia trazê-lo a este logar, e a arremessar-nos para uma futuro de lagrymas e desesperação : para um futuro horrivel, porque sería de eternas desventuras.

D. CATHARINA.

Diz-me o coração, que olhando-te o rei com tanto favor e attenção, pelas informações que tem das tuas lettras e saber, e interessando eu em nosso favor a graça da filha de Carlos V viuva do principe D. João, o ânimo soberbo do conde se acalmará, e tudo favorecerà a sympathia dos nossos corações.

CAMÕES.

Mas o conde, que d'antes me attendia e me fallava com tanta benignidade, tem-se hoje havido comigo com gesto sobranceiro e carregado ; oh ! estes presagios terriveis espedaçam-me o coração, pois eu antes quero perder a vida do que perder a esperança de possuir-te.

D. CATHARINA.

Os ceus não serão tão desapiedados que cortem, e malogrem um amor tão intenso, e extremoso, como é o nosso.

CAMÕES.

Que sei eu, Catharina?... Entre Deus, e o homem ha mysterios, que o saber humano não póde sondar. Ha virtudes e crimes que, perpetrados n'esta vida, só recebem o premio ou o castigo na eternidade :—quem sabe qual a sorte que nos aguarda?

D. CATHARINA.

É muito desesperar da bondade, e da justiça de Deus.

CAMÕES.

Não, Catharina, é fallar do presente com experiencia do passado e receio do futuro.

D. CATHARINA.

Estàs bastante pensativo, e melancolico, Luiz de Camões, — acaso estás arrependido de me haveres feito uma confissão amorosa, que o teu coração agora recrimina?...

CAMÕES.

Oh! Catharina, não me espedaces este pobre coração, que está cheio do teu amor, e receia tanto perder-te como se receia uma grande calamidade.

D. CATHARINA.

Pois se os nossos corações estão tão empenhados na sua eterna união, pouco nos deve embaraçar a opposição dos ho-

mens, e os contratempos do destino. Eu tenho em nada éstas pompas, éstas magnificencias dos palacios, e avalio em grande preço a vida ignorada d'um alvergue passada na tua companhia.

CAMÕES.

Oh! mas eu nunca sería feliz, havendo-te despenhado d'um throno de grandezas.

D. CATHARINA.

Tu me pagarias esse sacrificio com o amor do teu coração, e eu me daria por contente.

CAMÕES.

Ah! tu és um anjo predestinado, ou para a minha eterna ventura, ou para a minha eterna desgraça.

D. CATHARINA.

Para a nossa eterna ventura.

CAMÕES.

Quem sabe? Eu d'esde o seio de minha mãe parece que fui fadado para tragar tristezas e amarguras. Em Coimbra, fugia eu às alegrias, e festas de uma mocidade fogosa, e alheia a cuidados, para me ir sepultar em solidões ignoradas ; e alli coava tristezas no fundo do coração. Quando nos saraus era a minha musa convidada para celebrar o objecto da festa, a minha poesia era uma canção saudosa e repassada de me-

lancholia ; era um threno de suspiros, em que a minha alma derramava as suas penas, e sentir occulto. Hoje mesmo, quando no sarau fui instado para dizer alguma coisa em rithma, fi-lo tão carregado de tristeza, que na verdade não condizia com o objecto que se festejava.

D. CATHARINA.

Mas com quantos applausos foste acolhido, e saudado! Aquella approvação solemne e geral, que partiu de todos os angulos das salas, tocaram tanto, e com tanta ímpressão a minha alma, que eu estive a ponto de commetter a imprudencia de ir ajoelhar a teus pès, e dizer-te —salve rei da poesia portugueza, salve rei do meu coração, e do meu amor!...

CAMÕES.

Oh! se a minha vida não te estivera ja toda consagrada, eu t'a daria por essas palavras.

D. CATHARINA.

Que differença entre a sublimidade das tuas canções e as trovas frias e geladas dos menestreis, que te precederam! O alaude d'estes é affinado pelo interêsse ; e a tua rica e sublime lyra é inspirada pelos sentimentos do coração. Oh! que ufana e contente fiquei quando vi desatar de teus labios aquelles mananciaes de poesia ; e quando escutei aquelles repetidos vivas, e applausos, cujos eccos ainda tenho no coração.

CAMÕES

E só no teu coração, ê que elles hande permanecer ; porque

o enthusiasmo em corações que nada tem de commum com o nosso genio, esvae-se tão rapido, como uma sêde d'agua derramada na areia do deserto. E inda mal que, apoz d'esses applausos forçados e complacentes, vem quase sempre o murmurar sinistro e peçonhento da inveja. Eu não sei, Catharina, eu não sei porque ordinariamente o genio, e o talento contam tantos inimigos.

D. CATHARINA.

É porque a superioridade d'um homem de genio é um vexame, é um pezadello, que os outros homens não podem supportar : e buscam todas as traças para o deprimir, e vexar : é um crystal, cujo brilho os cega, e elles buscam embaciá-lo com o halito da detracção, e da calúmnia. Mas este proceder só parte d'almas vis e baixas, porque as almas superiores lhe prestam tributos d'admiração e respeito, que os deve forrar d'essas murmurações sinistras, que em nada diminuem, antes realçam o merecimento real do genio.

CAMÕES.

O genio, dizes tu : oh ! esse anjo, que encarna n'alma de alguns homens, só tem as suas flores e as suas homenagens sôbre o tumulo : a posteridade é o unico juiz imparcial, que grava na história uma sentença irrevogavel. Ha homens de merito, Catharina, cujas obras foram conhecidas depois do tempo caminhar largos annos sôbre a sepultura do auctor, e por certo que isto hade ser uma dor espedaçadora, que corta a alma do homem de talento ! Sim !... não ha n'este mundo um sentimento mais pungente, do que um homem conhe-

cer a sua superioridade, reconhecer a importante missão, que veio desempenhar entre os homens, e sentir, e desenganar-se que os homens o não comprehendem, e sentir aproximar-se da morte, e contemplar prostrada a estátua de glórias, que a sua imaginação levantára. Ah! por certo que isto é um trance de longa agonia e de tremenda desesperação.

D. CATHARINA.

Não succederá assim comtigo, porque todos hande reconhecer a superioridade do teu genio; e presta-lhe acatamento e respeito.

CAMÕES.

Quem sabe? Se a minha vida for prospera todos applaudirão os meus escritos, ainda que sejam coisas miseraveis, mas se o braço do destino se estender contra mim e me prostrar, todos fugirão de mim como d'um empestado; e se algum instante me attenderem hade ser para affrontarem a minha desgraça, e retalhar-me golpe a golpe o coração curtido de dores. O homem em cuja testa o anjo da poesia imprimiu o seu ósculo de fraternidade encontra na carreira da vida embaraços fataes, com que tem a luctar: queira Deos que ésta sina cruel não haja de se cumprir contra mim em toda a sua extenção.

D. CATHARINA.

Oh! não será assim, meu excellente poeta, meu prezado homem de lettras. Abandonemos éstas meditações que tanto affligem a tua alma. Quando voltas tu para Almada?

CAMÕES.

Eu sei, Catharina?.. D'esde que te vi pela primeira vez estou um perdido, e não tenho pernoitar certo. D'esde esse instante querido quase todos os dias venho a Lisboa, e passo horas inteiras junto dos paços reaes para te ver; e muitas vezes cahia a noite, sem que á minha alma luzisse esperança. D'esta sorte tenho curtido acerbas horas de tardança ; mas soffrer por teu respeito tem para mim um não-sei-quê de delicioso, que torna menos aspero o estado d'incerteza, a que me vejo condemnado.

D. CATHARINA.

Oh! eu desejo ver-te muitas vezes, porque o coração de uma amante só està contente quando tem deante dos seus olhos o escolhido pelo seu coração. Quando te tornarei a ver, Luiz de Camões?

CAMÕES.

Todos os dias, todas as horas, todos os instantes, sempre, Catharina ; logo que assim for da tua vontade. E' necessario porém toda a prudencia, porque, aliás, a minha ruina e a tua desgraça seriam forjadas por esse homem soberbo, e orgulhoso que tem os seus brasões por idolos, e em conta de grande valia o seu posto junto ao monarcha para menoscabar os outros ; em fim é mister prudencia para não sermos perseguidos por esse conde de Castanheira, que é um homem temivel.

## SCENA IX.

### OS MESMOS E O CONDE DA CASTANHEIRA.

O CONDE *entrando..*

E bem temivel na verdade, quando tem de vingar uma affronta.

CAMÕES *com assombro.*

Horror!

D. CATHARINA *aterrada.*

Ai!..· (*Entra n'um estremecimento convulsivo, e vae cahir n'um banco de marmore, onde ê soccorrida por Leonor*).

O CONDE.

Não era ésta a gratidão que eu tinha a esperar d'um cavalleiro, que hei recomendado a el-rei; e a quem tenho enchido da minha confiança, e recebido em minha casa.

CAMÕES.

Senhor... eu amo-a!

O CONDE.

Isto é uma grande infamia, senhor Luiz de Camões, é uma acção propria d'um judeo, e nunca d'um christão, e d'um cavalleiro, que traz ao seu lado uma espada.

CAMÕES *com intenção*

Senhor!... Vós o dissestes... que traz ao seu lado uma espada.

O CONDE.

Sois um mancebo louco e arrojado que nos aproveitais da hospitalidade, e da amizade scincera e leal para lançares uma mancha na reputação da minha familia.

CAMÕES.

Eu amo a D. Catharina, com amor de irmão e de espôso.

O CONDE.

Mas ella recuza o vosso amor!..

CAMÕES.

Tambem me ama com o mesmo affecto.

O CONDE *com ameaço.*

E é isto verdade, senhora ?

D. CATHARINA *cobrando resolução.*

Tão verdade, senhor, que jurei, e juro só a elle pertencer.

O CONDE.

Ah ! então !... maldição sôbre ti mulher ; (*a Camões e com uma especie de rugido*) e todo o horror da minha vingança contra ti.

CAMÕES *supplicando*.

Ah ! não queiraes separar dous corações, que tanto se amam !

O CONDE.

Insensato !... Mil vezes insensato !...

CAMÕES *com dignidade*.

Senhor conde ! o homem que vos supplicou é um cavalleiro de antiga linhagem ; tem o direito de cingir uma espada, e deu-lhe Deos energia no coração, e fôrça no braço para repellir insultos.

O CONDE.

O vosso proceder tem-vos tornado um cobarde.

CAMÕES *levando a mão ao punho da espada e batendo o pe*.

Senhor conde !

O CONDE *cruzando os braços*.

Senhor Luiz de Camões !

D. CATHARINA *em afflição e vindo a ambos.*

Ah ! piedade.... piedade de mim !...

CAMÕES *embaraçado.*

Oh ! isto é bem cruel !

O CONDE.

Na verdade é bem cruel, e bem estranho ver um cavalleiro, que não tem uma duzia de maravadis, bater o pe ao primeiro nobre da côrte de D. João III, ameaçá-lo com um bater nos copos da espada, depois de haver affrontado a sua honra, e violado as leis da hospitalidade : na verdade isto é acção propria d'um infame, senhor Luiz de Camões.

CAMÕES *descalçando a luva e atirando-a.*

E as vossas palavras são d'um cobarde. Um duello.... senhor, um duello !...

D. CATHARINA, *collocando-se no meio d'elles.*

Oh ! tende piedade de mim !... Um duello ! ah ! não vos mateis, como infieis, por meu respeito.

CAMÕES.

Ah ! (*Mais calmo.*) Senhor conde, fazei de mim o que vos approuver. (*levanta a luva.*) Depois das palavras d'este anjo

de paz, desisto medir a minha com a vossa espada : — o arco da minha colera desarmou-se.

O CONDE.

Eu podia, Luiz de Camões, atirar com a tua cabeça fóra do corpo, porque elevou o pensamento até a uma dama da côrte ; o que é um crime severamente punido pelas leis do reino. Podia mandar-te açoitar pelos meus servos, como se faz a um truão desbocado, podia mandar-te correr á vista dos meus convidados, como se faz a um judeo, podia romper-te esse peito com golpes de punhal, e depois arremessar-te à corrente do Tejo, que banha as cercanias d'este palacio.

D. CATHARINA *com energia.*

E âmanhã, senhor, em vez de um cadaver, o rio havia arrojar dous !

O CONDE.

E o segundo havia ser....

D. CATHARINA.

O meu !

O CONDE.

Oh ! é muito, é muito : tremam do meu furor e da minha vingança. (*Vae precipitado ao fundo da scena.*) Senhor meirinho da cidade e officiaes das justiças d'el-rei. (*Entram o meirinho e officiaes.*)

CAMÕES.

Oh ! Isto é uma infamia !

O CONDE.

Aqui tendes o seductor : cumpri as ordens que vos estão dadas.

D. CATHARINA.

Ai ! (*cahe redondamente no chão como fulminada por um raio.*)

CAMÕES *com assombro.*

Ah ! Horror ! Maldição !...

# II.

Eu me aparto de vós, nymphas do Tejo,
Quando menos temia ésta partida :
E se a minha alma vai intrestecida.
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leva vencida,
Presto verão o fim à triste vida,
Se vos não tórno a ver como desejo.

Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verão de mim partir vossa lembrança,
Amor, que vae comigo o certifica.

Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia,
Saudades do bem que em vós me fica.

Camões *Soneto CLXIV*.

# ACTO II.

## TERCEIRO QUADRO.

Nos paços reaes de D. João III em Lisboa. Uma sala rodeada com tamboretes de couro da Hungria, tauxeados com grandes pregos amarellos. Uma porta ao fundo, resguardada por um rico reposteiro de veludo carmezim, guarnecido com galão dourado, e com as armas reaes de Portugal no centro. Ao lado esquerdo do actor uma porta que diz para o interior dos aposentos reaes, ao direito outra que communica com as salas de espera, onde se suppõe estarem varias pessoas e pretendentes, que aguardam fallar a el-rei. Muitos fidalgos e cortezãos conversam em grupos, outros passeiam pelo fundo da scena.

### SCENA I.

D. ALEIXO E O CONDE DA CASTANHEIRA.

D. ALEIXO

É uma verdade cruel e dolorosa, o que vos acabo de dizer, mas ainda mal que é uma prophecia funesta que tem de cumprir-se ; porque as nações assemelham-se à vida dos ho-

mens : — depois da edade florescente e activa, vem a decrepitude e a morte.

O CONDE.

Não permittirà Deos que o vosso agouro se cumpra no reinado do nossso piedoso monarcha.

D. ALEIXO.

Quem sabe ?... O germen da nossa actual decadencia, e o das nossas futuras desgraças, ja foi lançado no reinado do venturoso senhor D. Manoel : porque o luxo ó o cancro mais terrivel que corroe as sociedades e as familias ; e o fundador de Belem gastou em luzidos saraus as riquezas que nos vinham do Oriente, em vez de as aproveitar em rotear tantas charnecas, que ainda cobrem este reino, tão pequeno e tão acanhado em sua extensão, quanto grande e sem limites nas suas arrojadas emprezas.

O CONDE.

Temos ainda grandissimos recursos : somos ainda o que fomos.

D. ALEIXO.

Enganaes-vos, senhor : — ja não somos o que fomos. Quando se nos acabe a navegação, que é agora o nosso unico recurso, a desgraça e a miseria se derramarão por ésta infeliz nação, que, sentada sôbre as ruinas da sua grandeza, contará o

seu passado glorioso ; e depois estenderá às demais nações um braço mirrrado e trémulo para esmolar o obolo da vergonha ; e muitas vezes, senão sempre, terà um riso,e um doesto em recompensa de tanta humildade, se é que não chegarem a as sanhar o cão furioso contra o leão moribundo.

O CONDE.

Ainda nos sobram grandes possessões no ultrr-mar, senhor D. Aleixo de Menezes.

D. ALEIXO.

Que afinal, senhor conde da Castanheira, nos hande ir pela mesma trilha de Çafim, de Azamor, de Alcacer, d'Arzilla, e do Cabo de Gué, que nós haviamos descoberto atravez de tantos perigos, conquistado com tanto valor, ractificando e sellando a escriptura d'esta posse com sangue portuguez e honrado. Melhor fôra, senhor conde, melhor fôra que as quantias despendidas na edificação de conventos para abrigar homens que se tornam braços mortos na sociedade, e temiveis pela sua hypocrisia, e perniciosas intrigas, fosse votado a coisas de mais reconhecida utilidade.

O CONDE.

E que coisa de maior utilidade do que a propagação da nossa sancta religião ?

D. ALIXO.

A moral santa do evangelho prégada e praticada pelo Christo filho de Deos, não carece d'estes apparatos de soberbos mos-

teiros e de templos sumptuosos para demonstrar a sua excellencia, e as provas de sua santidade. Essas instituições, no seu comêço apresentadas com grandes vistas de vantagens, vem afinal a servir de coito para vida de madraços que, no acanhanhamento do claustro, se tornam genios turbulentos e inportaveis.

O CONDE.

Com esses principios não santificaes a instituição dos Jesuitas, nem a creação do santo tribunal da Inquisição, que o nosso pio monarcha auxilia para extirpação de infieis e hereges ?

D. ALEIXO.

Nunca, senhor conde, nunca !... Esses dous cancros mortaes, hande acabar com o genio e com a felicidade d'ésta briosa nação. Os Jesuitas, auxiliados pelo cardeal D. Henrique, vam-se introduzindo no paço, como a serpente no paraiso terreal....

O CONDE.

As suas virtudes eram apregoadas por todo o orbe catholico ; e eu influi muito com el-rei para que fizesse a sua recepção n'estes seus dominios.

D. ALEIXO.

Por isso o futuro amaldiçoarà a vossa memoria.

O CONDE.

Que dizeis, senhor ?

D. ALEIXO.

A verdade.

O CONDE.

Vós abusais do respeito das vossas cans para soltardes palavras desabridas contra a pessoa do rei, e contra a authoridade do seu ministro.

D. ALEIXO.

Quando digo lealmante o que sinto na consciencia, senhor conde, não temo o desfavor dos reis, nem a sanha de seus ministros, e vós bem o sabeis. Nunca deixei de erguer a minha voz para fazer opposição a certas providencias que haveis aconselhado a el-rei.

O CONDE.

Bem sei que tendes sido a minha fatalidade.

D. ALEIXO.

Não vos lembraes do quanto pugnei pelo melhor destino d'esse nobre mancebo, d'esse desventurado Luiz de Camões, quando a el-rei pedieis a sua ruina, com tanto e tão damnado empenho ?

O CONDE.

Lembrae-vos, senhor D. Aleixo de Menezes, que o crime d'esse tresloucado moço me diz absoluto respeito.

D. ALEIXO.

Houve porém a ma fe de se não declarar a el-rei o verdadeiro motivo de seu violento destêrro.

O CONDE.

É um segredo que involve a honra da minha familia.

D. ALEIXO *batendo-lhe no hombro, a meia voz, e com ironia.*

Grande crime commetteu o filho de um nobre, um cavalleiro de tantos talentos em requestar a mão de uma vossa parenta!... Na verdade é um crime horroroso, um crime de lesa-magestade divina e humana adorar as perfeições de D. Catharina de Atayde ; o que é grande em perfeição corporal, confundir-se com o sublime de uma alma de genio.

O CONDE *surprêso.*

Quem vos revelou este tenebroso segredo ?

D. ALEIXO.

Tudo se sabe ja, senhor conde ; e até receio que o monarcha venha tambem a certificar-se da innocencia d'aquelle mancebo, cujo talento vale mais que todas as privanças reaes, do que todas as coroas de condes e duques, mesmo que todos os sceptros de reis, porque os brazões, as coroas e os sceptros da-os um acaso caprichoso, aquelle é uma emanação divina, é um thesouro que ninguem póde roubar ao seu possuidor, é emfim

uma d'essas linguas de fogo da sabedoria celeste, que Deos accende na fronte radiante de alguns homens.

O CONDE.

Tambem eu, senhor D. Aleixo, avalio o talento d'esse mancebo; mas detesto-o com odio de morte, porque ousou levantar o seu pensamento para muito alto.

D. ALEIXO.

O actual representante da muito antiga e nobre familia de Vasco Peres de Camões, senhor de solar na Galiza, o antigo descendente dos antigos senhores de Sardoal, de Marvão e Amendoa, o bisneto do alcaide-mór de Porto-alegre, e do vassalo de Affonso V, honra com a sua alliança a primeira dama de qualquer reino.

O CONDE.

E o que vale essa nobreza de antiga linhagem, sem cabedaes para sustentar o seu brilho.

D. ALEIXO.

Muito mais do que essa nobreza de hontem, nobreza de circunstancias, como a vossa!

O CONDE *com ameaça.*

Senhor!

D. ALEIXO.

A pobreza dos Camões, poderoso valído, vale muito mais do que todo o fausto improvisado dos Castanheiras.

O CONDE *com raiva.*

Oh ! é de mais !...

D. ALEIXO *continuando.*

Porque deante da omnipotoncia do genio esses titulos de um vão orgulho, essa fatua nobreza que ostentaes, esses insolentes brazões, essas genealogias mentirosas desapparecem como o pó soprado pela tempestade. O talento de Luiz de Camões vale mais do que a privança de um ministro ; o genio é sempre nobre e poderoso, embora despenhado no abysmo da miseria.

O CONDE.

Tendes-me insultado bastante, senhor ; e se não fôra o respeito que consagro ás vossas cans....

D. ALIXO.

Havieis cravar-me um punhal nas costas, ou apontar uma espada contra o meu peito, não è assim ?

O CONDE *com desespêro.*

Senhor D. Aleixo !...

D. ALEIXO.

Mas como o meu sangue vos póde imprimir na fronte o sêllo de cobarde asssassino, podeis despedír um raio de perseguição de-junto ao throno ; ou enterrares-me em algum d'esses escuros calabouços da inquisição, d'esse terrivel tribunal, à sombra de cujas fogueiras se aquecerão as vinganças particulares, e se cevarão de sangue e carnagem a ambição e o fanatismo.

O CONDE *levando a mão aos copos da espada.*

Palavras d'essas fazem cahir a cabeça que as concebeu, e gelar os labios que as proferiram. Um duelo, senhor, um duelo ! (*Atira-lhe a luva*).

D. ALEIXO *com gravidade.*

Um duelo !...Era eu ainda muito creança quando me achei na tomada de Azamor; e combati no lado de meu tio D. João de Menezes, como o mais esforçado e experimentado dos combatentes. Andei pela India na qualidade de capitão mór de uma esquadra, e correndo toda a costa da Arabia até ir depois ao mar roxo buscar a armada do soldão da Babylonia , nunca esmoreci no meio de tantos perigos. Pelejei com os Mouros em Judá, assisti à tomada de Zeyla nas costas da Ethiopia, metti de posse da fortaleza de Malaca a Affonso Lopes da Costa, onde combati com o rei de Bintan e lhe tomei o forte de Muar. Venci a Melique Az, combati em Arzila, em Cambaia e em Tanger, e nunca voltei o rosto ao perigo. Cobarde fôra eu, se desembainhasse a minha espada,

temperada nos soes d'Africa, e experimentada em tantos combates, para levantar a luva de um cortezão efeminado, que deve um titulo ás suas intrigas, que deve a sua posição á hypocrisia fradesca.

O CONDE.

Senhor...

D. ALEIXO.

Guardae a vossa luva para a offerecerdes ao leigo de algum convento, nobre ministro de D. João III. (*Com o pè arremessa-lhe a luva*).

O CONDE *como furioso.*

Ah! vingança, vingança!

D. ALEIXO.

Não me apanharà desapercebido. (*Rumor nas salas da esquerda, agitação nos actores, que se apreslam para abrir alas: um arauto assomando â porta diz*: — Passagem a el-rei).

## SCENA II.

OS MESMOS E D. JOÃO III, SEGUIDO DO PADRE LUIZ GONSALVES DA CAMERA, E DE OUTROS FIDALGOS.

D. JOÃO.

A graça do Senhor seja comvosco.

TODOS *inclinando-se.*

Saude a el-rei. (*Todos os actores tomam o fundo e os lados da scena. D. João e o conde da Castanheira vem para o primeiro plano da scena*).

O CONDE.

Depois da missa busquei fallar a vossa alteza ; mas encontrei-o no oratorio, rezando as suas pias devoções; e não me atrevi a interrompê-lo, porque as coisas do ceo devem prevalecer às coisas d'esta vida caduca.

D. JOÃO.

Bem dito, bem dito, meu caro ministro. Rezava para que Deos prospere os meus estados, e para descontar na sua misericordia as minhas grandes culpas de peccador.

O CONDE.

Mal da minha alma, senhor, se á vossa não está ja preparada no ceo uma grande coroa de glória, por quanto aos thronos de christandade, depois de S. Luiz de França, ainda não subiu um rei tão catholico, tão piedoso, e tão decidido contra os inimigos da fe, como vossa alteza.

D. JOÃO.

Oxala que eu assim seja avaliado na balança da justiça divina. Tenho feito o que posso pelo engrandecimento da

fe, Deos perdoe aos meus antepassados, não haverem extirpado até á raiz ésta peste da incredulidade, que tem arruinado os imperios. O desacato, que aquelle mal-aventurado herege perpetrou em minha presença, despedaçando a hostia, e entornando o calix, ja tornado corpo e sangue de Christo, tem-me encerrado ésta alma em perpétuo luto ; e é uma dor que me cava a todas as horas a sepultura, em que breve depositarei o corpo.

O CONDE.

O duro exemplo que sôbre elle se praticou devia atemorisar os infieis, porém elles tem ido avante com suas erradas doutrinas.

D. JOÃO.

O santo tribunal da inquisição vigiará sôbre essas viboras damnadas, e queimará as erradas doutrinas dos hereges e infieis, com as cabeças que as alimentarem.

O CONDE.

Os seus carceres ja estão atulhados de victimas do êrro ; e no primeiro auto de fe, a que vossa alteza hade assistir com a sua côrte, se verà quantas raizes pestiferas tinha estendido a àrvore da morte. N'esse auto solemne e magestoso a religião de Christo ganhará triumphos, como na perseguição dos martyres, e os filhos do peccado morrerão com a blasphemia gelada aos labios.

D. ALEIXO *descendo gravemente a scena e com solemnidade.*

E os odios, as intrigas, e as vinganças particulares, e um

fanatismo horrivel e maldito se aquecerão ao clarão de suas fogueiras.

D. JOÃO.

Que estranho fallar, D. Aleixo !

D. ALEIXO.

Bem estranho na verdade, porque vossa alteza apenas tem escutado as palavras da serpente, e não a voz da verdade que falla em nome de Deos. As intrigas e as ambições do claustro, tem enredado o vosso espirito docil e timido; e com os horrores do inferno tem atemorisado a vossa alteza. O fanatismo é o peor dos horrores, e a mais temivel peste, que póde vir a uma nação : a inquisição é a peste que hade assolar, é o astro medonho onde o crime se accoutará para devorar as suas victimas.

D. JOÃO.

Se vos não conhecêra, D. Aleixo, jurára que havies conspurcado a vossa alma com o espirito immundo da heresia.

D. ALEIXO.

Em quanto vossa alteza despende grossas quantias do erario real para moradas de frades, em que a architetura adulterada deixa ver o nosso espirito ja abatido, e mui dissimilhante do do reinado do Mestre Aviz, em que mestre Matheus Fernandes escreveu em marmore uma bella pàgina da nossa história; em quanto isto se pratíca, senhor, os grandes

capitães que alargaram o vosso reino, e lidaram uma vida inteira em perigos e batalhas; morrem nos hospitaes; e os homens de lettras, os nossos bellos escriptores, mendigam um bocado de pão, e jazem em vergonhoso desprêzo, em quanto Diogo de Teive, Antonio de Gouveia, Buchaunan, Angelo Policiano, e outros estrangeiros, foram convidados e favorecidos para vir ensinar portuguezes, quando havia portuguezes que se podiam encarregar com mais vantagem e propriedade d'este mister. Que é isto senão vender o espirito de nacionalidade ao espirito immundo do estrangeirismo? Que é isto senão tirar o pão aos nossos filhos, para o dar a estrangeiros, que ao depois hande escrever para suas patrias—estamos em uma terra de barbaros. Senhor, senhor, vossa alteza, não tem cuidado, como devêra, da verdadeira prosperidade de seus estados e dos seus vassalos. (*O Conde da Castanheira demonstra a mais viva inquetação e rancor.*)

D. JOÃO.

Tomâra eu ja agora cuidar da salvação da minha alma, em quanto meu neto, que entra os umbraes da vida, e educado com maximas santas cuidará melhor das coisas do reino.

D. ALEIXO.

Oxala que elle cuide, e que não deixe que cuidem por elle.

D. JOÃO.

Que desabrido me pareceis.

D. ALEIXO.

Fui creado assim.

D. JOÃO.

Bem sei que sois um vassalo leal e de conselho, como oxala houvesse sempre um junto a cada throno.

D. ALEIXO.

Não sei mentir, não sei adular, digo as coisas como as sente a minha alma.

D. JOÃO.

Pois não quero que me faleis mal dos filhos de Loyola, nem do tribunal do santo officio.

D. ALEIXO.

Fallarão os seus actos ; e se cumprirà a palavra das escripturas, — pelas suas obras os conhecereis.

D. JOÃO.

Esquecia-me dizer-vos que a graça que me implorastes vos està deferida.

D. ALEIXO.

Não vos implorei graça alguma, senhor, requeri-vos justiça.

D. JOÃO.

Pois bem, essa graça ou essa justiça vos está defferida ; e, a éstas horas, Luiz de Camões ja tera sahido da terra do exilio, e demandado a côrte, para eu lhe fazer o favor que em minhas fôrças caiba.

D. ALEIXO

Nunca vossa alteza se arrependerá d'este acto de justiça, praticado com um grande e poderoso talento, talento tal que destinguirà e extremará o vosso reinado, como a apparição de um cometa sécular, distingue o anno em que passa pelo nosso ceo.

D. JOÃO.

É pena que elle, em vez de fazer versos, não se desse a compor livros de religião para combater os erros de Luthero e Calvino.

D. ALEIXO.

Os escriptores d'essa laia são como os insectos de um dia que voam ao romper do sol, e se aniquilam com o frio da tarde.

O PADRE LUIZ GONSALVES *descendo a scena, e vindo a el-rei.*

O reverendo Antonio Pinheiro, a quem vossa alteza prometeu de ir ouvir à sé, tem de prégar ao meio dia, e ja bateram onze horas.

D. JOÃO.

È verdade : vou-me ouvir o S. Paulo dos nossos dias; e fortificar-me na sua doutrina, porque tudo n'este mundo é caduco: só na eternidade é que a sorte do homem é estavel. Caminhemos para a sé, reverendo Luiz Gonsalves.

O CONDE.

Vossa alteza prometteu receber hoje os officiaes de guerra, que tem de partir ésta tarde para a India.

D. JOÃO

È verdade: fazei-os ja entrar. (*Corre-se o reposteiro da porta do fundo ; e apparece outra sala com um docel, onde está o throno real, o que tudo será gozado distinctamente pelo espectador. O rei entra na sala ; e todos os actores o seguem e tomam posição, depois d'elle se haver sentado. Os archeiros guardam as entradas das portas e, do lado direito do expectador sahem differentes cabos de guerra e magistrados, que entram na sala do throno, e circumdam os degraos.*)

## SCENA III.

### OS MESMOS CAMÕES E O MISSIONARIO.

D. JOÃO.

N'esta hora solemne, em que vos dou os meus embcras, e rógo ao Todo-poderoso vos leve a salvamento em prospera

viagem, sinto na minha alma as mais gratas esperanças no vosso valor e prudencia, e confio que as não desmentireis. A vós, valentes guerreiros, cumpre perpetuar as conquistas feitas por nossos paes; e fazer respeitar o nome e a glória de Portugal. É um mister muito honroso, sustentar um homem com seu valor os destinos de uma nação, não abusando da espada ou do montante para atraiçoar o seu rei e a sua patria.

UM MILITAR.

Nós saberemos guardar fielmente as determinações de vossa alteza.

TODOS OS MILITARES *com os braços estendidos.*

Assim o jurâmos.

D. JOÃO.

A vós, senhores magistrados, a vós, como sacerdotes e depositarios das leis, cumpre vigiar no santuario da justiça, para que ellas sejam religiosamente respeitadas, porque a felicidade de uma nação é ser apoiada sôbre boas leis, e sôbre a sua manutenção. Um juiz venal contrahe na sua prevaricação um legado de vergonha e infamia que o leva corrido á sepultura. Os vossos predecessores tem vendido as graças da justiça, adulterado as leis, e vexado os povos, em quanto favoreciam as suas ambições, e os caprichos dos prepotentes: não leveis a sua trilha, porque na vereda do crime topam-se com precipicios, que despenham o prevaricador, ou nas entranhas de uma masmorra, ou na ignominia do patibulo.

UM MAGISTRADO.

Eu asseguro a vossa alteza que a sua justa vontade será fielmente cumprida.

OS MAGISTRADOS *sahindo com as mãos fóra das capas e estendendo-as um pouco.*

Assim o jurâmos !...

D. JOÃO ao MISSIONARIO

Sóbre os vossos hombros, veneravel missionario, vae pezar a mais importante, e a mais sagrada das emprezas d'esta expedição. É mister que aquellas almas rudes, sepultadas nas trevas da gentilidade, e no culto dos falsos idolos, sejam trazidos à claridade do evangelho, e á adoração do verdadeiro e unico Deos. Trabalhae incessantemente com vossos companheiros na vinha do Senhor : e cuidae de doutrinar, porque um povo sem religião e é uma fera desenfreada.

O MISSIONARIO.

Eu rogarei ao Senhor queira ungir os meus labios com a unção das boas doutrinas.

D. JOÃO *a todos.*

Pàrti pois, e o ceo prospere as vossas missões, como deseja a minha alma. (*Rumor geral. D, João desce -o solio, e atra-*

*vessa a scena como quem vae a sahir. Camões sahindo da multidão vae-lhe ao encontro.*

CAMÕES *adiantando-se e inclinando-se perante o rei.*

Como o primeiro dever do beneficiado, seja mostrar-se digno do beneficio recebido, vossa alteza consentirá que eu ponha nos meus labios o reconhecimento da minha alma, por me haver quebrado os ferros do desterro; e consentido que eu vá perder esta vida longe e bem longe de uma patria que eu tanto amava, e que ainda amo: — (*com explosão*) parece-me que com mais intensidade.

D. JOÃO

A nossa alma recebe muita satisfação, quando pratíca um acto de misericordia, e regosijamo-nos, se o futuro traz uma emenda aos erros do passado.

CAMÕES *com fogo.*

Oh ! E na verdade, senhor, foi um grave êrro, um grande crime, um attentado sacrilego levantar uns olhos profanos até á formosura radiante de um anjo, e sacrificar-lhe um apaixonado coração de mancebo! Mas tudo está consummado, senhor ; o meu coração açoitado pelas amarguras do destêrro, tem envelhecido um seculo, e em breve o hade consumir o fogo interior que o devora! Graças, senhor; graças por me haveres resgatado de tão dura situação. A minha alma estava alli encerrada com uma aguia n'uma estreita prizão; e agora

longe d'esta patria, tão querida e tão madrasta, vae proseguir uma obra que accuse aos seculos futuros as suas glórias passadas. É uma longa canção, começada na terra do destêrro e que serà remattada por terras inhospitas.

D. JOÃO *depois de algum meditar.*

Se a minha memoria me não é infiel cuido não ser ésta a primeira vez que vos fallo, determinado mancebo.

CAMÕES.

Em Coimbra tive a honra de vossa alteza presenciar, no collegio de S. Paulo, a representação da minha comedia —Os Amphitriões. —

D. JOÃO

De que muito gostei.

CAMÕES.

Ao menos vossa alteza assim o demonstrou, porque, no seguinte dia, me mandou chamar ao mosteiro de Santa Cruz, onde estava hospedado, e largou a traça do claustro para me attender e honrar.

D. JOÃO.

Foi uma homenagem devida a um genio de formosas esperanças. Asseguro-vos que sereis feliz em tal carreira, porque na verdade traçasteis uma comedia de costumes de muito me-

rito ; e os applausos que vos deram devem assegurar-vos na empreza.

CAMÕES.

Larguei-a, senhor ! A carreira dramatica, tem bastantes difficuldades a vencer, e muitos mysterios a sondar ; e depois da Castro do Dr. Ferreira, que rivalisa com a Sophonisba de Tressino, e depois da sua comedia o Cioso, que vossa alteza tambem viu representar, tenho aberto mão d'esses trabalhos, e entretido as angustias, e os padecimentos do meu coração, entoando alguns echos das canções de Homero e de Virgilio. Em a nossa lingua ha uma grande página em branco para escrever, que deve ser occupada pelos successos gloriosos dos vossos predecessores. O pobre e desterrado mancebo ja a traçou na terra do exìlio com uma penna molhada de lagrymas ; o soldado a rematarà por terras inhospitas com a ponta da espada.

D. JOÃO.

Pois rematae-a e contae com o meu favor, e com o reconhecimento da patria. (*Ouvem-se horas n'uma torre distante*). Em boas horas vós partaes ; e Deos seja em vossa guia. (*Ao padre Luiz Gonsalves da Camara*). Acompanhae-me à sé. (*El-rei seguido do padre Camara sahe por uma das portas lateraes. Os demais actores, conversando confidencialmente vão sahindo da scena. Corre-se o reposteiro da porta do fundo. Luiz de Camões com os braços cruzados e pensativo fica só na scena*).

## SCENA IV.

CAMÕES *depois de alguma pausa leva a mão direita pela cabeça e com agonia exclama.*

Oh! partir!... Que hora de longo tormento é a hora da despedida!... Meu pobre coração! Punge-te e espedaça-te no trance de tão acerbas dores e saudades, e depois encerra-te no horror da tua amargura, como um cadaver no seu tumulo: — porque ésta patria, que era o teu sonho querido... nunca mais a tornarás a ver... (*Com amargura e juntando as mãos*). Oh minha patria, minha querida e ingrata patria, tu não conheces o coração do teu filho, e me tens tratado como uma madrasta inhumana! Sim!... (*Tornando-se sombrio*). Do alto das minhas formosas esperanças tu me despenhaste em um abysmo de desesperação, em que me retorço, e provo o horror do infortunio, e me chegas a negar uma pedra onde repousar o meu derradeiro somno!... Na verdade es uma mãe desapiedada e cruel. (*Mudando de tom e com uma voz mais sombria o semblante carregado.*) Oh!... E porque não te amaldiçoar; porque não chamar sóbre ti todo o horror d'uma guerra, toda a desolação d'uma peste?... Sim!... maldita, tres vezes maldita sejas tu, que acolhes os vicios de teus espurios, e me abandonas a um desamparo extremo! (*Com impetuosidade*). A espada da anjo das íras celestes te prostre e te abata, como a uma Jerusalem rebelde e ingrata.... Não haja calamidade que tu não tragues no calix da morte e o Senhor troque todas as tuas venturas n'um pranto de longa agonia, e pelas tuas ruas não se ouça senão o chôro e a blasphemia! (*Com instantaneo arrependimento e como sendo encontrado na sua desesperação por uma idèa forte*). Oh!... Que tenho eu

dito !... Meu Deos, meu Deos !... perdoa, ó minha patria !... porque muito te amo, e que muito te hei blasphemado !... (*Cahe n'um espaldar como fulminado por uma grande dor, e arqueja violentamente. Depois de larga pausa junta as mãos, e com amargura*). Quanto eu amava n'este mundo, e quanto tenho amado na minha vida ! (*Levantando-se e com fôrça*). Quanto tenho amado e quanto desejava possuir eternamente vae ser roubado ao meu coração ! Adeus, ó illusões queridas... desfizeste-vos, como um encanto, ca vou eu errar e vagar por mares e terras desconhecidos !... Minha patria !... onde encontrarei a amenidade de teu ceo, as verduras, os encantos de teus campos, os ares lavados e puros de tua Cintra, as devezas do teu Collares ?... Aonde encontrarei as bellezas do teu solo ; com que logares poderei eu comparar aquelles da minha infancia ? Ah !... só na minha alma e na minha saudade !... (*Pauza : ouvem-se alguns tiros de peça que annunciam a despedida da frota ; e depois o rufar longe d'alguns tambores em logares encontrados.*) A hora da partida, e eu prêzo com os pés à este logar como se os tivera de marmore : oh ! bem condemnado devo eu estar perante Deos para supportar tamanhas amarguras !.... ( *Profunda meditação, e depois d'alguma pauza.* ) Ella tambem me esqueceu !... Quem sabe ?... Talvez que os seus labios me tenham fulminado maldições, ou,— o que é ainda mais cruel— me tenha de todo esquecido.

D. CATHARINA *sahindo de traz do reposteiro, que se tinha ha pouco agitado.*

Resta provar essa terrivel accusação.

CAMÕES.

Ah !

## SCENA V.

### CAMÕES E D. CATHARINA.

CAMÕES *depois d'alguma pauza e surprehendido.*

Catharina, Catharina, ah ! isto parece-me um sonho !

D. CATHARINA.

Um sonho, e um sonho de meras illuzões tem sido a esperança que eu tinha assentado sôbre o teu amor.

CAMÕES.

Catharina !...

D. CATHARINA.

Não bastava que as ambições e caprichos de deshumanos parentes me houvessem despenhado nos abysmos da dor, não bastava que sôbre o meu coração se cravassem os espinhos de um longo tormento, tambem tu, Luiz de Camões, tambem te lanças do lado dos meus oppressores, duvidando do meu amor, do amor d'uma mulher, que sentia tanto as horas do teu destêrro, como se fossem punhaes afiados que lhe golpeassem o coração.

CAMÕES.

Perdão !..,

D. CATHARINA.

Duvidando do amor de uma mulher para quem tu eras patria, parentes, mundo, Deos, e tudo....

CAMÕES *cahindo pouco a pouco de joelhos com os braços estendidos e supplicantes.*

Perdão !... perdão, anjo do ceo !

D. CATHARINA *com resolução heroica.*

Oh ! tudo se tem conspirado cruelmente contra mim ! Que me resta ? A desesperação e a morte, o tumulo e a eternidade. ( *Com vehemencia.* ) Pois arremessemos todas as minhas esperanças para o repouzo do tumulo... o tumùlo ! ( *Vae a sahir da scena como abalada por uma resolução desesperada.*)

CAMÕES *indo subitamente collocar-se á porta por onde Catharina vae sahir, e depois de tirar a espada e apontando-a contra o proprio peito.*

Passaràs, Catharina ; mas sôbre um cadaver suicidado.

D. CATHARINA, *vindo cahir em um espaldar, obrigada pela violencia da dor.*

Ah ! tudo isto é bem cruel. ( *Longa pauza.* )

CAMÕES *vindo lentamente até um pouco junto de Catharina, e com as mãos cruzadas e os braços estendidos em ar de desfalecimento.*

Com effeito é bem cruel ésta situação horrorosa para onde nos tem despenhado a mão do infortunio !... Assentar no teu coração as mais formosas esperanças da minha vida, ouvir dos teus labios palavras magicas, capazes de fazer enlouquecer, palavras de tanta harmonia e amor, que só os anjos as poderiam pronunciar; emfim, mulher adorada, amar-te com todo o excesso da paixão, porque eras tão bella como os anjos, tão pura como a virgem a quem o ceo predestinara para ser a mãe do filho de Deus ; e depois vir o fado, vir o ceo !... Oh ! não ! vir o inferno, e levantar uma muralha de separação entre nós ! Catharina ! disseste a verdade, tudo isto é bem horrivel.

D. CATHARINA *com ância.*

Inda conheço uma coisa mais cruel e mais dilaceradora.

CAMÕES.

Qual !

D. CATHARINA.

É a nossa separação.

CAMÕES.

Decretou-a o destino, e vae cumprir-se.

D. CATHARINA.

Para terras tão apartadas, para tão longe da patria.

CAMÕES *com fôrça e exaltando-se progressivamente.*

Sim, Catharina, para longe d'esta patria, que tem urdido em tôrno de mim uma cadeia de acerbas desventuras, para longe d'esta patria amaldiçoada, que se tem havido comigo como uma madrasta inhumana, para longe d'estes homens horriveis e perdidos, que me tem perseguido e vexado, e recalcado o coração de amarguras, emfim, Catharina, para longe e bem longe d'estes feras humanas, d'estes Celtas barbaros, cuja religião é o egoismo, cuja moral é o egoismo, e cuja philantropia é ainda o egoismo. Oh! nunca filho algum, tão innocente e tão extremoso, foi tão cruelmente tratado pelos seus, como o teu desventurado amante.

D. CATHARINA.

Mas se tu me amasses!

CAMÕES.

Oh! se te amo, mulher adorada.

D. CATHARINA.

Pois eu com o teu amor, desprézo o orgulho e a soberba de meus parentes, desprézo ésta serie de nomes illustres, que se

dizem meus avós, desprendo-me d'este fausto deslumbrante dos paços reaes, em que habito ; e quero seguir-te por toda a parte, supportarei contente todas as vicissitudes; porque amo-te neste mundo como a minha vida, e como no outro desejaria a minha salvação.

CAMÕES *no excesso de uma grande commoção, que tem redobrado progressivamente.*

Cala-te, Catharina, cala-te, que me enlouqueces, e me desvairas ésta pobre, esta desgraçada cabeça. Ah !... Tudo isto equivale a ter os pés sôbre os abysmos do inferno ; e escutar palavras embriagadoras de esperança e de amor que partem do ceo. Amado por ti, Catharina! Oh! perdoa se ha pouco eu duvidava de teu coração, mas . . . como ou desgraçado!... tudo me perseguia e vexava! parece que as proprias pedras se levantavam contra mim, vexames por toda a parte, calumnias por toda a parte, um destêrro em Santarem, e no meio de tanto desamparo, não contar o seio de um amigo, de um unico amigo, Catharina, ou de um parente compassivo com quem desafogar o excesso da minha constante desventura!... ésta situação horrivel, ésta realidade cruel me levou aos ultimos limites da desesperação e me fez duvidar do teu amor, da tua constancia, como me faria duvidar da eternidade, do ceo, da justiça de Deos, de tudo!... Oh! que longos tormentos tem despedaçado o meu coração!... (*Correndo a mão pela testa*) nem eu jà sei o que te ia dizer.

D. CATHARINA.

Ah ! desventurado !

CAMÕES.

Sim, dizia-te eu que era eternamente desgraçado, e que n'esta lucta terrivel da partida, em que eu juntava todas as raivas do meu coração para amaldiçoar uma patria que me repellia, tu vens, como um anjo de paz, serenar os tormentos da minha alma, e dizer-me palavras que me elevam ás alturas do ceo, mas d'onde sou despenhado por uma realidade tremenda.

D. CATHARINA.

Pois não haverà mais felicidade para nós?

CAMÕES.

Deos o sabe. Póde ser que ainda gozemos dias de ventura. Persevera na tua constancia, pois no momento em que eu te visse passar para os braços de outrem, contente e satisfeita, eu provaria todo o horror da desesperação, eu morderia a terra, rasgaria as minhas carnes, e verteria sangue pelos olhos e pela bocca. Oh! eu temo tanto perder-te n'este mundo, como perder a minha alma no outro.

D. CATHARINA.

Serei eternamente tua, Luiz de Camões. Não temas que podêr algum humano seja bastante a arrancar-te do meu coração : oh ! sou inteiramente tua. Feliz ou desgraçada, no fastigio da grandeza, ou no abatimento da humildade, eu me darei por contente da mesma sorte, se contar com o teu amor, com o teu eterno amor.

CAMÕES.

Oh! graças, Catharina, mil graças! Tu es tão bella como os anjos, e tão generosa como Deos. Cheio de esperanças vou ja partir na frota, que leva destino para a India; lá toparei com meu pae, e combaterei a seu lado, pela glória d'esta nação e d'este povo heroe! E eu voltarei com tanta glória e com tanto triumho, que o conde da Castanheira não duvidarà então alliar-se commigo: persevera, oh! persevera no teu amor, porque póde ainda destinar-nos o ceo dias de ventura. (*Ouvem-se alguns tiros de peça, e rufar de tambores*).

D. CATHARINA.

Aquelle signal....

CAMÕES.

É o segundo toque d'embarque, e d'aqui a meia hora desceremos o rio, e sahiremos a barra. A alma me fica prêza junto de ti, Catharina; e.... adeus.... que é mister a nossa separação.... adeus!...

D. CATHARINA *com tranquillidade forçada.*

Não reparas n'esta tranquillidade sinistra que dissimula tanta amargura?... É porque as grandes dores não tem lagrymas nem gemidos!... dilaceram a alma. Tu vaes partir, tu que es a minha vida, a minha alma; e eu não tenho uma lagryma nos olhos, nem um suspiro nos labios! oh! mas que medonha tormenta no fundo do coração!

CAMÕES

Ha destinos bem crueis, que parece não foram creados por uma providencia tão justa como a de Deos! ésta separação! (*Ouve-se o bater de horas no relogio da Sé*). È a hora da partida, Catharina : Adeus.... adeus.... oh! não consintas que o meu nome se manche com o labeu da deshonra, demorando-me n'estes logares.

D. CATHARINA *pegando-lhe na mão, e cobrindo-a de beijos.*

Mais um instante, meu amor! Quem sabe se serà ésta a última vez, em que vejas moverem-se os meus labios; e escutes as minhas palavras?... Assim me pressagia o coração, e a mulher tem pressentimentos que se tornam em realidades.

CAMÕES.

Meu Deus, meu Deus, que horrivel tormento é o meu!

D. CATHARINA.

Oh! eu estou agora tão embebida e tão avida em te admirar e ver-te como se fôra uma despedida última, uma separação eterna!... e quem sabe?... Deixa pois que beije uma e muitas vezes esta mão querida, cuja posse faria a minha eterna felicidade.

CAMÕES *extremamente commovido*.

Ah! Catharina, não me faças enlouquecer!...

D. CATHARINA

Póde ser, que á tua volta de guerra, eu esteja finada pela amargura, e pela saudade ; se assim accontecer, tu derramarás uma lagryma sôbre a lage da minha sepultura ; sim, meu amor, tu me daras ésta homenagem, porque o teu nome hade ser o meu derradeiro suspiro no meu arranco extremo (*Sente-se agitar o reposteiro do fundo.*)

CAMÕES.

Assim t'o juro, Catharina, assim t'o juro ! Oh ! se fôra mister luctar com um grande perigo, dar vinte annos da minha vida, para juntar uma hora de contentamento á tua, se fôra mister dar todo o sangue das minhas veias para te poupar uma dor, eu tudo daria, eu tudo faria pela tua felicidade.

D. CATHARINA.

Invoco a Deos por testemunha de que eu não desposarei a outrem, senão a Luiz de Camões ; ainda que a morte fosse a recompensa á constancia do meu juramento.

CAMÕES.

E eu tambem juro, Catharina, que em despeito á cruel opposição de teu tio, d'esse homem orgulhoso e soberbo que nos tem forjado ésta cruel separação ; eu juro, Catharina, que te heide amar eternamente.

## SCENA VI.

OS MESMOS E O CONDE DA CASTANHEIRA.

O CONDE *descendo a scena.*

Não careceis de uma testemunha, para o fiel desempenho de taes juramentos?

D. CATHARINA *com agonia.*

Ah!

CAMÕES *atterrado e levando a mão aos copos da espada.*

Horror! maldição!...

O CONDE.

Não te bastava, Luiz de Camões, seres um amigo traidor, que violaste as leis da hospitalidade, queres ainda aggravar o teu crime com outro de violação na casa real, tratando amores com uma dama do paço, e esquecendo os deveres de um soldado?... Infamia e vergonha sôbre ti!...

CAMÕES *puxando da espada.*

Senhor conde, tendes-me sempre buscado como juiz, e não como cavalheiro: cobarde!... Uu duelo, um duelo, e o sangue derramado caia com toda a infamia sôbre a cabeça do verdadeiro homicida.

D. CATHARINA *com as mãos postas.*

Um duelo nos paços! Perdoae-vos.... e parti ja, Camões, que a frota está a largar.

O CONDE *olhando-os com raiva.*

Miseraveis!...

CAMÕES.

Acceitae o duelo conde, acceitae-o; aliás fica-me o direito de chamar ao primeiro valido de João III, vil e cobarde, traidor e infame.

O CONDE *puxando tambem da espada.*

Oh! batamo-nos.

D. CATHARINA *obrigada por uma grande afflicção e agonia cahe desfalecida.*

Ai!... Ai!...

O CONDE.

E todo o horror das leis!..

CAMÕES.

Contra o verdadeiro homicida. (*Encontram-se desesperadamente e cahe o panno*).

# III.

Eu me aparto de vós, nymphas do Tejo,
Quando menos temia ésta partida ;
E se a minha alma vae entrestecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razão leva vencida,
Presto verão o fim â triste vida,
Se vos não tórno a ver como desejo.

Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verão partir de mim vossa lembrança :
Amor, que vae comigo, o certifica.

Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vòs me fica.

Camões *Soneto CLVIII*.

# ACTO III.

## QUARTO QUADRO.

Sala do conselho nos paços reaes de D. Sebastião. Ao fundo duas janellas que deixam ver o Tejo : aos lados portas praticaveis. Os retratos dos reis de Portugal adornam a sala. Uma rica cadeira em fórma de throno para el-rei : differentes assentos rasos para os fidalgos da côrte.

### SCENA I.

D. ALEIXO DE MENEZES SENTADO, E O PADRE GONSALVES DA CAMARA TAMBEM SENTADO NO LADO OPPOSTO D. RUY DIAS DA CAMARA, E D. LOPO DE MIRANDA. MUITOS FIDALGOS CONVERSAM EM GRUPOS UNS DE PÉ, E OUTROS SENTADOS.

D. LOPO *continuando a conversação.*

Ha ja bastantes annos que sucedeu este facto tão extraordinario, e que tanto arruido fez na côrte ; mas tenho-o tão presente na memoria, com todos os seus pormenores,como se o houvera presenciado a uma hora. Com effeito foi grande resolução, e grande ardimento de espirito o d'aquelle mancebo

em desafiar, e bater-se com um nobre tão orgulhoso, e enfatuado pela ascendencia, que exercia junto ao throno de D. João III.

D. RUY DIAS.

Admira que o conde da Castanheira, que tinha tantos recursos nas suas intrigas, acceitasse o duelo de um mancebo sem favor, e apenas com os creditos de muito talento, e de muito saber : quando pelo seu valimento, e com uma ordem de destêrro, podía ver-se desembaraçado do insensato, que se atrevêra a pôr os olhos em D. Catharina d'Atayde.

D. LOPO.

Foi um duelo sem fórmulas, começado no excesso do rancor e da raiva, e apenas com uma testemunha, que estava aos umbraes da morte.

D. RUY.

Pois a amante presenciou essa lucta de morte?

D. LOPO.

Assim m'o affirmaram.

D. RUY.

Provavelmente haviam luctar como dois athletas?

D. LOPO.

O braço do esforçado mancebo movia-se com tanta destreza e valentia, que parecia animado por uma fôrça sobrenatural. Por trez vezes feriu ao conde, por duas o fez vergar ate ao chão sob o pêzo da sua adaga ; e, se não fôra tão generoso, de certo lhe arrancàra a vida, pois muitas vezes teve occasião de o ferir ; mas nunca abusou da sua reconhecida victoria.

D. RUY DIAS.

E el-rei saberia d'esse attentado commettido, nos seus paços reaes ?

D. LOPO.

Houve todo o cuidado em lh'o occultar, porque n'este tempo o conde da Castanheira era o valido de sua alteza, e ninguem ousava fallar em público d'este successo ; mas foi tão conhecido, e sabido na côrte, que os cortezãos chegaram a crear um rifão, que dizia « Se entre nós houvesse um Camões, haveria de menos a tyrania d'um Castanheira.»

D. RUY DIAS.

E o mancebo pôde evadir-se ?

D. LOPO.

N'essa mesma hora metteu-se na armada ; e o conde não teve tempo de arrancar das mãos do monarcha uma ordem

de prisão para o seu vencedor. Escumou de raiva, mas tudo foi em vão, porque o destemido mancebo foi-se illustrar e grangear nomeada pelo seu valor nos combates, onde tem recebido honrosas cicatrizes, deffendendo até a vida de seu pae, no estreito de Gibraltar, onde perdeu um olho. E segundo me informou um missionario, que veiu d'aquellas bandas, o livro, que elle mencionou a el-rei D. João III, na hora da sua partida, vae ja muito adiantado. O mesmo missionario me certificou, que o víra muitas vezes, n'uma amena e deliciosa gruta que ha em Macao, escrevendo as suas inspirações.

RUY DIAS.

Provavelmente muitas elegias á ausencia de sua extremada D. Catharina, que talvez o hade ter esquecido, porque em fim.... é mulher.

D. LOPO.

Não succedeu assim com a formosa D. Catharina. A desditosa tem permanecido constante aos seus juramentos; e luctado vigorosamente contra os projectos de ambição, que lhe tem offerecido seu tio, ja com rogos, ja com ameaças. D'esde a sua retirada dos paços reaes nunca mais foi vista em sarau algum, e uma só vez que a vi na igreja de S. Domingos, gaganhando o jubileo da Porciuncula, custou-me a reconhecê-la, porque as mágoas do coração tinham-lhe impresso no rosto um aspecto cadaverico.

D. RUY DIAS.

Aquelle damnado conde sempre era um homem verdadeiramente temivel. Não só era tyrano mas ainda, hypocrita refal-

sado juncto ao monarcha, cujo espirito fraco e tímito havia subjugado. Deos me perdoe, D. Lopo, porém muitas vezes dezejei a morte a el-rei, só para ver despenhado do seu throno de lama o valìdo que nos vexava, e menoscabava; esse enfatuado conde, que de simples particular chegou a empolgar um titulo, e um brazão, que hoje, no abatimento da sua humildade, não pódę sustentar.

D. ALEIXO, *levantando-se e tomando o meio da scena com ar grave e magestoso, que sempre conserva.*

Insultar um desgraçado, que nos offendeu em outro tempo é cobardia imperdoavel, é cuspir no rosto ao moribundo, é cravar o punhal no peito d'um cadaver. O valído de D. João III ja morreu politicamente, e fôra hoje uma infamia insultar a sua memoria.

D. LOPO.

Vós ereis o que mais o combaties no concelho, e lhe fazieis uma opposição desesperada.

D. ALEIXO.

Luctei, é verdade, peito a peito com o inimigo do rei e da patria, em quanto o achei com fôrça e com vigor, não só para se defender, mas ainda para continuar na sua carreira de perdíção. Levantava a voz e dizia verdades duras e amargas, em quanto os de mais cortesãos e fidalgos murmuraram nas trevas, e buscavam a vingança nas trevas, e envolviam em trevas todo o seu rancor. Só eu luctava denodadamente a pei-

to descuberto, sem medo de perigos, ou vinganças, e ninguem dizia, á vista do conde da Castanheira, D. Aleixo de Menezes tem razão em seus ditos, e nós subscrevemos as suas razões

D. LOPO.

Ao menos não nos podereis tolher de nos darmos os parabens, por nos vermos desembaraçados d'aquelle valído, e de suas tramas, que iam levando a nossa querida patria ao extremo da mizeria.

D. ALEIXO.

Nos extremos da mizeria està ella a despenhar-se agora, e correndo riscos, como nunca, porque a peior calamidade, que póde sobrevir a um povo, é ter um rei que se abandona ás inspirações sinistras de um fanatismo despeado. Esta infeliz nação està a cahir n'um sepulcro d'eterna perdição, e comtudo nós não temos ainda avaliado em todo a sua extenção o futuro de negras desgraças, que para nòs caminha. Fallaveis com indignação da administração do conde da Castanheira, no antecedente reinado, e com effeito esse homem preparou a nossa desventura, aconcelhando a D. João o estabelecimento da Inquisição, e introduzindo nos paços a ambição dos claustros, que é a ambição mais para temer.

PADRE LUIZ GONÇALVES DA CAMARA *tendo-se erguido e indo a D. Aleixo com humildade mal disfarçada,*

Não descarregueis contra nòs, senhor D. Aleixo, as settas da vossa colera.

D. ALEIXO.

E por ventura não tendes vós, sem avaliar o que são as lagrymas, e os gemidos d'um povo, descarregado desapiedadamente um golpe mortal n'esta infeliz nação, que pretendeis, com vosso irmão, ir sepultar nas arêas d'Africa?

PADRE GONÇALVES.

É el-rei quem empenhadamente busca levar ao cabo essa crusada, que dará uma nova victoria á religião de Christo

D. ALEIXO.

Tendes sido vós, e somente vós, reverendo jezuita, quem, na qualidade de orgão da vossa ambiciosa ordem, tendes acordado no joven rei esses altos pensamentos de glória, vallendo-vos da religião, como arma segura para levardes vantagem n'este duello tenebroso.

PADRE GONÇALVES.

Senhor!...

D. ALEIXO

Não vos doe n'alma ver uma nação açoitada pela esterilidade, dessolada pela peste, que tem levado familias, e povoações inteiras, quizestes aggravar estes padecimentos, quizestes arrancar-lhe a ùltima lagryma, e sorver-lhe o último trago de sangue; e aconselhastes ao jovem, e inexperiente rei ordens apertadas para um recrutamento geral!...

Um recrutamento !... Oh ! vós não sabeis, nem podeis avaliar a significação horrivel d'esta palavra tremenda. Um filho arrancado aos braços d'um pae, aos affagos de uma mãe carinhosa, às amizades dos parentes, à convivencia dos conhecidos, ás esperanças d'uma amante querida, roubado finalmente dos logares da sua infancia, onde ha sempre tantas saudades, e tanto amor, e arremeçar este desventurado para uma vida de captiveiro e de agitações, de sustos e rigores, de calamidades, e de morte ! Oh ! isto é na verdade bem horrivel ; e o rei que ganha thronos e batalhas por este preço, deve ser um rei bem desapiedado.... um rei bem infeliz....

PADRE GONÇALVES.

Senhor.. .

D. ALEIXO.

Não vos tem internecido a voz sumida dos velhos, que vos reclamam o amparo da sua velhice, não vos tem apiedado os gritos dolorosos das mães, a quem roubaes os pedaços mais queridos da sua alma ; emfim, não vos tem consternado a longa agonía d'esta desgraçada nação, e continuaes na vossa estrada de horrores, no vosso caminho de perdições ?... pois tremei, reverendo jesuita, porque a voz da nação hade hoje tocar os ouvidos do rei, e o rei, e vós, e a côrte, e a nação escutarão hoje em conselho verdades duras e amargas.

PADRE GONÇALVES.

Que estranhas palavras em vossos labios prudentes!..

D. ALEIXO.

E que estranho proceder em vossa vida de humildade!

PADRE GONÇALVES.

Talvez vos arrependaes de haveres tão cruelmente recalcado o meu coração de affrontas.

D. ALEIXO

Estou aparelhado para lutar com todas as vossas intrigas, e vinganças ; e bem aparelhado, porque na verdade devem ser tremendas.

PADRE GONÇALVES *com raiva.*

Se não fosseis velho....

D. ALEIXO.

Se não fosseis sacerdote....

PADRE GONÇALVES.

Todavia...

TODOS *em tumulto.*

Senhores... prudencia.... prudencia... (*Alguma pausa*).

## SCENA II.

OS MESMOS E D. SEBASTIÃO SEGUIDO DE MUITAS PESSOAS DA CÔRTE, E UM ARAUTO.

ARAUTO *assomando á porta.*

Passagem a el-rei. (*Todos os actores tomam posições convenientes para receber a el-rei.*)

D. SEBASTIÃO *depois de haver subido ao throno e antes de se sentar.*

Saude, nobres senhores e amigos.

TODOS *com respeito.*

Saude... saude a el-rei.

D. SEBASTIÃO *depois de sentar-se.*

Para o meu lado direito, reverendo padre Gonçalves, que em nome do ceo me haveis annunciado uma crusada, como a de Godefredo; e vós, respeitavel D. Aleixo, para o outro meu lado, para juncto de mim, veneravel ancião, que me tens sustentado os primeiros passos na estrada da vida.

D. ALEIXO *com gravidade.*

Os meus conselhos foram sempre pezados e duros, porque não se compadeciam com esse genio exaltado de que vossa

alteza é fadado ; e queira o ceo, que o não seja para desgraça da nação, que, no vosso reinado, tem assentado as mais formosas esperanças.

D. SEBASTIÃO.

Não o será, não o será por certo, em quanto tiver vontades tão promptas como imagino as vossas. (*Levantando-se*). Sim, meus nobres fidalgos, em quanto eu contar com o vosso apoio a nação illustre de nossos maiores não será desdourada pelo seu neto, e a religião do Evangelho terá no meu braço e na minha espada mais um Godefredo, e em vós valentes cruzados e paladinos. Eu me congratulo de me ver hoje comvosco para decidir com o vosso conselho o melhor plano de levar ao cabo o projecto querido dos meus primeiros annos ; emfim, para dar alma, e fôrças à cruzada, que tem de levar à Africa a glória não manchada d'esta nação.

D. ALIEXO.

Mas cumpre que vossa alteza se lembre, que este projecto importa a felicidade de um povo inteiro, e que uma das suas vontades póde felicitar, ou desgraçar milhões de creaturas. O pensamento de alargar este reino é na verdade digno das maiores attenções ; porem, senhor, cumpre aguardar do tempo um ensejo favoravel, e não se ir vossa alteza arriscar com uma nação à fortuna incerta d'um futuro de guerras.

D. SEBASTIÃO.

Quando se trata de desembainhar a espada para traçar novos e mais largos lemites ao venturoso Portugal, e quando

se cura de combater os inimigos do Evangelho, não hade ser D. Aleixo de Meneses, quem negará o seu apoio a uma tal empreza.

D. ALEIXO.

Bem como não duvidarei exprimir o meu sentir, quando veja que esse intento, mal dirigido e extemporaneo, póde acarretar comsigo consequencias funestissimas, e trazer o lucto em vez da victoria, a morte em vez da vida, a escravidão em vez da liberdade.

D. SEBASTIÃO.

Deos pugnará do nosso lado.

D. ALEIXO.

Os juizos da Providencia são insondaveis pela mente fraca e limitada do homem. Temos visto que os povos e os homens da sua escolha cahem muitas vezes sob o ferro da captiveiro e da morte. O povo de Israel, que combatia em nome de Deos foi captivo pelo da tribu de Benjamin; Jozias combateu contra Necho, rei do Egypto, e foi vencido, S. Luiz rei de França combateu pela religião verdadeira, e morreu no exilio: o imperador Conrado quiz recuperar a terra sancta, e foi desbaratado e perdido com os seus. Careceis de mais exemplos, senhor?... Ahi està em nossos dias a guerra que se fez contra os hereges Toboritas da Bohemia, e não obstante entrarem n'ella nações inteiras, imperadores, e os commissarios do papa, a empreza perdeu-se. Pela christandade quiz o imperador Carlos V, vosso avô, tomar Argel, e não o

conseguiu. Meditae n'estes exemplos, senhor, e não accarreteis a ésta infeliz nação mais lagrymas do que as que tem-se derramado, nem mais dessolação do que a peste tem causado. Senhor, senhor, é uma nação inteira, que isto vos pede pela minha bocca.

D. SEBASTIÃO.

Eu respeito as vossas razões, e bem imaginados reparos, nobre D. Aleixo, mas nunca os seguirei, porque ha uma voz divina no interior da minha alma que me aconselha ésta expedição ; e ha uma alma inspirada, que prophetisou, que Deos me escolhêra para seu capitão, no que tenho assentado a melhor gloria da minha vida. São verdadeiros os exemplos que me tendes apontado, mas, n'esta serie brilhante dos meus antepassados, tenho igualmente brilhantes exemplos que me determinam a ésta grande e gloriosa empreza. (*Desce do throno com enthusiasmo, e vem ao meio da scena, e d'um correr d'olhos percorre os retratos dos reis de Portugal, que estarão collocados segundo a successão*). Em vos tenho grandes exemplos, nobres guerreiros e emprehendedores ! (*Indo a um dos lados, e parando diante do primeiro retrato*). Sim, nobre e esforçado D. Affonso Henriques ; tu foste o Adão d'esta monarchia gloriosa : assentaste o teu throno sôbre cinco coroas despedaçadas, e Deus o abençoou : nobre batalhador d'Ourique, tu não te envergonharás do mancebo que hoje occupa o teu glorioso throno. (*Indo ao segundo retrato*) D. Sancho I, tu foste um nobre guerreiro, que offereceste batalhas e recontros aos filhos de Israel, conquistaste quasi todo o Algarve aos mouros, e o anexaste á coroa de teu illustre pae, eu não desdoirarei o teu nome. (*Indo ao terceiro.*) Tu foste chamado bravo por excellencia, ó D. Affonso IV, e depois

de sustentares uma guerra porfiosa com Affonso XI de Leão, o foste soccorrer n'essa espantosa invasão de mouros; tu foste um grande general, e um grande guerreiro na batalha do Salado, em que pereceram para cima de duzentos mil agarenos: foste um valente guerreiro, e eu saberei imitar-te. (*Indo ao quarto.*) Eu te venero, e te saudo, ò immortal D. João I, que nascido com todas as virtudes plebeas tão bem soubestes manejar a espada, e sustentar o sceptro. O teu nome é a tua melhor coroa, e a tua melhor memoria é essa illiada de marmore que levantaste a nossa Senhora da Victoria, essa pàgina da nossa história nacional, em que se entalhou o melhor feito das nossas armas, tudo, ó grandioso monarcha, tudo, ó excellente Mestre d'Aviz, farà curvar perante a tua memoria os respeitos, e as homenagens d'uma posteridade immensa. Salve, grande, e valoroso rei, salve!... (*Indo ao quinto.*) D. Duarte, tu tentaste tomar Tangere aos mouros, e para tanto comprometteste os maiores esforços, sem resultado vantajoso: pois bem eu vingarei a tua memoria. (*Indo ao duodecimo.*) Tu és na verdade um grande rei para eu emitar, ó D. Affonso V, por exceliencia o Africano. Aprestaste uma esquadra de trinta vellas, e à frente de trinta mil homens aguerridos luctaste esforçadamente com os mouros, e lhe tomaste Arzila e Tangere; e começaste novas descobertas: rei magnanimo, e guerreiro, eu te imitarei, eu irei a Africa, e, em nome de Deus, guerrearei, como tu guerreaste. (*Olhando a todos os retratos com um relancear de olhos.*) Repobro, e amaldiçoado fôra eu, se esquecesse uma ascendencia tão illustre, ou a deshonrasse: portanto, meus senhores, hei emprehendido uma crusada á Africa, porque a religião christan, a piedade para com um rei desthronado me determínam a tanto. Eu vos juro que

não largarei mão da empreza ; e se a nação se negar a acompanhar-me eu irei só sacrificar-me, como um soldado aventureìro.

D. ALEIXO.

Conte vossa alteza, que não caminharà só. Não ha nação mais desvelada pelos seus imperantes, como a portugueza ; e se o destino permittir que tenhamos um successo funesto, Deos olharà para o nosso futuro, e haverà mais d'uma victima. Estaes tão resolvido em vossa empreza, que não ha fôrças, nem razões que d'ella vos aparte ; pois bem, senhor : contae com um soldado veterano, que vos devota os derradeiros dias da existencia, e contae tambem com o apoio da nação, que se hade erguer como um só athleta para seguir-vos.

D. SEBASTIÃO

E Deos pugnará do nosso lado. Sim, meus nobres cruzados, e paladinos, vós obrareis feitos tão gloriosos, como os valentes companheiros de Godefredo ; a Africa serà a nossa Palestina ; e assim como Godefredo e os seus tem o grande Tasso, que os está immortalisando na sua Jerusalem libertada, nós teremos um cantor que celébre o renome de meus antepassados, e cujo precioso e immortal poema escutei hontem, com a melhor vontade, lido por um santo, e illustrado missionario...

## SCENA III.

OS MESMOS, MISSIONARIO E CAMÕES.

MISSIONARIO *entrando com Camões.*

Que hoje roga a vossa alteza a permissão de vos fazer conhecer esse genio immortal. (*Surpreza em toda a côrte*)·

D. SEBASTIÃO *estendendo a mão a Camões, e depois d'este a beijar.*

Bem vindo, Luiz de Camões, nobre sabedor, e esforçado guerreiro, bem vindo para o nosso coração.

TODOS *com espanto.*

Camões!

D. SEBASTIÃO

Muito préso conhecer-vos, nobre guerreiro, e illustre poeta, muito préso conhecer-vos. A minha alma se congratula, no extremo das suas alegrias, por ter de inserir na história do meu reinado um nome tão radiante e glorioso, como o de Luiz de Camões.

CAMÕES *com submissão.*

Senhor...

D. SEBASTIÃO *pegando-lhe na mão, e trazendo-o á scena.*

Conversemos, como dois amigos, Camões, como dois amigos muito queridos, porque a realeza, e o genio são duas ema-

nações, que brotam do seio de Deos ; e, quando se encontram n'este mundo, devem confundir-se, e tornar-se homogeneas. Dou mil graças a este sancto missionorio, por me fazer conhecer um vassalo tão poderoso como tu, nobre Camões. Contempla n'esta côrte o que Portugal tem de mais illustre em lettras, armas, e em nobreza : são condes e marquezes, grandes senhores, e alcaides, pois bem ! tu deves encher-te d'uma nobre vaidade, porque todo este esplendor deslumbrante, ésta magnificencia quasi celestial, fica obscurecida deante do teu genio ! Sim, ó nobre poeta, tudo isto dura tanto como as sedas e brocados de que nos ataviâmos ; mas os hymnos immortaes do teu genio atravessarão incolumes a longa serie dos seculos, admirados pelos vindoiros, pelo povo, pelas nações e pelo mundo inteiro.

CAMÕES *com respeito.*

Estou confundido de tanta bondade, senhor. Vós sois tão poderoso em vossas vontades, como Carlos V vosso avô, e tão excellente, e magnifico, como Francisco I rei da França !... Eu não tinha aparelhado o meu ânimo para ésta obra de tão profundas sensações, nem aguardava tanto favor e acolhimento da grandeza das grandezas, quando os homens e a fortuna me tem perseguido tanto, e com tanto rigor, que levando-me as melhores esperanças, sôbre que tinha assentado o futuro da minha vida, me tem apenas deixado desenganos crueis.

D. SEBASTIÃO.

É mister que se mude o teu destino.

CAMÕES.

Eu não saberei citar, ó grande rei, não saberei resumir os trances, e os rigores de uma vida tão incerta, e agitada, tão movediça, e repassada de desgraças, como a que tenho levado pelo mundo, e peregrinado á mercê de meus crueis fados! Oh! nem eu o quero ja recordar, porque são trances que me despedaçam a alma; e me assentam sôbre a cabeça uma coroa de dolorosos espinhos.

D. SEBASTIÃO.

Pois tão acerba tem sido a vossa vida?...

CAMÕES.

Muito. Tenho tantas vezes exposto a minha existencia ao mais travado das batalhas, tenho soffrido tantos rigores de uma fortuna acintosa, tenho ouvido o occeano roncar, e bramir como um leão perseguido,levantando suas ondas e abrindo profundas gargantas, que pareciam partir dos abysmos, e contemplando-o depois tão sereno e placido, como uma fera domesticada, e sentindo tambem espreguiçar-se nas suas ondas, como uma ave remontando-se nos seus voos: tenho, magnifico rei, luctado peito a peito com a morte, no mais travado, e maior refrega das batalhas, tenho suportado os rigores da guerra.... e a cicatriz honrosa, que me levou o olho direito, é sem duvida, senhor, o documento mais glorioso da minha vida, porque, combatendo eu ao lado de meu pae no estreito de Gibraltar, um pelouro fôra por mão inimiga arremessado contra elle, e eu aparando-o no escudo,

me veio resvalar ao olho ! oh ! todas as dores que então suportei foram bonissimos prazeres :— com a perda d'um olho salvei a vida a meu pae.

D. SEBASTIÃO.

Ah ! sêde abençoado, bom filho.

CAMÕES.

Depois, senhor, corri todos esses logares celebrados pelo nosso valor, e por elles fui continuando a minha canção, e o meu hymno patriotico até que o levei ao cabo n'essa gruta saudosa de Macao, onde gozei horas de paz e tristeza, de solidão e ventura.

D. SEBASTIÃO.

É um monumento o teu poema.

CAMÕES.

Eu o ponho nas vossas mãos, ó monarcha de ricas esperanças, e este livro que diga aos vindoiros, como Luíz de Camões foi amante extremo das glórias portuguezas: pois os favores que d'ahí me proviessem, o renome e glória, que a fama me apregoasse, nada poderia dissipar o espesso véo de tristeza que tenho sôbre a alma: a grande enfermidade do meu espirito, é ter-me abandonado a esperança.

D. SEBASTIAO.

Eu me lanço do teu lado, excellente guerreiro, contra o tropel dos teus infortunios : conta com a minha protec-

ção, porque sería uma grave infamia para mim não dar amparo ao genio mais colossal, que hei visto e conhecido. Heide reconhecer os serviços d'um guerreiro, que luctava com a espada contra os inimigos da fé, e com a penna contra a devastação dos seculos, salvando factos, que importa ter presentes à memoria de todos os tempos, e de todos os homens. È mister por ventura soccorros para amparar teu nobre pae nos ultimos e cançados dias da existencia ?

CAMÕES.

Oh ! são tardios esses soccorros, porque ja findou seus amargurados dias; e esse quadro terrivel, em que um pae moribundo dava um adeus extremo ao filho desamparado, està-me tão presente na memoria, como se eu o estivera presenciando! Oh ! perdoae-me esta lagryma envergonhada, que se debruça sòbre as faces tostadas do guerreiro. (*Limpa uma lagryma, e dá um longo suspiro*).

D. SEBASTIÃO.

As lagrymas são do homem, e as grandes dores são das grandes almas, mas é mister refrear os excessos da tua saudade para gozarmos o futuro brilhante que para nós caminha, a mim como esforçado guerreiro, a ti como cantor da nova cruzada.

CAMÕES.

Oh ! nem estro, nem fòrças terei ja para carregar com tão honrosa empreza ; porque a minha alma está prêza a uma idéa, e só n'esta idéa concentrada ; e não ha fòrças que pos-

sam de lá distrahi-la. Foi ésta idéa que me tem fortificado nos maiores trances do desespêro, quem me chamou de novo a ésta patria, onde fui tão corrido, perseguido e vexado....

D. SEBASTIÃO.

Acaso es tu devorado pela ambição de nobreza e glórias ?... Pois bem : para saciar a maior ambição de glórias existem os teus Luziadas ; e para ambição de nobreza, eu te faço grande entre os grandes da minha côrte, eu te farei alcaide-mor do castello de São Jorge em Lisboa, governador da Torre de Belem, e, se te for mister um condado, eu te farei conde da melhor villa do meu reino.

CAMÕES.

Essas grandezas, senhor, que fascinam tantas vontades, não tem valia alguma na minha alma, porque se vós me fizesseis o primeiro do vosso reino, se me desseis o vosso throno, e a vossa coroa, se o mais poderoso monarcha do mundo me désse os seus milhões de habitantes, todas as suas pompas, todos os seus exercitos, todas as suas frotas, todas as suas grandezas ; emfim, senhor, se o proprio Deos me cedesse o seu throno, a sua côrte de anjos, toda a sua magestade e omnipotencia, eu ainda assim não trocaria tudo isto pela unica ambição, que anhela a minha alma.

D. SEBASTIÃO.

Desejas por ventura alguma fada encantada.

CAMÕES.

Não, meu generoso rei ! O meu coração tem sido victima d'uma belleza, que tem extremosamente adorado, uma belleza tão rara, como a dos anjos, e por quem hei soffrido resignadamente os maiores trances, uma belleza que inspirou á cabeça rude do soldado esses cantos, que chamaes immortaes, e que tanto admiraes ; e ésta belleza, este anjo, ésta mulher que é a minha vida, a minha esperança, a minha paz n'este, mundo, e a minha salvação no outro, é vossa vassala....

D. SEBASTIÃO.

Minha vassala dizes tu ! oh ! que ella fôra minha irmã, que ella fôra a minha filha primogenita, eu te esposaria com ella, e calcaria aos pés os preconceitos humanos. Nobre Camões, declara o nome da minha vassala.

CAMÕES.

É fôrça obedecer-vos, senhor, é fôrça declarar-vos que é a excellente sobrinha do conde da Castanheira, a formosa D. Catharina d'Atayde !... (*Surpreza em toda a côrte*).

D. SEBASTIÃO.

Pois bem ! em nome do que ha de mais sagrado n'este e no outro mundo, pelo meu throno, e pela minha coroa, pela salvação da minha alma, eu te juro, ó nobre amador, que em breves dias serás esposado com D. Catharina d'Atayde.

CAMÕES *com alegria.*

Senhor....

D. SEBASTIÃO.

Damos-te a nossa palavra real, e tomàmos para testemunha a toda a nossa côrte.

CAMÕES *cahindo de joelhos e beijando a mão a D. Sebastião.*

Meu rei, meu generoso rei, sêde abençoado!

# IV.

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella
Sendo das mãos lascivas maltractada,
Da menina que a trouxe na capella :
O cheiro traz perdido ; e a côr murchada,
Tal está morta a pallida donzella.
Seccas do rosto as rozas, e perdida
A branca e viva côr com a doce vida.

Camões *Lusiadas cant. III Est. CXXX.*

# ACTO IV.

## QUINTO QUADRO.

O interior da igreja de S. Domingos em Lisboa. Na nave do meio está uma eça sumptuosamente armada de preto, e rodeada de brandões accezos, sôbre a qual pousa um ataúde com armas de nobreza. Oito carpideiras, vestidas de burel branco, e com os cabellos soltos profundamente rodeiam a eça, inclinadas e tristes. No côro do altar-mor os frades de S. Domingos, clerigos, e frades de S. Francisco, finalisam um officio de defuntos, officiado pelo geral dos dominicos em grande prestito, com os seus respectivos diaconos. Ao longo da egreja cavalheiros e nobres, trajados de lucto rigoroso, estão profundamente commovidos.

### SCENA I.

O GERAL DOS DOMINICOS E O CONDE DA CASTANHEIRA.

(*Ao levantar do panno os padres, em tom sepulchral e adquado psalmeiam os versos do psalmo 21 de David.*

AS VOZES.

Deus Deus meus, respice in me, quare me dereliquisti?

AS VOZES. *vindo caminhando para a eça.*

Deus meus, clamabo per diem, nec exaudies : in nocte, et non ad insipientiam mihi.

O GERAL DOS DOMINICOS *tendo chegado ao pe da eça e depois de a aspergir.*

Depositemos n'este altar da morte as homenagens das nossas orações, para que os anjos as elevem ao throno do Deus tres vezes sancto. Venturosa é a alma que ao despedir-se das prisões duras do captiveiro da vida, escuta as preces e os hymnos da religião sancta ; e na hora derradeira não sentiu o veneno dos remorsos angustiar-lhe a alma. Eis o termo da trabalhosa romaria da vida ; tudo fenece e acaba d'esta sorte, tudo vem despenhar-se n'esta rocha de desenganos, porque a morte é como a tempestade, que açoita, tanto a grama humilde da campina, como abate e prostra o carvalho soberbo da floresta. O corpo, que ora vamos dar à terra do sepulcro, era cheio de belleza e de encantos ao despontar da vida, como a açucena branca,ou como a roza da primavera, mas o halito da morte soprou sôbre elle, e agora està tão despido das suas antigas galas, como o tronco derrubado pela tempestade. O seu coração esteve encerrado nas angustias e cruelmente abandonado pela esperança : o Deos das justiças celestes lhe compense tanta amargura, cingindo a sua fronte com a auréola da glòria eterna. (*Elevando os olhos ao cèo, e as mãos levantadas*). Sim, ó meu Deos e meu senhor, escutae benigno as nossas orações, e recebei na vossa misericordia a alma attribulada que partiu d'este mundo, como a terra vae receber no seu seio este cadaver abandonado pelo espirito.

(*Todos os frades e clerigos psalmeam em voz soturna e baixa o seguinte verso do psalmo 70 de David*).

In te Domine speravi, non confundar in æternum : in justitia tua libera me, et éripe me. (*Um dos diaconos vem offerecer ao conde da Castanheira sôbre uma almofada de veludo negro a chave do ataude. O conde profundamente commovido sobe os degraus da eça, e, antes de fechar o ataude, olha com dor para a cadaver.*)

O CONDE *depois de limpar as lagrimas*).

Perdoa, ó minha cara sobrinha, perdoa, se o teu parente, em vez de orações, não tem mais do que lagrymas para derramar sôbre o teu cadaver. (*Limpando com agonia o suor da testa*). Que doloroso e cruento é o sacrificio que hora cumpro, cerrando sôbre ti as portas do tumulo, que apenas se abrirão no dia último do derradeiro juizo : oh ! são os crueis deveres de um parente n'estas últimas homenagens. Oh ! se a tua alma se importa ainda com as cousas d'este mundo, sonda os abysmos de dor, que se abrem na minha alma, e vê como o meu coração està espedaçado e curtido das mais acerbas amarguras. Quem, ó minha querida filha, quem nos visse n'esse tempo em que remontava sôbre toda a grandeza de uma nação os vôos da ambição e do orgulho, e nos contemplasse agora no meio d'esta scena tão eloquente e pavorosa, oh ! que muito nos desconheceria!... E não avaliei como devia, a tua verdadeira felicidade, e sem o presumir assassinei-te o coração ! Ah ! mas vingada estás Catharina, porque agora a minha alma punge-se de dor no transe de acerbas amarguras, e cerrou-se a toda a idéa de alegria, como o teu cadaver

se vae fechar no tumulo. (*Alguma pausa*). Tu eras demasiadamente bella e formosa para habitares n'este mundo, e remontaste os teus vôos para os anjos em cujo seio moras!.. (*Com explosão dolorosa*). Oh! mas nada é capaz de mitigar as acerbas dores, que despedaçam o meu coração. (*Com fôrça e lagrymas*). Sim, Catharina, eu fui barbaro e deshumano, fui um ambicioso insensato, que sacrifiquei o teu coração. Oh! mas tu terás compaixão de mim, porque a minha dor é sôbre todas as dores, porque eu sinto que o coração me estala de angustias (*Pegando-lhe nas mãos*). Mais um osculo sôbre éstas mãos geladas, mais um adeos eterno a este cadaver! (*Extremamente commovido*). Catharina! Catharina! Oh! tu não me amaldiçôes do seio do teu tumulo!... descerra os teus labios gelados, e dize-me que me perdôas!... Tem piedade... tem compaixão de mim! (*Lança-se com dor e quasi desfalecido sôbre o ataude. Alguns fidalgos o vem soccorrer e arrancar d'aquella situação, quatro dos mais jovens pegam no ataude; e os padres psatmeam os seguintes versos de Job*).

AS VOZES.

Caligaverunt oculi mei afletu meo: alongatus est a me, qui consolabatur me.
Vidéte omnes populi, si est dolor similis, sicut dolor meus.
(*O prestito funebre tem-se dirigido para um dos lados da scena e desce lentamente as escadas do carneiro*)

AS VOZES *no subterraneo*.

Ansciatus est super me spiritus meus, in me turbatum est cor meum,

## SCENA II.

CAMÕES, O MISSIONARIO, E O JA'O ANTONIO, *entrando pela porta que se suppõe dar para fóra do templo.*

CAMÕES *continuando a conversação.*

Verdade é o que dizeis, reverendo missionario, el-rei acolheu-me com as melhores amostras de consideração e estima...

O MISSIONARIO.

Parecia um monarcha fallando com outro monarcha.

CAMÕES.

Mas tenho o coração tão costumado a supportar desgraças e vicissitudes, que o aspecto da felicidade me chega a causar uma sensação de profunda tristeza. Quem sabe se apoz, da bonança incerta a tormenta desfechará com mais intensidade e horror.

O MISSIONARIO.

E que mais tendes vós a recear da fortuna, se o monarcha vos enche de tantos beneficios e consideração, e vae prehencher os votos mais ardentes da vossa alma ? Catharina era todos os vossos cuidados e desvelos, era o sonho das vossas noites, a meditação de vossos dias, o vosso brado na guerra, e o anjo da vossa poesia ; e Catharina vae ser vossa espôsa.

CAMÕES.

Quem sabe ?... (*Pausa solemne que annuncia um grande pensamento que não se póde exprimir*). Os pensamentos vagos e tumultuosos, que se encontravam, que se debatiam na minha alma, n'aquelles momentos de suprema ancíedade, em que o generoso monarcha me prometteu a posse de Catharina; esses pensamentos fulminaram-me, porque uma grande e inesperada alegria abala ou enlouquece-nos, como se fôra uma grande desgraça.

O MISSIONARIO.

Agora deveis depor todas as vossas inquietações e louvar ao Senhor por vos haver accumulado de tantos beneficios.

CAMÕES.

E sei eu por ventura qual serà o complemento d'esses beneficios ?... Santo missionario : agora mais do que nunca tenho o meu coração fechado, como n'um tumulo. Tenho deprehendido da longa e dolorosa história da minha vida que fui fadado para as angustias, e de angustias e penas tenho de nutrir a minha alma por toda a vida. Contrista-me sobremaneira o estado em que venho encontrar a minha querida patria, ésta patria que era o meu Deos nas terras estranhas, ainda mesmo n'aquellas em que era tratado com benignidade da fortuna e dos homens, ésta terra, que foi o berço de tantos heroes, e o theatro de tantas gentilezas, está assaltada pela peste. Tudo tão mudado! As margens risonhas do Tejo que outr'ora me inspiravam tantas canções de poesia, agora

despidas de suas galas, como courellas de uma brava charneca! Pensamentos de guerra por toda a parte, e a terra tragando vidas com um furor tal, que apenas lhe bastam por dia, só n'esta cidade, de quinhentos a seiscentos cadaveres! Oh! isto é para contristar a alma mais dura e insensivel ás coisas do mundo.

O MISSIONARIO.

Seja feita a vontade do Senhor!

CAMÕES.

E quando tudo apresenta uma mudança tão extraordinaria, não tenho eu razão para recear que o coração de Catharina, d'essa mulher idolotrada, que tantas vezes me tem salvado dos transes da desesperação, não conserve ja nem recordações do desventurado que a idolatrou?

MISSIONARIO.

Pareceis-me injusto! ella que vos amava com tanto excesso, ella que lutou esforçadamente contra as opposições dos seus barbaros tutores, ella que despresou tantas allianças illustres para ser a amante do mancebo de talento: —ésta mulher podia nunca esquecer-vos?

CAMÕES

Depois de uma tão longa separação, sem correspondencia de lettras, esquecido, julgado morto, talvez... oh! talvez que Catharina a éstas horas ja não tenha um pensamento para

mim, nem uma pulsação no seu peito quando me veja: o coração da mulher é ordinariamente extremoso; ou esquece com facilidade os objectos do seu amor, ou então definha-se até à morte com uma constancia inimitavel.

MISSIONARIO.

Tende esperança, filho.

CAMÕES.

Tenho tristeza. N'essas terras por onde andei á mercê de meus crueis fados não encontrei um só logar que me fizesse esquecer os da minha infancia. Eu almejava pela minha patria noite e dia, por essa patria que me desamava, e por quem eu suspira incessantemente, porque o nosso coração é tão desgraçado, que ama a causa das nossas penas, e quanto mais calcado de despresos e ingratidões, quanto mais se esmera em amar.

MISSIONARIO.

São juizos occultos da Providencia, meu filho; e nós devemo-nos resignar á sua eterna vontade. O verdadeiro e estavel amor é aquelle que consagrâmos às cousas do ceo: n'este mundo tudo é ficticio e vão; só a morte e a desgraça são realidades crueis.

CAMÕES.

E com effeito. Eu que pelas terras do exilio só desejava tornar a ver os muros, as torres e os palacios da veneranda

Lisboa : sentir murmurar as vagas do seu Tejo, beber o ar puro do seu clima ; em fim... ter ahi uma pedra em que recostar a cabeça na última agonia ; e agora que tórno a possuir tudo isto, que sou tão bem acolhido de el-rei, que me abriu diante dos olhos um futuro tão brilhante e radioso : vou engolfà-lo em idéas de longa tristeza ! Oh ! sempre sou um ente verdadeiramente desgraçado.

ANTONIO *com amargura.*

Não vos lastimeis d'essa sorte, meu bom senhor, que partes de dor a alma do pobre escravo.

CAMÕES.

Cala-te ! (*Alguma pausa*). Sabes tu por ventura comprehender a fôrça da minha dor ?... Sabes tu avaliar a màgoa que me tem feito derramar éstas lagrymas que me escaldam o rosto ? Sabes tu comprehender a terrivel significação d'este sentimento poderoso que me liga ao amor de uma mulher.... de uma mulher que eu amo loucamente, de uma mulher que tem possuido todo o meu amor !... Teres compaixão de mim !....

ANTONIO.

Pensaes que o meu coração é tão negro como a côr do meu rosto ; — e que tenho a impiedade e dureza d'alma dos muitos senhores que vos desamam !... Triste de mim !... nem as lagrymas do pobre escravo são avaliadas e acceitas... (*Chora*).

CAMÕES.

Tem-me enternecido a tua dedicação, bom jáo, ésta dedicação, e este affecto que é corrupto e desleal no coração dos homens, que se dizem nossos amigos no dia da prosperidade, e que desprezam e insultam as nossas lagrymas nos dias do infortunio.

ANTONIO.

E eu tenho-vos consagrado um coração todo cheio de affecto e dedicação nos dias da prosperidade ; e nas horas do infortunio, lagrymas e compaixão !... mas lagrymas e compaixão que não são comprehendidas e avaliadas porque são de um escravo.... que dolorosa condição é a minha !

CAMÕES *comsigo mesmo.*

Que acerbos tormentos, meu Deos !... Elle tem sido o meu unico..,. o meu verdadeiro e leal amigo !... Por mim largou a terra de seu nascimento, as memorias e as saudades da sua terra e da sua infancia ; e eu tractei-o com aspereza.... se a minha dor é tamanha !... (*Alguma pausa*). Enchuga essas lagrymas, meu fiel jáo, não as derrames mais por mim, porque á minha dor não aproveita tanta amargura alheia.

AS VOZES *psalmeando no subterraneo os seguintes versos de psalmo* 87 *de David.*

Pauper sum ego, et in laboribus a juventute mea : exaltatus autem humiliatus sum et conturbatus.

CAMÕES *alterrado.*

Que fatal presentimento, meu Deos!

MISSIONARIO.

É o enterramento de algum cadaver, a quem a alma abandonou para tomar os seus voos para o seio de Deos, d'onde emanou: o barro vae coufundir-se com o barro, e o espirito com tudo quanto é grande e celeste. Venturosa é uma tal alma, porque findou ja o destêrro da vida.

AS VOZES.

In me transierunt iræ tuæ: et terrores tui conturbaverunt me.

AS VOZES *mais proximas e sahindo da cava sepulcral.*

Circumdederant me sicut aqua tota die: circumdederant me simul.

AS VOZES *em scena.*

Elongasti a me amicum, et proximum et notos meos a miseria.

O GERAL *em voz triste e solemne.*

Oremos pelo descanço dos attribulados.

TODAS AS VOZES *em tom sombrio.*

Amen. (*Pausa. Todos, cruzando os braços rezam uma breve oração em tôrno da eça. Depois começam todos os padres e*

*convidados a sahir da scena profundamente commovidos e silenciosos. O Missionario tem-se confundido na multidão e desapparece, e egualmente o jão Antonio. Camões tem-se encostado a uma das columnas do templo e medita profundamente : longa pausa : ouvem-se horas em uma torre distante.*)

## SCENA IV.

### O CONDE DA CASTANHEIRA E DEPOIS CAMÕES.

O CONDE *sahindo da cava e olhando-a com dor e pranto.*

Adeos, Catharina ! Oh ! que doloroso e cruel é este derradeiro adeos ! Uma separação eterna.... a despedida do tumulo para nunca mais te contemplar com estes olhos afogados em lagrymas...., para supportar um presente de arrependimento, e esperar um futuro de remorsos.... Ah ! na verdade, isto é uma dor, que em breve me despenharà na terra dos mortos !... Fica-te na paz eterna do sepulcro, e aparte-me eu embora com o coração traspassado de amarguras, chorando a tua morte e o meu arrependimento. Adeos, Catharina ! Até á eternidade. (*Com explosão e dor, forcejando para se retirar*). Ah ! que não posso retirar-me d'este logar !...

CAMÕES *indo ter com o conde.*

Perdoae, senhor, se com minhas palavras venho aggravar as feridas da vossa dor, mas tão acostumado estou a supportar as vicissitudes da vida, tão esmagado tem sido o meu coração por uma serie infinita de infortunios, que naturalmente me affeiçoo aos que soffrem.

O CONDE *com doçura.*

Obrigado, generoso cavalleiro, mil graças por tanta compaixão ; porém a minha dor é tão vehemente, tão repassada de saudade e remorsos, que só a terra da sepultura a poderá gastar !

CAMÕES *levando a mão á testa como querendo recordar-se.*

Esta voz !

O CONDE *continuando.*

No excesso do meu delicto eu encontrei a íra de Deos que me fulminou; e quando o arrependimento me accordou os remorsos no coração, jà não era tempo de remediar os meus erros: oh na verdade, sou um ente realmente desgraçado.... um amaldiçoado pelos labios da innocencia, um reprovado por Deos.....

CAMÕES *distrahido, mas forcejando para combinar as suas palavras.*

Não vos recrimineis, senhor, porque o homem verdadeiramente perverso não tem lagrymas ; talvez o excesso da vossa mágoa é que vos faz avultar erros perdoaveis.

O CONDE.

Creio que sois estrangeiro ou hospede n'esta terra, aliás terieis avaliado a enormidade dos meus erros e a grandeza da

minha dor ! oh ! fugi de o saber porque então os vossos labios tambem se abririam para me amaldiçoar.

CAMÕES.

Fazeis-me tremer, senhor !... Recordo-me de ja vos haver fallado algum dia, de vos haver conhecido em algum logar ; mas ésta pobre cabeça tem sido despedaçada por successos tão variados, e immensos, que não posso recordar-me de como e aonde vos conheci.

O CONDE.

Tambem eu tenho querido reconhecer as vossas feições, a vossa figura, e determinação de vossas palavras, mas essa cicatriz sôbre vosso olho direito.

CAMÕES *com resolução e fôrça.*

Conde da Castanheira !....

O CONDE.

Luiz de Camões !

CAMÕES *com fôrça.*

Ah !... conde.... conde.... sê amaldiçoado !....

O CONDE *com humildade.*

E vós, nobre cavalheiro, sêde abençoado. (*Pausa. Camões olha o conde com ressentimento : este tem os olhos prêgados no chão abalado e commovido por differentes affectos*).

CAMÕES.

Que inesperdao encontro, nobre valído de D. João III! Não era assim que eu esperava encontrar-te depois da última vez que nos batemos, que nos buscàmos perder, e assassinar; e em que tu esmagaste uma a uma todas as minhas esperanças, e as calcaste desfeitas aos pés.

O CONDE.

Não me recordeis esse tempo, nobre Camões, não m'o recordeis porque essa recordação é o maior tormento da minha alma!... Nem me amaldiçoes, porque eu sou digno de piedade, não de maldições!... Como os tempos se tem mudado! Então era poderoso e grande, e hoje sou fraco e pequeno, então eu regulava os destinos de uma nação, e hoje estou despenhado no abysmo de toda a desventura, e atirado â tormenta, como a folha secca de uma àrvore.

CAMÕES.

È a justiça de Deos!

O CONDE *continuando.*

Todos invejam a sorte de um valido e com tudo ella é mais digna de lástima do que de inveja. Contra o desventurado ha sempre uma intriga surda e terrivel que mina o throno do seu podêr ephemero. No mais leve som pressente a voz do assassino vendido ao ouro de homens tenebrosos! nos seus manjares gosta muitas vezes o veneno que lhe propinou uma mão traidora; e sôbre tudo tem de se amoldar, de supportar

e até de favorecer os caprichos do monarcha. O infeliz, em cada cabello tem um punhal, em cada homem vê um inimigo, em cada mào humor do monarcha um decreto de sua quéda.

CAMÕES.

Que afinal realisou-se....

O CONDE.

Tal foi o meu passado ! o meu presente, o meu futuro !... Apresentam-se-me agora com todo o horror da tempestade.

CAMÕES.

Tu a chamas-te sôbre a tua cabeça ; e Deos disse, que quem matasse com ferro perecesse tambem pelo ferro. Antes que chegasse a hora da tua quéda tu fizestes a desgraça de muitos, e particularmente contra mim votaste todo o fel, todo o horror do teu orgulho e ambição : oh ! sê amaldiçoado !....

O CONDE.

Compaixão, cavalleiro, compaixão. (*Alguma pausa*). De tudo me recordo com arrependimento e de tudo vos peço perdão : oh ! se hoje podesse accumular de beneficios e de graças a todos quantos tornei infelizes, ainda que fosse á custa do meu sangue e da minha vida, eu tudo sacrificaria, eu a tudo me resignaria ; mas que póde fazer um desgraçado como eu ?... Rogar perdão ás minhas victimas, e a ti, princi-

palmente, a ti, Camões, a quem roubei uma espôsa idolatrada, um anjo que faria a eterna felicidade da tua vida.

CAMÕES.

Oh! Sim, tu me roubaste, Catharina, mas Catharina ainda será minha! Tu em outro tempo te oppozeste empenhadamente á nossa união, mas hoje tu a favorecerás.

O CONDE.

Eu o faria de todo o meu coração; porém, nobre Camões, Catharina, não póde já mais ser tua espôsa.

CAMÕES.

Maldição!... Ella me ha trahido!

O CONDE.

Com effeito, tens um rival e um rival muito poderoso, a quem procurarás em vão para te vingares, a quem blasphemarás em vão, e contra quem desembainharás em vão a tua espada.

CAMÕES *com ância*

Que o meu rival fôra um rei, eu o mataria, se fôra um anjo, eu o blasphemaria.

O CONDE.

E se fôra Deus?

CAMÕES *com agonia.*

Ah! que dilasceradora idéa me esmaga o coração! Conde, livra-me d'esta incerteza que é peior do que mil mortes

O CONDE.

Não o busques saber, porque é uma verdade cruel e tremenda.

CAMÕES.

Aonde existe, aonde existe Catharina?

O CONDE *com ar solemne e grave.*

A sua alma no seio dos anjos e o seu corpo alli sepultado.

CAMÕES, *como fulminado por uma dor violenta, cahe redondamente no chão.*

Ah!... (*Alguma pauza*).

O CONDE *cruzando as mãos sôbre o peito e olhando para o ceo.*

Meu Deus, inclinae os vossos olhos de mizericordia sôbre este quadro de tanta agonia.

CAMÕES *Levantando-se como ajudado por um grande impulso da dor, e indo para descer a cava sepulcral, cahe outra vez obrigado pela dor, e com esfôrço de grande agonia exclama.*

Ah!... ella,... e a minha esperança mortas! Ai!... (*O conde contempla ésta scena na mesma posição*).

# V.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa là no ceo eternamente,
E viva eu ca na terra sempre triste.

Se là no assento ethereo, onde subsíste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da màgoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Camões *Soneto XIX*.

# ACTO V.

## SEXTO QUADRO.

Casa ao réz da rua : um leito armado, com cortinas de durante roxo. Ao lado esquerdo do actor um bofete sôbre o qual está um Crucifixo. Ao fundo uma porta larga, no centro e ao lado janellas com adufas no gôsto mourisco. Toda a decoração mostra uma extrema pobreza e desamparo.

### SCENA I.

CAMÕES *vestido de preto, segundo a pragmatica da epocha, está assentado n'uma das bordas do catre e encostado a uma pequena meza gothica lendo na Biblia. Está profundamente abatido com o rosto cadaverico, e voz quebrada pelos seus longos padecimentos.*

CAMÕES *lendo.*

Depois d'isto abriu Job a sua bocca e amaldiçoou o dia de seu nascimento, dizendo assim — « Maldito seja o dia em que eu nasci, maldito seja a noite em que eu fui concebido.

Couverta-se esse dia em trevas : Deos do alto do ceo, não olhe para elle, nem o alcance a luz do dia. Escureçam-no as trevas, e a sombra da morte : cerque-o uma negra escuridão : e seja envolto em amargura ; porque elle não fechou as portas do ventre que me trouxe, nem apartou de meus olhos os males.... Porque não morri dentro do ventre de minha mãe, ou porque não pereci tanto que sahi d'elle ? (*Solta um longo suspiro e com amargura*). O meu espirito se vae atenuando, os meus dias se abbreviam, e só me resta o sepulcro.... Clamo no meio das mais acerbas violencias, e ninguem me ouve. Por todas as partes fechou Deos o meu caminho, e não posso passar, porque està envolto em trevas. Vejo-me despojado da corôa de glória que cingia a minha cabeça. Acho-me destruido por todos os lados, e vou perecer sem esperança, como a àrvore arrancada pelo furacão do deserto. (*Camões junta as mãos com amargura : levanta-se e vindo mais á scena*). Oh ! sim.... a dor me abandonou ao horror da desesperação, e só me resta n'estes attribulados dias de vida, as mais pungentes amarguras !... A negra tormenta que eu pressentia ao longe, desfechou com todo ó horror contra o meu coração, e me quebrou todas as fôrças da alma !... (*Estendendo os braços para o crucifixo*). Meu Deos !... Meu Deos!.. que enorme delicto terei eu commettido para o espiar de uma sorte tão amarga e dolorosa ? (*Pausa, e depois com a mais profunda amargura*). Quanto eu amava n'este mundo !... Ai!.. que terrivel e despedaçadora é ésta última agonia da vida. Estou com os pés sôbre a sepultura, e com as mãos trémulas, apegando-me ao último ramo da àrvore da vida, sem esperança, sem consolação, só.... abandonado, despresado, esquecido de todos, vergado e cahido debaixo do tremendo pêzo da cruz da minha dor !... Oh !... que triste, que desventurado

sou !! Quando ia a cingir a coroa da minha glória, eu a vi despedaçada, e calcada aos pés de meus inimigos : ah ! então cheguei aos labios o calix da amargura, e agora o estou tragando até às últimas fezes!!! (*Pausa*). Similhante a um formoso sol da primavera, assim eu desabrochei os primeiros raios do meu talento : mas, na sua ascensão, pezadas nuvens carregaram sôbre o ceo, e offuscaram todo o seu brilho : hoje estou no occaso ; d'aqui a pouco a noite.... a noite do sepulcro.... a noite pavorosa da eternidade.... onde existe Catharina !... (*Com fôrça e explosão*). Catharina.... Catharina !... Oh !... (*Junta as mãos com amargura e agonia : pausa*). Sete annos são passados depois que vi abysmar-se na terra dos mortos a mulher idolatrada, que fôra a minha unica esperança.... e este coração.... repassado, e recalcado de angústias, ainda a não pôde esquecer ; tenho-a sempre presente, diante dos olhos.... de dia, de noite.... sempre aquella imagem livida, aquelle cadaver frio e gelado, e eu a fallar-lhe na cava sepulcral, gemendo, chorando, desesperando, rindo como um louco.... e ella muda, sem me responder : Oh !... é que os seus labios tinham sido fechados pelos dedos da morte. (*Vae indo pouco a pouco cahir sôbre os joelhos enfraquecidos quasi diante do bofete, e exclamando*) : Meu Deus, meu Christo, e meu Pae seja feita a vossa vontade assim na terra como no ceo. (*Olha com dor e agonia para o crucifixo. Longa pauza, no fim da qual Camões corre com os olhos a sua habitação, como procurando algum objecto*). Tenho as entranhas devoradas por um fogo intenso e abrasador !... Agoa !... uma gota d'agoa pelos tormentos de Christo ! (*Pauza*). E o meu fiel escravo sem voltar !... Que sêde, meu Deus !... (*Forceja para levantar-se, e estende os braços e o corpo desfallecido para um dos lados da caza, onde está uma bilha

*d'agoa*). As fôrcas do corpo me vão abandonando, como já me abandonou a esperança, e a consolação !... (*Tendo andado com bastante custo alguns passos e tropeçando*). Ah !... já não posso mais !... (*Cahe desfallecido*).

## SCENA II.

### ANTONIO, E CAMÕES.

ANTONIO.

Meu bom senhor !...

CAMÕES.

Oh ! bem vindo sejas, bom Jáo.

ANTONIO, *correndo a soccorré-lo*.

No chão.... desfallecido !...

CAMÕES.

É que estou chegado ao último termo da peregrinação da vida ; e a derradeira agonia costuma ser lenta e dolorosa ! Agoa, meu fiel escravo, uma sêde d'agoa.... (*Antonio vae em busca d'agoa, depois de o haver ajudado a erguer*). Ah ! como isto é cruel !... (*Antonio chega aos labios a agoa, que Camões bebe com sofreguidão*). Deus te compense tanta bondade, meu bom amigo !...

ANTONIO.

Amigo, senhor !...

CAMÕES.

E quem ha por ahi que tenha mais direito, do que tu, a este nome sagrado ?... De tantos cavalheiros e nobres que me rodeavam, quando eu era feliz — n'essas curtas horas em que o fui — qual d'elles, meu querido Jào, me tem soccorrido e amparado na miseria ?

ANTONIO.

Em muito avaliaes pobres serviços : oh ! se eu pudesse trocar tanta amargura, tanto desamparo em uma quadra de felicidade !... mas.... estou, como vós, fechado n'um círculo de desgraças !... posso apenas derramar lágrymas, e soltar em vão sentidissimos gemidos.

CAMÕES, *buscando sentar-se e indo a andar sem podér.*

Ampara-me, bom Antonio !... oh ! como tarda que este tronco escalvado caia de todo na terra dos mortos. (*Depois de sentado toma como um novo ânimo*).

ANTONIO.

Que muito abatido vos acho hoje !

CAMÕES.

É que ja não posso lutar mais com o desamparo : a miseria tem-me cravado os dentes no corpo e n'alma !

ANTONIO.

E com tudo sois grande no excesso da desgraça, como Deus vos fez grande no excesso do genio. E que vos não possam comprehender : que não saibam avaliar o thesouro desamparado!... Corta-me a alma ver-vos d'esta sorte, sem vos podêr soccorrer. Todo o dia tenho mendigado, estendendo o braço pelas praças, e pelas encruzilhadas das ruas, para esmolar uma fatia de pão com que vos sustentar, e ainda os meus olhos chorosos não viram estender-se uma mão bemfazeja!... Custou-me a voltar sem trazer algum soccorro, mas.... Oh! que desventurado sou! trago-vos apenas as lágrymas de um pobre servo.

CAMÕES.

Nem eu sei como tenho pobido sobreviver a tanta angústia, e a tanta desventura! (*Erguendo-se, e reanimando-se progressivamente*). Triste fim do trabalhador valente! Cruel recompensa dada ao homem de genio que entoou o canto de glórias aos valentes de sua patria, e que tinha em uma mão a espada para traçar-lhes mais largos limites, e na outra a penna para a celebrar!... O pobre e honrado soldado, morre á fome, e ao desamparo, vertendo ainda soro de sangue pelas feridas dos combates ; e ao genio que tomou a peito uma empreza tão nobre, tão pezada, e tão temeraria?... Cortam-lhe as azas no mais subido de seu voo : afogam-lhe os seus accentos patrioticos, e o derrubam no abysmo da miseria, sem consolação, sem amigos, desesperado da caridade humana, e de tudo.... morrendo lentamente pelas angústias e pela fome! Oh! sim, pela fome ; mas

que este brado não transponha o limiar d'aquella solitaria porta, porque eu não quero que estranhos saibam que, n'esta grande e desventurada nação, o autor dos LUSIADAS, o vate que entoou o hymno das glorias portuguezas morreu ao desamparo.... e de fome! Sim, que o não saibam porque é uma grave culpa de mãe que cumpre ao filho extremoso esconder, e negar!...

ANTONIO, *levantando os olhos ao ceo e supplicando.*

Meu Deus, compadecei-vos de tanta agonia, e de tanta desventura!...

CAMÕES, *com a voz mais fraca.*

Longa e bem escabrosa tem sido a rua de amargura que tenho caminhado, para chegar ao calvario da minha vida: mais de uma vez tenho vergado debaixo do pêzo do madeiro da minha cruz, e cahido com o rosto no chão; as mãos e os pés tenho-os escorrendo em sangue: e da fronte me cae o suor da agonia. Meu Deos, meu Christo, e meu pae, não me deixeis por mais tempo prêgado á cruz de tanto soffrimento: dae-me o repouso do tumulo... que bem o merece a minha dor, e a minha resignação!... (*Cahe no espaldar em que antes estivera*).

ANTONIO.

Ah! isso é uma dor que despedaça a alma! (*Ouve-se ao longe dobrar de sinos mortuarios*).

CAMÕES.

Quando entoará o bronze sagrado o seu tocar de morte, por este desventurado ?... (*Batem rijo á porta*). Quem buscará a pobre habitação do soldado ?...

ANTONIO.

Praza a Deus que seja alguma alma soccorredora, que venha estender-vos uma mão caridosa.

CAMÕES.

Só havia uma n'esta cidade, que do sou pouco repartia comigo, mas a pobre Barbora morrreu !... (*Tornam a bater com mais fôrça*) Vê quem seja. (*Antonio dirije-se â porta, que quando se abre, deixa ouvir os sons mais distinctos do dobrar murtuario, que logo finda.*)

## SCENA III.

### OS MESMOS E RUY DA CAMARA.

RUY *da porta.*

E n'esta habitação que mora o poeta Camões ?

ANTONIO

Sim : é aquelle o meu infeliz senhor.

RUY DA CAMARA.

Pois bem, deixa-nos a sós.

ANTONIO, *hesitando*.

Meu amo, meu nobre senhor, carece de....

RUY DA CAMARA.

Deixa-nos por algum tempo, escravo.

ANTONIO, *á parte e com dor*.

Que doloroso destino é o nosso! (*sahe*).

RUY DA CAMARA, *vindo a Camões*.

Muito me tem custado a dar com a vossa habitação, senhor Luiz de Camões.

CAMÕES.

E quem é o nobre e excellente cavalleiro, que me procura ?

RUY DA CAMARA.

Pois não reconheceis em mim um vosso acredor?

CAMÕES.

A vista e a memoria tem-me ido pela mesma trilha que levou a minha esperança, e a minha consolação.

RUY DA CAMARA.

Ou talvez não queiraes reconhecer a Ruy da Camara a quem promettestes e haveis faltado...

CAMÕES.

É verdade que ha tempos vos prometti ...

RUY DA CAMARA.

Os sete psalmos penitenciaes, traduzidos e postos em versos de vossa poesia, que na verdade é excellente.

CAMÕES.

N'esse tempo, nobre cavalleiro, ainda eu tinha algum estro, mas hoje, no meio do desamparo a que me condemnou o destino, o meu talento està agonisante, e sem fôrças para ao menos entoar um canto de cysne. Em outro tempo, no sancto orgulho de poeta,que Deos me havia accendido n'alma, tinha eu um recurso para onde appellava das dores que me rasgavam o coração ; mas hoje, senhor, ésta pobre cabeça, que n'outro tempo voava altos vôos apoz dos sentimentos do seu coração, ésta cabeça que imaginàra uma canção aos bravos da sua patria, està rude e embrutecida, semilhante a um campo que o sol intenso queimou e tornou esteril.

RUY DA CAMARA.

Para tudo tem recursos o vosso excellente talento, e na verdade se o não cumpris, é porque devéras me quereis faltar.

CAMÕES.

Acreditae, senhor, que talento e ânimo, me tem de todo desamparado, e abandonado ; e falece-me o estro para tudo. Dispersas e despresadas tenho eu todas as minhas rimas, e não curo de as colligir que hoje, para mim, a glória é uma sombra vã, um fantasma de horrivel escarneo. (*Com um riso amargo*). Glória !... o que é a glória para um desventurado como eu ?... Tinha convidado o meu genio para celebrar os feitos do nosso joven e valente rei, tinha começado e adiantado ja ésta empreza, mas ha tempos que a larguei de mão, e hoje nem sei onde para.

RUY DA CAMARA.

Devieis cuidar mais d'isso porque era a melhor sorte e maneira de vos mostrardes agradecido a el-rei, pela grande mercê que vos concedeu.

CAMÕES, *exaltando-se progressivamente.*

Grande mercê na verdade !... Depois de tanto esperar e desesperar, depois de manifestados tantos serviços à patria, é que pude arrancar das mãos de sua real alteza um papel em que se me doava quinze mil réis, com a pezada condição de ser aconteado de el-rei, e ter moradia na côrte, tirando novo provimento em todos os trez annos. Não foi amparo ao genio, foi uma pobre recompensa, recompensa irrisoria, que se deu ao soldado d'alem-mar que tantas vezes expozera a vida pela patria. Sim! foi uma recompensa de escarneo porque me tem sido tão mal paga, e tão descontada, que eu

antes pedíra a el-rei, commutasse esses quinze mil réis, em quinze mil açoites nos ministros, por cujas mãos corre este negocio. Estou verdadeiramente abandonâdo, senhor: ainda ha pouco o meu pobre servo!... não vos direi mais nada!...

RUY DA CAMARA.

E por ventura não vos tem rendido alguns lucros a impressão do vosso poema?

CAMÕES.

O meu poema! o filho querido das minhas vigilias, dos meus desenfados, das minhas esperanças e das minhas desgraças! a história dolorosa do meu coração.... os barbaros mutilaram-m'o, transtornaram-o, despiram-lhe a purpura, e arremendaram-o com farrapos de mendigo!... Insensatos!... no edificio que por tantos annos eu traçára, e edificàra, mandaram-o concertar por alvineros: grande recompensa na verdade ao lidar e scismar de tantos annos. Oh! se eu quizera soltar n'esta pobre habitação brados de indignação contra tanta crueldade, os meus gemidos talvez fossem afogados pelo tenebroso officio da Inquisição, mas o echo da dor repercutiria valente pelos seculos vindouros!... Não o farei!... morrerei ao desamparo, e curtido de dores.... mas o amante extremoso da sua patria, o filho desvelado e infeliz, não soltará um queixume contra a ingratidão de sua mãe!...

RUY.

Adiantae a vossa epopea, e el-rei, á volta da batalha d'Africa, vos compensará melhor.

CAMÕES.

Qne o faça Diogo Bernardes, que para tanto tem a graça, e o favor de el-rei!... Crueis!... Arredaram-me da graça e da familiaridade de sua alteza, para eu não lhe dizer com a lealdade do meu coração verdades duras, que — a elles máos conselheiros — haviam de amargar, e pezar. Para celebrar n'uma epopéa os brillhantes feitos d'uma nação, é mister que o vate avalie e sinta a grandeza do objecto, é mister que elle tenha tomado uma parte distincta no mais travado, e no mais arduo das hatalhas; que tenha a cabeça e o coração cheio dos gritos da victoria!... Barbaros!... não contentes de me haverem despresado, retalham-me o coração de angústias, cortam as azas do meu genio, que em outro tempo senti ascender-se como um archanjo para cantar as glórias da patria.

RUY DA CAMARA.

É uma boa quadra ésta para desempenhares a promessa que me fizestes, traduzindo e pondo em verso os sete psalmos da penitencia.

CAMÕES.

A morte tem-me ja coado no coração o gêlo do sepulchro: o meu talento está morto: permitta Deus que se apague tambem ésta luz bassa, e mortuaria da minha vida. (*Sente-se dobrar outra vez os sinos, e algumas vozer de psalmear ao longe.*) Aquelles sons me consolam e me agradam, que parecem elles ser ao meu passamento.

RUY DA CAMARA.

O Senhor fique comvosco, senhor Luiz de Camões que me vou ja para acompanhar o entérro.

CAMÕES.

Em boa hora vos vades. (*As vozes sentem-se mais ao perto*).

RUY DA CAMARA.

Deus se compadeça de vós, e da alma do infeliz conde da Castanheira.

CAMÕES, *com fôrça*.

O conde é morto?

RUY DA CAMARA

Dobram os sinos por sua alma, e vae seu corpo ser conduzido à sepultura.

CAMÕES.

Ah !... (*Cahe desfallecido no espaldar. Ruy da Camara, sahe deixando a porta aberta, as vozes aproximam-se cantando* —De profundis clamavi ad te, Domine: exaudi vocem meam. *Começa a passar pelo fundo da scena o prestito funebre do conde da Castanheira ; frades de differentes ordens, clerigos, nobres vestidos de luto ; e por último passa o ataude coberto com um panno preto com uma cruz branca no meio. As vozes mais distantes* — Domine, quid multiplicasti sunt, qui tribulant me. — *Camões profundamente commovido por ésta scena tem-*

*se levantado lentamente, obrigado por uma dor violenta, e agitado de differentes sentimentos de terror. Na occasião em que vae passar o ataude cahe sôbre os joelhos, e dá um agudo e doloroso)* Ai !... *(Quando as vozes vão ao longe, tem passado o prestito, cahe desfallecido no chão, xclamando)*: Misericordia, meu Deos, misericordia !...

## SCENA IV.

O MESMO E ANTONIO.

ANTONIO *entrando.*

Ah ! que transe !

CAMÕES.

Que medonha e aterradora idéa !... *(Correndo a mão pela testa e erguendo-se pouco a pouco ajudado pelo Jáo)*. Parece que Deos nos vae chamar ao mesmo tempo perante o seu tremendo juizo !... Ah ! Catharina.... Catharina !... em breve nos esposaremos.... lá no ceo !

ANTONIO.

E o vosso pobre escravo, senhor ?

CAMÕES.

Deos faça a tua felicidade n'este mundo, como eu desejo a minha salvação no outro. Tu tens fabricado para ti uma

coroa de virtudes que os anjos te hande collocar na cabeça !... Sim, meu querido, meu desvelado amigo ! (*Antonio pèga n'uma das mãos de Camões, e a aperta contra o peito, beijando-a*). Tu has sido o meu unico amparo, tens sido a minha unica consolação, o bordão da minha velhice !... tens sido o compassivo Serineo que me tem ajudado a levar tão pezada cruz.... pelas ruas da amargura.... para o tremendo calvario da última agonia da vida : — ah!...

ANTONIO

Senhor, senhor, espedaçaes-me a alma !

CAMÕES *redobrando de commoção.*

Agora que vou tocando as margens da sepultura, e que ja breves horas tenho a passar n'esta terra de abrolhos, n'esta terra safara de alegrias, agora que vou a deixar este valle de lagrymas, em que tanto se pena, eu, em nome de Deus e dos anjos, em nome do genero humano, te lanço a minha benção, para que Deus, os anjos e os homens t'a lancem igualmente.

ANTONIO, *cahindo de joelhos.*

Ah ! que desventurado sou !... perder o meu senhor !... o meu pae, o meu generoso amigo.... (*Erguendo os olhos e os braços para o ceo*). Meu Deus, levaé-me tambem d'este mundo !...

CAMÕES *pegando nas mãos do João e erguendo-o.*

Deixa que te cubra de beijos éstas mãos generosas, éstas mãos bemfazejas, as unicas que tem derramado consolações nas feridas da minha alma.

ANTONIO *extremamente commovido.*

Ah ! isto é matar-me !...

MISSIONARIO *assomando á porta.*

É ésta a morada do cavalheiro Luiz de Camões ?

CAMÕES.

É aqui mesmo, senhor! (*Antonio toma um dos lados do palco, o Missionario desce a scena com gravidade, profundamente commovido pelo desamparo em que vem achar Camões*).

## SCENA V.

### O MESMO E O MISSIONARIO.

MISSIONARIO.

Bemdito seja o Senhor Deos Omnipotente, porque dà n'esta terra o purgatorio aos seus filhos queridos.

CAMÕES.

Sêde bem vindo, ministro do Senhor, que n'esta hora bastante carecia eu de quem me fallasse do ceo, e enchesse a mi-

nha alma de confiança religiosa. Parece que foi a Providencia que para aqui vos encaminhou. Oh ! sêde abençoado.

O MISSIONARIO.

É a antiga e verdadeira amizade quem me traz a ésta contristada mansão para chorar com um amigo.... sim com um amigo.... porque é infeliz !...

CAMÕES.

Senhor !... (*Momento de recordação*). Minha pobre cabeça !... nem eu ja sei como, nem onde, em outro tempo vos conheci.

O MISSIONARIO.

Companheiro de uma longa viagem, hospede algumas noites em uma pobre cella, amigo e consolador, quando o céo vos fulminou com a perda da donzella que amaveis....

CAMÕES.

O reverendo Fr. José Indio ?

MISSIONARIO.

Eu mesmo, senhor.

CAMÕES.

Oh ! bemdito seja o ceo, porque torno a ver o meu bem-

feitor! Mas... não fostes vós com el-rei para a expedição d'Africa?

MISSIONARIO.

Fui; e de là cheguei hontem ao cahir da noite no galeão S. Matheos, que trouxe a ésta nação, a tristeza, a orphandade e o luto.

CAMÕES.

Que dizeis, senhor?

Pouco para o muito que ha succedido. Cheguei hontem à noite, e logo vos procurei; mas tudo em vão, porque ninguem me soube dar noticia do vosso asylo.

CAMÕES.

É mui pobre e mesquinho para ser conhecido.

O MISSIONARIO.

Na verdade. Agora o soube, na igreja de Santa Anna, da bocca de Ruy da Camara, que o disse á muitos cavalheiros da côrte, e a muitos religiosos que protestaram visitar-vos depois do entêrro do nobre conde.

CAMÕES.

Vem agonisar uma alma, para depois levarem um cadaver. Mas, senhor, dae-me novas da expedição, contae ao

soldado, talvez na sua última hora, os feitos briosos da sua briosa nação.

MISSIONARIO.

Essa nação ja não existe, nobre e honrado soldado da India, só existem as nossas lagrymas para as derramar sôbre esse cadaver gigante, a quem Deos approuve fulminar com o raio da sua colera. As visões terriveis de Ezequiel tornaram-se uma realidade cruel contra a nação de Affonso Henriques : o sol que surgio nos campos de Ourique, acaba de eclipsar-se em Alcacer-Kíbir.

CAMÕES.

Fazeis-me tremer....

MISSIONARIO.

Foi o primeiro e fatal golpe que Deus descarregou contra a sua nação escolhida, contra o seu povo predilecto : funda foi a ferida, longos han de ser os padecimentos ; e quasi impossivel a sua ressurreição.

CAMÕES.

Ai !... a misericordia de Deus nos soccorra.

MISSIONARIO.

E só na misericordia de Deus é que temos a confiar. Perdeu-se a batalha, e com ella a melhor flor da nossa cavallaria, e da nobreza que acompanhou el-rei. Tudo está

perdido !... foi um dia de agonia, um dia de luto, uma conflagração geral, em que ésta infeliz patria foi sepultada nas areias d'Africa, n'essa campa de morte, onde se irão derramar as nossas lagrymas, e as nossas amarguras.

CAMÕES *com dor*

Restava-me este derradeiro e tremendo golpe !... passou-me o coração e a alma : ai !... que longa é ésta ultima agonia !... Oh ! meu Deus, meu Deus ! amparai-me, soccorrei-me pela agonia que soffrestes no horto de Getezemani.

MISSIONARIO.

E para cúmulo de tanta amargura, morreu com a nossa glória, o nosso formoso ramo de esperanças, ja não temos patria, nem rei.

CAMÕES, *atterrado.*

Que dizeis, padre ?...

MISSIONARIO.

A verdade. El-rei morreu na batalha, e com elle toda a nossa esperança.

CAMÕES, *como fulminado.*

Ah !... ah !... *Cahe : pausa.*

MISSIONARIO, *olhando para o ceo*).

Meu Deos ! tende misericordia d'esta alma attribulada !

ANTONIO *com amargûra.*

Ah ! (*Começam a entrar cavalleiros de envolta com frades de differentes ordens, especialmente da ordem de S. Domingos. Conversam entre si atterrados, e como possuidos d'uma grande mâgoa. Camões voltando a si com esfôrço e levantando-se ajudado pelo Missionario ; e Antonio quase nos seus braços*).

CAMÕES *com voz desfallecida e entrecortada.*

Tudo està consumado !... Sinto que o sangue me rebentou das veias, que o coração se me espedaçou, e que a morte me aperta jà nos seus braços mirrados e frios ! Ah !... Traguei até às ultimas fezes o calix das amarguras da vida !... Deos tenha misericordia de mim !... ai !... morro por ella, e com a patria !

MISSIONARIO.

Reanimae-vos : olhae que partis de dor a alma de um amigo.

CAMÕES *desfallecendo.*

Catharina !... minha patria.... meus amores ! recebei o meu último.... suspi...ro.... (*Cahe morto*).

ANTONIO *cahindo no chão e com maior agonia.*

Ah !...

MISSIONARIO *ajoelhando junto a Camões, e pondo-lhe a mão sôbre o peito.*

Ésta grande alma vergou finalmente sob o pezo da sua cruz. (*Todos olham o cadaver profundamente commovidos ; o Missionario na mesma posição cruza as mãos sôbre o peito, e olha com amargura para o ceo*).

# NOTAS.

# NOTAS

# AOS PROLOGOS.

### Nota A.

As Obras do auctor . . . . . I.

Ésta collecção compor-se-ha de dramas, romances, impressões de viagem, poesias e outros escriptos, como discursos acamicos, e artigos do jornalismo. Os dramas que vão seguir são Martim de Freitas, Conjurado, a Favorita, Affonso VI, Monge da Serra d'Ossa em segunda edição, e D. Ignez de Castro. Os romances principaes são o Monge da Caloura, de que ja se publicaram alguns capitulos na *Nova Gazeta dos Tribunaes*, de que o autor foi o fundador e redactor, o Colono Portuguez no Brasil e outros mais tirados da história portugueza. As impressões de viagem compõe-se das Recordações do Alem-Tejo, de Coimbra, da Madeira, do Rio de Janeiro, e de S. Paulo, de que ja foram publicados alguns capitulos no *Ypiranga*, no *Nacional* e no *Mercantil*.

### Nota B.

Dedicatoria. . . . . . . . . III.

Tenho no gráo da mais subida honra a permissão que tive de consagrar a dedicatoria d'este drama ao Senhor D. Pedro II, não tanto pela sua altissima posição, como por ser um dos primeiros litteratos da nação, cujos destinos elle rege. Ao senhor conselheiro d'estado Candido José d'Araujo Vianna, presidente do Instituto Historico me confesso agradecido pelo empenho com que elle favoreceu e recommendou ésta dedicatoria.

# AO DRAMA.

## ACTO PRIMEIRO.

### Nota A.

Que incantadora estás, minha boa sobrinha . . . . . . . . . pag, 25.

Os biographos de Camões tem vacilado sôbre o grào de parentesco que havia entre D. Catharina d'Atayde, e o conde da Castanheira. Quando eu a este respeito consultei o meu respeitavel amigo o Sr. Garrett, noticiou-me elle que esse ponto estava resolvido pelo sabio archeologo o senhor visconde de Jurumenha, que o havia descoberto na torre do Tombo. Quando eu me dispunha para consultar a este cavalheiro sôbre ésta materia, uma commissão politica me obrigou a sahir de Lisboa, e agora lamento haver perdido a occasião de averiguar este ponto com todos os seus pormenores. Adoptei o de sobrinha e tutelada para assim justificar o predominio paternal que o conde da Castanheira exerce no drama para com a amante do nosso poeta.

## ACTO SEGUNDO.

### Nota B.

Era eu ainda muito criança, quando me achei na tomada de Azamor. pag. 53

São historicas todas éstas commemorações relativas a D. Aleixo de Menezes, o famoso aio de D. Sebastião. Esbocei ésta personagem, quanto me foi possivel, segundo o molde que nos deixaram as chronicas e as memorias dois notaveis reinados, em que elle representa um papel tão impor-

tante. Bem sei eu que uma entidade historica, como é D. Aleixo é propria para o pincel do um Raphael, ou para o scopro de um Canova, mas era indispensavel que nos dois grandes quadros historicos que eu traço n'este drama, apparecesse a a figura homerica do aio leal e fiel.

NOTA C.

O desacato que aquelle malaventurado herege perpetrou em minha presença. . . . . . . . . . pag. 56

Todos os historiadores da epocha são concordes na exposição d'este successo, que se tornou para D. João III e a sua abeatada côrte o facto mais importante do seu reinado. A narração mais curiosa d'este caso é a que vem na rara Chronica de D. Sebastião escripta por D. Manoel de Menezes a pag. 21.

NOTA D.

O Santo Tribunal da Inquisição vigiará sôbre essas viboras damnadas . pag. 56

O estabelecimento da Inquisicão em Portugal foi obra de um impostor muito conhecido com o nome de *falso nuncio de Portugal*. Este homem chamado João Peres de Saavedra, de concerto com um Jesuita, fabricou uma Bulla falsa com o mesmo talento que lhe tinha servido para ganhar trezentos e sessenta mil ducados, fazendo umas lettras de cambio falsas, e tomou a qualidade de Legado *á latere*, com a missão de organisar o Santo Tribunal. Perfeitamente o conseguio: todo o mundo o reputou um veneravel Principe da Igreja, e ésta grande mistificação foi consummada. Reconhecido depois por ladrão, e falsario, Saavedra foi condemnado às galés; mas a sua obra subsistiu. O que està feito, està feito, disse o Papa Paulo III, pelo menos tão veneravel como Alexandre VI. Em consequencia d'isso deu um Breve de confirmação para quanto havia praticado o ladrão, que depois, arrancado da grilheta, recebeo os favores da côrte de Roma.

(Vid. *Resume de l'Histoire du Portugal* por Affonso Rable.)

### Nota E.

Os vossos predecessores tem vendido as graças da justiça, adulterado as leis. pag. 62.

Para bem se avaliar a corrupção que havia nas nossas possessões ultramarinas, lea-se especialmente o *Soldado Pratico* do honrado Diogo do Couto, benemerito amigo de Camões. O luxo, que é o cancro que corroe as sociedades, era proverbial entre os regulos d'aquellas possessões, e seus asseclas.

Vicente Le Blanc antigo viajante francez, que esteve em Goa, quasi no tempo em que o poeta ali residiu pela ultima vez, falla com enthusiasmo das maravilhas d'esta capital, que parece preferir a Lisboa. Trata da sua opulencia, admiravel policia, e das commodidades com que os portuguezes e tambem os estrangeiros ahi podiam viver. Conta-nos como, n'esta grande e opulenta cidade, os habitantes passavam deliciosamente. Falla com praser dos mil recursos que um luxo commodo offerecia ; e exalta, sobretudo, a tolerancia que se ahi notava, e que foi snbstituida alguns annos depois por um medonho systema de perseguição.

## ACTO TERCEIRO.

### Nota F.

E por ventura não tendes vós, sem avaliar o que são as lagrymas e os gemidos de um povo . . . . . . . pag. 89.

Estes dous fataes irmãos são os jesuitas Luiz e Martim Gonçalves, aquelle confessor e este escrivão da puridade, ou secretario intimo de D. Sebastião, que se apoderaram da menoridade d'aquelle fatal rei, e o arrastaram a sepultar-se com a nação nos campos de Alcacer-Kibir. O nosso poeta foi victima do odio seraphico d'estes dous monstros, a ponto de neutralisarem a mesquinha pensão de 15$000 que o rei havia concedido a Camões, de sorte que este, cançado de andar de casa de Herodes para casa de Pilatos, costumava dizer, que ja agora o unico requerimento que

faria a el-rei sería para que commutasse aquella quantia em quinze mil açoites nos taes ministros. Luizes e Martins Gonçalves houve-os em todos os tempos, e raro é o monarcha que não tem um d'estes màos anjos ao lado do seu throno.

## Nota G.

Conversemos como dois amigos. pag. 98.

Não se sabe ao certo até que ponto considerou D. Sebastião os Lusiadas e o seu auctor. Segui a lição do Sr. Garret no seu poema, e assim me convinha mais para as conveniencias dramaticas, isto é, nivelar a realeza de um sceptro com a realeza do genio. Por certo que eu não teria concebido no meu drama a D. Sebastião tão expansivo e tão decidido com o poeta, se ja tivesse lido, como ao depois me succedeu, a fiel pintura que se vê no manuscripto da bibliotheca d'Ajuda, achado pelo Sr. Alexandre Herculano, e publicado no jornal litterario-encyclopico o Panorama do anno de 1843.

« Na quarta-feira seguinte foi o legado visitar el-rei, o qual veiu encontrar-se com elle ao meio da sala grande, acompanhado de muitos cavalleiros, e vestido singelamente todo de panno preto. Tirou o legado o barrete primeiramente, e depois tirou el-rei o seu, mas tornou-o a pôr logo, tendo o legado o seu ainda na mão ; e sem dizer palavra tomando a direita ao legado se encaminhou para o seu quarto, sem fazer a menor ceremonia ao passar as portas, entrando primeiro que elle na camara aonde só havia uma cadeira. Ordenou então elle que viesse outra, mas antes que ella chegasse, ou por inadvertencia, ou por altiveza, assentou-se debaixo do docel, e o legado defronte d'elle na que trouxeram, que era de veludo. Tendo fallado obra de uma hora, o legado tornou a cobrir-se, fazendo el-rei apenas signal d'isso, e acompanhando-o só até á porta do aposento aonde parou, com o barrete na cabeça em quanto os prelados lhe faziam suas cortezias, pondo o joelho em terra, e retirou-se depois.

« O legado jantou n'esse dia em público, mas só, estando a meza na sala do docel, n'um estrado de cinco degràos, assentado em uma cadeira de veludo carmesim, franjado de ouro, assistindo-lhe os prelados, e grande número de fidalgos

portuguezes. Ao mesmo tempo jantava el-rei tambem em publi o, e só à mesa, na sua sala principal, debaixo do docel, em estrado levantado, e assentado em cadeira de brocado de ouro. Quatro padres jesuitas benzeram a meza, e depois deram graças. O serviço era de ouro : dez os criados que serviam, não mais. As comidas poucas, mal temperadas e grosseiras. Sôbre a meza estava sempre um grande vaso de prata cheio de agoa, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingoa portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, d'altura de um palmo, e feito de certo barro vermelho subtilissimo e lusidio, que chamam *barro de Estremoz*, pelo qual el-rei bebeu duas vezes. Ahi estava tambem sempre uma salva de prata cheia de guardanapos, que se renovavam cada vez que el-rei bebia, ou mudava de prato. Comia depressa, com a cabeça baixa, e com pouca delicadeza. Um pagem posto atraz da cadeira lhe tinha no entretanto a espada. Dez estavam de joelhos. Apesar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca disse palavra, nem olhou para nenhum, e levantando-se da meza retirou-se para a sua camara com passos velozes.»

## ACTO QUARTO.

### Nota H.

Elle tem sido o meu unico, o meu verdadeiro e leal amigo . . . pag. 118

E' sobremaneira encantadora esta dedicação do pobre servo para com seu infeliz senhor. De todas as memorias de louvor consagradas a este illustre escravo é digna de especial mensão a mimosa poesia do meu compatriota e amigo o Sr. João d'Aboim, que eu aqui transcrevo.

## O CANTO DO JÁO.

Esmola que morre à fome,
Ainda hontem bradei—,
Aos echos disse seu nome,
E ninguem, — ninguem achei!...
Eram fidalgos malvados,
Fidalgos degenerados,
Por Castelhanos comprados,
Fidalgos que eu encontrei.

Morreu, para sempre repousa
Meu amigo e meu senhor,
Não terá elle uma lousa,
Nem a patria outro cantor !...
Morreu, a fronte gellada,
Por todo o mundo invejada,
Ja não revolve inflammada
Seus hymnos de tanto amor !...

Morreu pobre, abandonado
O cantor da linda Ignez,
Vate sublime, soldado
Nobre, altivo e Portuguez !
Morreu ; a patria comsigo
Patria escrava e sem abrigo,
Recordarà por castigo
As trovas que elle lhe fez.

Melhor em Java te fôra
Qual Jào selvagem nascer,
Correr nos campos agora
Nas selvas livre viver,
Montar as egoas silvestres
Trepar aos seixos alpestres,
Gozar das sombras agrestes,
Com meus parentes morrer.

Linda Java, terra minha
Onde tão livre nasci,
Onde o meu sol se detinha
Como um fogo sobre mim ;
Oh ! quem me dera as florestas !
E as horas das minhas séstas!
Oh ! que saudades são éstas,
Saudades que eu tenho aqui !...

Mas que saudades, torturas
Pois ê morto o meu senhor,
Que merecia mais venturas,
Que dos brancos era a flor ;
Brancos, sim, d'altiva raça
D'essa Europa mais devassa
Do que os negros de Mombaça,
Do que os Iudios de Timor.

Eis o pago que te deram,
Oh meu senhor infeliz,
Os tratos que te fizeram,
Meu amigo, meu Luiz :
Deixaram-te abandonado,
A' tua cruz amarrado,
A ti, cantor e soldado !...
O teu fado assim o quiz !...

Esmola, que morre á fome,
Ainda hontem bradei—,
Aos echos disse seu nome,
E ninguem, ninguem achei !
Eram fidalgos malvados,
Fidalgos degenerados,
Por Castelhanos comprados,
Fidalgos que eu encontrei.

Oh ! meu senhor, se souberas
Que assim fôra o teu viver,
Antes ficasses co'as feras
Sem escravo me trazer.

Antes ficasses em Java,
Que das Indias o mar lava,
Pois é boa, docil, brava
A terra do meu nascer.

Antes em Java ficasses
Respeitando a nossa lei,
Que quando menos pensasses
Talvez te fizessem rei ;
Os Indios de meus palmares
Procurariam nos ares
Os exquesitos manjares
Das lindas aves que eu sei.

Irias sôbre as ribeiras
As bravas feras caçar,
Nas lindas garças ligeiras
Nossas settas ensaiar ;
Lá viverias contente
Onde o sol bronzêa a gente,
Ao pé do Indio valente
Que não sabe atraiçoar.

Irias ás nossas selvas
Constante sombra fruir
Sôbre alcatifa de relvas
Sem algum perigo dormir ;
Os galhos dos arvedos
Te contariam segredos,
Verias nossos rochedos
Ao sol ardente lusir !

Uma de nossas irmãs
Te daria o seu amor
Singelo qual das manhãs
Nasce tenra e linda flor ;
Um amor da natureza
De primitiva belleza
Um amor todo pureza
Que te não desse uma dor.

Das nossas aves nos cantos
Terias ledo cantar,
Acharias mil encantos
Nas ribas do nosso mar ;
A' guerra nos levarias
Com outras tribus bravias,
A victoria nos darias
No saber do teu mandar !

Se ficasses presioneiro
Das outras tribus alli
Os Indios qual o primeiro
Dariam Java por ti.
São os meus irmãos generosos,
Esforçados, bellicosos
Da liberdade vaidosos,
Em guerras tambem os vi !...

Infames que te mataram !
Que tem o ouro por lei,
Que o moço rei enganaram
A troco de ouro, bem sei ;
E que hoje riem contentes
Porque os Lusos mais decentes
Morreram como valentes,
Com a patria, com seu rei.

A Lusitania està morta
Da Líbia no vasto areal,
Aos estranhos abre a porta
O imbecil cardeal !
Não ha lusos corações,
Folguem cobardes nações,
Morreu Luiz de Camões,
O seu rei, e Portugal !...

Esmola, que morre á fome
Ainda hontem bradei —,
Aos echos disse seu nome
E ninguem, ninguem achei !

Eram fidalgos malvados,
Fidalgos degenerados,
Por castelhanos comprados,
Fidalgos que eu encontrei.

## ACTO QUINTO.

### Nota I.

Alma minha gentil que te partiste. pag. 127.

Quando Camões não nos houvesse deixado outros tantos monumentos de poezia, bastaria este soneto para fazer a sua reputação.

### Nota J.

N'esse tempo, nobre cavalleiro . pag. 138.

Ésta anedocta é citada por todos os biographos do poeta. Um só da classe dos fidalgos, dizem os editores de Hamburgo, se dignára entrar na sua pobre morada : cuidarão nossos leitores que iria para o soccorrer? Pois não ; foi para o reprehender. Ha tanto (lhe disse o bom do fidalgo) que vos pedi me traduzisseis os sete psalmos penitenciaes, e ainda os não traduzistes. Nenhuma desculpa tendes que dar : tendo feito tantos versos e um tão formoso poema, se me não servis, não é porque não possais ; é, sim porque não quereis. *Senhor* (lhe respondeu o poeta) *quando eu fiz esse poema e esses versos, era moço e favorecido das damas, e tinha o necessario á vida* ; *e agora não tenho espirito nem contentamento para nada, porque tudo isso me falta, e em tal miseria me vejo, que ahi está o meu Antonio a pedir-me um vintem para carvão, e não o tenho para lho dar*. Sabia este cavalheiro que Luiz de Camões era poeta, para lhe pedir a traducção dos sete psalmos penitenciaes, e não sabia que era pobre, para lhe dar uma esmola.

### Nota K.

O meu poema, o filho querido das minhas vigilias . . . . . pag. 140.

Referindo-nos aos ditos editores, cabe aqui notar que havendo lido e moditado a producção immortal dos Lusiadas sempre nos pareceu que em alguns logares não estava como seu auctor a havia originalmente escripto : e agora achamos confirmada a nossa suspeita. Porque, estando ja concluida esta nossa edição, como obtivessemos um exemplar da de 1613 commentada pelo licenciado Manoel Correa, contemporaneo e amigo do poeta, ahi encontramos na exposição à estancía 81 do canto 9.° a seguinte revelação : *Se o poeta* (diz elle) *se não alargàra em algumas palavras, que pederia escusar, o fingimento, isto é poetico e excellente, como são todas suas cousas. Por isso se lhe emendaram e declararam algumas oitavas.* E no mesmo canto, estancia 71 : *E assim como aqui vão impressas, as tinha elle emendadas por conselho dos religiosos de S. Domingos, com quem tinha grande familiaridade.* E aqui temos que o poema achou embaraço na censura da Inquisição, e que para podèr passar, foi preciso que seu auctor por conselho dos frades de S. Domingos, isto é, por ordem dos mesmos Inquisidores lhe fizesse as alterações e emendas por elles exigidas. E portanto é fóra de toda a dúvida que a explicação da allegoria d'elle posta na bocca de Tethys, e o dizer ella mesma (canto x, estancia 83) :

Porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno, somos fabulosos,
Fingidos de moral e cego engano ;

a historia do milagre e martyrio do apostolo S. Thomé (estancias 108 e seguintes do mesmo canto) ; e Baccho adorando a Christo (canto II, estancia 12) são obra dos senhores inquisidores. Que felicidade não é, dízia o grande Tacito, nascer o homem em tempos, em que lhe é permittido sentir como quizer, e exprimir o que sente !

### Nota L.

Oh ! se eu quizera soltar n'esta pobre habitação . . . . . . . . pag. 149.

Querem alguns que, o nosso poeta morrêra no hospital, e isto fundados no testemunho de Fr. José Indio, deposto n'um exemplar dos Lusiadas,que pertencêra a lord Holland.Eis-aqui as sensiveis e ingenuas expressões d'este padre segundo a authoridade de Barbosa Machado.

« Que cousa ha mais lamentavel do que ver tamanho engenho tão mal recompensado ! Vio-o fallecer n'um hospital de Lisboa, sem ter um lençol com que se cobrisse ! E isto aconteceu a um homem que triumphou nas Indias orientaes, e que navegou cinco mil e quinhentas legoas... Que salutar aviso para os que, dia e noite, se cançam a estudar sem proveito, similhando a aranha que urde a tea para n'ella apanhar moscas ! »

Eu sigo porêm a opinião de que elle morrêra na sua pobre caza da rua de Sancta Anna, pois concordando todos os biographos em que da caza de D. Francisco Manoel lhe mandaram por caridade um lençol, para que lhe servisse de mortalha, é fóra de toda a dúvida que não morreu no hospital, porque todos que morrem n'aquella piedosa caza, ahi acham mortalha e sepultura.

### Nota M.

Ai!... morro por ella, e com a patria. pag. 150.

De todas as virtudes foi ornado o nosso poeta, e a que n'elle mais sobresahia, era um extremoso e desinteressado amor da patria, que da maneira mais evidente se manifestou em todo o decurso da sua trabalhosa vida, e nos ultimos momentos d'ella, como lampada moribunda, inda despediu de si maior clarão : pois ja nos parocismos da morte, passando em resenha todas as suas acções, parece que nenhuma outra mágoa sentia, senão a de haver soltado n'um transporte d'ira aquellas palavras : *ingrata patria, não possuirâs meus ossos*. Porque julgava elle, que por maiores aggravos que um cidadão haja recebido da sua patria, nunca, nem por pensamento, deve procurar vingança. E querendo na sua derradeira hora dei-

xar-nos um testemunho d'este seu arrependimento, vendo-se em tal desamparo, sem ter ninguem a seu lado, escreveu a D. Francisco d'Almeida, que na comarca de Lamego andava allistando gente, uma carta onde se liam éstas memoraveis palavras : *Emfim, acabarei a vida ; e aqui verão todos que tão amante fui da minha patria, que não contente de morrer n'ella, quiz tambem morrer com ella.*

### Nota N.

> Todos olham o cadaver profundamente commovidos. . . . . . pag. 159.

Uma senhora madeirense muito curiosa de pintura, na qual trabalhava com muita mestria e bastante talento, esboçou um quadro a aguarella sôbre ésta passagem do drama, e no qual eu me comprazia de a ver trabalhar. Quando d'alli sahi para os Açores ainda não estava concluido, e é por isso que hoje não o possuo na minha collecção de desenhos, gravuras e quadros para a qual estava destinado. O jào está com um joelho em terra e no outro amparando o jà cadaver de Camões, o Missionario representa uma attitude estatica, olhando para o ceo e como rogando-lhe, que incline os seus olhos sóbre aquelle quadro de tanta desgraça, os grupos que estavam no segundo plano do quadro, e a decoração da pobre casa de Camões, tudo dava uma prova incontestavel do talento artistico d'aquella estimavel madeirense.

# APPENDICE.

# NOTAS BIOGRAPHICAS.

O desenho d'este drama foi especialmente esboçado pelos traços historicos, que nos deixaram os biographos de Camões; e é por isso que entendi dever aqui reproduzir um transumpto da biographia do heroe afim de que se conheça o que ha de historico e o que de imaginação no drama.

Nos estudos biographicos, a quem me consagrei, antes de lançar os primeiros traços d'este drama, e depois à proporção que eu o ia escrevendo, tive de consultar todos os biographos de Camões de que eu tinha noticia d'esde Manoel Correa, o amigo do poeta, até Mr. Ferdinand Dinis, o amigo da litteratura portugueza.

Reproduzimos pois aqui a seguinte noticia biographica, especialmente extrahida da de D. José Maria de Souza Botelho, o editor benemerito do nosso poeta, da do ditto Sr. Ferdinand Dinis e da edição de Hamburgo.

---

Os homens mostraram sempre um grande desejo de conhecer as circunstancias particulares da vida de todos aquelles varões, que illustraram o seu nome e patria. E' mui natural a curiosidade de averiguar, quaes foram os estudos que desenvolveram o seu engenho, quaes os seus habito moraes e caracter, quaes as suas acções; e de saber se esta

corresponderam á elevação dos sentimentos, que elles manifestaram nos seus escriptos.

Quando vemos reunidos aos maiores talentos do espiríto, as qualidades mais estimaveis do coração, assim como os principios das mais solidas virtudes, sentimos a maior satisfação em podêr amar e respeitar o homem grande, que fomos obrigados a admirar. Mas se observamos além d'isso, que a adversidade não provocada, nem merecida, o perseguiu durante a sua vida, e que elle soube lutar com fortaleza e constancia contra os rigores da sorte, ou contra a perversidade humana, então concebemos para com elle uma veneração quasi proxima a um culto: *Ecce spectaculum Deo dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus.*

Se estivessemos no começo do seculo decimo setimo, epocha em que o immortal Camões era, por assim dizer, a expressão de um culto, dariamos a rasão porque, sem grande esfôrço, poderia achar-se á familia do poeta uma origem que nos transportasse além da edade média, e, acaso, aos tempos heroicos.

Sem affirmar, com Manoel de Faria e Souza, que o nome de Camões deriva do de Cadmon, principe grego, imposto a um castello da Galiza, podemos comtudo assegurar que o poeta pertencia a familia antiga, oriunda do paiz que dera a Portugal o poeta Macias, o enamorado.

O que ha de positivo é que d'esde o anno de 1370, epocha de grande briga travada entre Henrique II de Castella, D. Fernando, filho de Pedro o justiceiro, passou a Portugal um membro da familia de Camões. Foi ahi recebido com interesse, dando-se-lhe terras consideraveis, o senhorio de algumas cidades, e tambem admissão no conselho. Depois, nas longas dissensões occorridas no tempo de D. João I, seguindo este ascendente de Camões as partes de Castella, batendo-se contra o Mestre d'Aviz na batalha d'Aljubarrota, foi privado dos bens que havia alcançado no reinado precedente, ficando-lhe tão somente algumas terras no Alemtejo, herdadas pelos seus successores.

Não acompanharemos os criticos nacionaes nos particulares puramente genealogicos que referem a tal respeito. Basta que digâmos que João Vaz de Camões, se distinguìra no reinado de Affonso V, e que seu neto Simão Vaz de Camões, que esposàra D. Anna de Sá Macedo, fôra o pae do nosso

poeta. Luiz de Camões nasceu em 1524 (*) no tempo em que Vasco da Gama, sahiu terceira vez de Portugal, por ser nomeado vice-rei da India, aonde ia findar seus dias.

Os parentes de Camões, que ficaram em Lisboa, habitavam no bairro da Mouraria, freguezia, n'esse tempo, de S. Sebastião. Nasceu o poeta n'esta cidade. O attento exame dos factos obriga a regeitar as pretenções que a tal respeito sustentam Coimbra e Santarem. Os biographos contemporaneos não contem, por assim dizer, particularidades sôbre a infância de Camões. Apenas se sabe, devido às inducções da crítica moderna, que, sendo ainda creança, perdeu a mãe, e que seu pae, servindo, por certo em longinquas expedições como capitão de navio, não pôde cuidar desveladamente da educação do filho. Frequentou este em Lisboa, nos primeiros annos da infancia, a eschola de Santa-Cruz, para a qual André de Barros mandàra vir de Paris professores habeis? Esperar-se-hia, por ventura, que a universidade fosse transferida para Coimbra em 1537, para Camões ir cursar n'ella os estudos? Chegaria elle a ésta cidade como o suppõe um sabio critico portuguez, no anno de 1539? Todos estes pontos são difficeis de resolver. Sò é certo que elle achou em Coimbra, quem curasse com zêlo desvelado, da sua instrucção, assim como os mais habeis professores. Sem fallar dos sabios nacionaes que ja faziam parte na universidade de Coimbra e cujos nomes nos foram transmittidos, tambem a França, Allemanha, e Hespanha deram por industria de D. João III, o seu contingente de professores para a mesma universidade cujas instituições, elle, por

---

(*) Disputa-se ha muito tempo se Camões nascêra em 1517, 1524, ou 1525. M. João Adamon na sua excellente obra sobre este poeta cita auctoridades que regeitam a primeira data : subsiste só a duvida quanto á de 1524 e 1525, sendo a ultima d'estas adoptada pelo sabio bispo de Vizeu. M. C. Magnin mostra a impossibilidade de seguir ésta opinião em sentido absoluto. A questão versa toda em todo o caso, sôbre differença de mezes ; e o senhor D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, diz que o poeta devía nascer no mesmo anno em que Vasco da Gama fallecera.

assim dizer reformava, elevando-a em breve ao mais alto ponto de prosperidade, Diogo de Teive, que em Paris grangeava tão elevada reputação, e Buchanan que a europa sàbia invejava á Escocia, ainda não faziam parte da universidade de Coimbra. Mas Diogo de Gouvêa, antigo reitor da universidade de Paris, jactando-se de haver servido durante o reinado de cinco soberanos em Portugal, e de quatro reis em França, sendo reputado um dos mais habeis humanistas do seu tempo, occupava o primeiro logar no ensino público, d'esde o anno de 1529. O professor de grego de quem Leonardo falla com tamanho enthusiasmo, e de quem, segundo toda a probabilidade, Camões recebeu lições, era Vicente Fabricio, que, vindo da Allemanha para Portugal em 1534, ensinou primeiro em Lisboa, e depois em Coimbra por espaço de onze annos. Não eram só n'estes homens, posto que muito illustrados, que descansava todo o pèso da instrucção pública, porque, quem com elles aprendia as bellesas da litteratura antiga, podia tambem estudar a cosmographia, e as altas mathemathicas com o famoso Pedro Nunes, que lograva então uma reputação europea, e cujos debates scientificos não implicavam com os de Orocinio Fineo. Quem quizesse obter conhecimentos de medicina, e história natural, tal como se ensinava n'aquelle tempo, não lhe faltavam para isso mestres. Além dos discipulos de Garcia da Orta, que proseguiam, como se sabe, em seus estudos na Peninsula, tendo-se o maior número d'elles estabelecido em Portugal, viera Brissot, professor da antiga universidade de Paris, combater em Coimbra os partidarios exclusivos da doutrina arabe, em honra dos sabios principios de Hyppocrates. De outros muitos estudos se podia fallar ; e bastantes outros sabios deveriam ser nomeados ; mas para o fazer com exactidão, fôra mister que existissem alguns dos discursos solemnes que pronunciaram na abertura dos cursos, o habil Jeronimo Cardoso, e o célebre mestre dos filhos de D. João III, André de Resende.

Diz-se que havia em Coimbra, n'uma das salas consagradas ao estudo, uma estatua da sabedoria, que era tambem a da sciencia, em relação à edade média. Na base estava gravada em lettras gothicas esta inscripção :—

*Amice, sequere me, et non dimittam te*
*Disce vivere in servitute, et mori in paupertate....*

Parece que esta antiga estatua da sabedoria estava ali para explicar toda a vida do poeta. Antes de lhe lançarem os grilhões do captiveiro, e de o deixarem morrer na popreza, cursou elle todos os estudos. Aprendeu com professores, que ja citei, o que se podia aprender em seu tempo. Não somente se familiarisou com os poetas da antiguidade, como tambem cursou as sciencias, dando-se com grande affinco ao estudo da historia patria.

Acabados os seus estudos, na idade de 18 ou 20 annos, voltou à côrte, aonde residiam seus paes, e onde os fidalgos moços, segundo os costumes d'aquelle tempo, vinham mostrar-se para aperfeiçoar a sua educação, e passar d'ali às duas escholas militares de Africa e Asia.

Dotado de uma presença agradavel, de um raro engenho, de uma inspiração *romantica*, de um coração sensivel e ardente, com um espirito ornado de quantas vantagens a natureza e a educação podem dar, viu-se procurado, e estimado por todos aquelles que cultivavam as lettras. Mas, como elle diz,

. . . . . Quem póde livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente?

Ali viu D. Catharina de Atayde, composto de graças e de belleza, se devemos crer a descripção encantadora do poeta, e concebeu por ella o mais ardente amor, como o seu coração era capaz de senti-lo, e como os seus versos mostram, conservando o fogo da paixão que os ditou. Era ésta senhora dama do paço, e a julgar pelo seu appellido, parenta de D. Antonio de Atayde, primeiro conde da Castanheira, poderoso valído do senhor D. João III. Estes amores inspiraram a Camões a maior parte das suas primeiras poesias, e foram a primeira causa dos seus infortunios. Posto que elle fosse igual em nascimento a D. Catharina de Atayde, como lhe faltavam os bens da fortuua, póde-se conjecturar, que a familia d'esta senhora procurou prevenir uma união que julgava desvantajosa, e aggravando uma falta desculpavel, reclamou sôbre ésta o rigor das leis, que eram n'aquelle tempo mui severas contra os que entretinham amores no paço. Por este motivo, o unico de que tenhamos notícia certa, foi desterrado da côrte para o Ribatejo, o que elle confirma, e de que se queixa na elegia

terceira em que se compara a Ovidio, lamentando as penas da ausencia, e tão austero castigo.

N'este retiro procurou Camões um allivio ás suas mágoas no estudo, e na poesia. Alli compoz grande parte das suas rimas, provavelmente as suas comedias, e concebeu o plano do seu poema, em o qual, julga Manoel de Faria, que elle começou a occupar-se muito cedo.

Ignora-se o tempo que durou este degredo; quando voltou d'elle a Lisboa, e se embarcou para militar em Africa, e até o motivo d'esta segunda sahida da côrte. Talvez por não comprometter mais a sua dama, ou por experimentar novos contratempos, tomou uma resolução propria do seu brioso coração; e entrando na carreira e serviço militar, quiz, como verdadeiro cavalleiro, participar da glòria que os Portuguezes então adquiriam em todas as partes do mundo. A minha opinião, é que elle intentou primeiro passar á India, e que para esse fim se alistou em 1550, mas que foi obrigado a mudar de tenção, e a servir em Africa, ou pelo terem condemnado a novo degredo, ou por alguma razão que ignorâmos.

Passou a Ceuta, que governava n'esse tempo D. Pedro de Menezes, nomeado governador em 1549. Alli militou Luiz de Camões com o seu valor nativo, achando-se em diversos recontros, e particularmente em um combate naval no estreito de Gibraltar, aonde junto de seu pae, que commandava uma das nàos, recebeu dos mouros um tiro, que o privou do olho direito. Voltou a Lisboa com ésta honrosa cicatriz, mas nem por ella, nem pelos seus serviços teve a menor recompensa. Então poz em execução a sua primeira determinação de passar á India, impellido pelos mesmos motivos, ou por se ver orphão de paes, e de bens da fortuna, e sôbre tudo desgostoso das injúrias da côrte, e das *màs tenções dos homens.*

Pelos calculos mais provaveis esteve Camões dous annos em Africa, e voltou a Lisboa em 1552. Não lhe fôra mais propicia a fortuna do que até ali; não se lhe reconheceram os serviços; e os seus talentos, certo, por todos conhecidos, não receberam a menor recompensa. Apertou-se-lhe cada vez mais a situação, sentindo a alma, de dia para dia mais ferida. Ha biographos que fixam n'esta epocha a perda da sua chara Natercia. Outros trazem de muito mais longe ésta desventura. O que não entra em dúvida é que elle realisou o projec-

to que havia dous annos tinha formado, embarcando no de 1553 para a India na náo *São Bento*, mandada por Pedro Alvares Cabral. Um grito doloroso escapado ao poeta nos patentea o estado da sua alma. Ao sahir do Tejo proferiu as palavras de Scipião : *Ingrata patria non possidebis ossa mea*. Um desterrado o memorou tambem com eloquencia, o vento que lhe impellia as velas foi objecto das suas imprecações, e algumas horas depois de sahida a frota, ja seus olhos procuravam no horisonte as sombras fugitivas das montanhas da patria, e das frescas e vecejantes colinas de Cintra.

A história do nosso poeta, durante a sua peregrinação pela India, é na realidade cheia de interesse pelas variadas situações da vida em que se viu arremessado, ja expondo a vida nos combates, ja soffrendo miserias e fomes, ja supportando duras prisões e destêrros, e todas as inclemencias do destino ; mas como a unidade do meu drama se concentra em Lisboa, referir-me-hei especialmente a este ponto.

Camões nos ultimos tempos que viveu na India, *não curava ja da sua fortuna, e só o dominava o desejo de vôltar â patria*. Apesar da extrema pobreza em que se achava, obdecia a este secreto impulso, continuando a viver vida aventurosa, e aproximando-se pouco a pouco aos logares, aonde, não obstante o seu primeiro juramento, queria ir morrer. Pedro Barreto Rolim, parente do governador Francisco Barreto, que succedêra a Fernão Martins Freire, no governo da capitania de Moçambique, dispunha-se a partir para o seu destino. Apreciando elle a amisade do poeta, pediu-lhe que o acompanhasse. Crê-se que os seus desejos não encontrrram grandes obstaculos. Camões, acreditando nas promessas de Pedro Barreto, embarcou com elle para Sofala, nos fins do anno de 1556. Ignora-se o que se passou na Africa oriental entre elle o o novo governador de Moçambique. Por inconstancias de Pedro Barreto, ou por nobre orgulho por parte de Camões, que não pôde resolver-se a ceder a varias exigencias humilhantes, é certo que houve completo rompimento entre elle e seu falso protector. Basta lançar os olhos para algumas noticias d'aquella epocha, e conhecer o verdadeiro estado de Sofala no decimo-sexto seculo para fazer idéa da situação do poeta. Para isso bastaria uma só phrase de Diogo do Couto : — « Consentiu elle, diz o escriptor, que o poeta vivesse da caridade dos fieis. »

Tão dolorosa situação devia ter proximo termo. Succedendo no dia 10 de setembro D. Antão de Noronha a D. Luiz d'Atayde, embarcou este no mez de fevereiro do anno seguinte para Poatugal aportando às costas de Moçambique. Acompanhavam-n'o alguns fidalgos, e entre elles o diligente chronista, cujo testemunho temos mais de uma vez invocado ; e que, graças à sua franqueza de soldado, não occultou a nobre pobreza do vate. Heytor da Silveira, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, e Antonio Ferrão, associados a alguns homens generosos, cujos nomes a história occultou, tiraram o autcor dos *Luziadas* da deploravel situação em que estava em Sofala. Offereceram-lhe passagem para o navio que os trouxe da India para Portugal. Foi até preciso que o antigo companheiro de Luiz de Camões, e seu *marinheiro* sollicitasse de alguns amigos a roupa necessaria para um longo trajecto, como elle ingenuamente o confessa. O que Diogo do Couto não disse, mas que Faria e Souza, levado de nobre indignação, não calou, é que o governador de Moçambique consentiu que lhe pagassem algumas dividas contrahidas por um homem do qual apreciava o engenho, e a quem pediu que o acompanhasse. Subiam estas dividas a 20$000 réis, que foram pagas por Heytor da Silveira :—« Assim,diz o historiador, se compraram a liberdade de Camões e a honra de Pedro Barreto. »

O homem que se não mostra inflexivel com o poeta quando se trata de suas fraquezas, o escriptor austero que quiz tantas vezes disfarçar os erros de seus inimigos, admira-lhe a verdadeira grandeza, e diz com raro acerto que Diogo do Couto sem má intenção nos deu grande prova de energia de caracter, que parece tér sido a marca distinctiva do grande homem cuja vida traçâmos :—« Os màos tratos de Pedro Barreto, e a severidade, que era uma traição em taes circunstancias, os revezes que padeceu na costa quasi barbara da Africa oriental, a fraca esperança que tinha de sahir d'esta especie de captiveiro, não puderam inquietar o placido ânimo de Camões. Refere Couto, que no meio de todas éstas desgraças, poz elle a ùltima lima nos seus *Luziadas*, para os dar á estampa. Occupava-se igualmente n'uma obra abundante em regras, erudição, prudencia, e philosophia.»

Foi no corrente mez de novembro de 1568. que a nào *Santa-Fé* recebeu o autor dos *Luziadas*, e que deixou as

costas d'Africa. Teve feliz viagem, assignalando tão doloroso successo a sua volta ardentemente desejada. Chegára o ùltimo dia d'esta longa navegação, avistando-se ja as alturas de Cintra. O mais fiel amigo de Camões, o homem de quem elle tudo esperava e de cujo nome se recorda na prosperidade e infortunio, falleceu â vista da costa. Com tal successo extinguiram-se-lhe as últimas esperanças de melhor futuro. Todavia, era ésta uma desgraça particular ; porém dentro em poucas horas ia o poeta presencear a grande calamidade da peste que assolava Lisboa.

Os historiadores que fallam d'este successo, são unanimes na narração d'elle. Jamais o horrivel flagelo, que tantas vezes appareceu na edade média, e cuja memoria se achava por assim dizer extincta, causou tamanho estrago e horror ás povoações. O excesso do mal justificava essa consternação ; e segundo dizem os chronistas, houve dia em que morreram 500 pessoas ; e no espaço de tempo que decorreu d'esde os ultimos mezes de 1568, até o fim de 1569 acabaram de existir 70,000 individuos.

No tempo em que a nào *Santa-Cruz* chegou ao porto de Lisboa, começou o flagelo a diminuir ; o temor porém obstava a que as precauções diminuissem. A foz do Tejo estava rigorosamente fechada, e para que Diogo do Couto que vínha n'outra embarcação alcançasse permissão para ahi entrar, foi-lhe necessario desembarcar em Cascaes, e partir de lá para Almeirim, aonde a côrte se tinha refugiado. Obteve aqui licença para entrarem no porto os navios que se achassem à vista nas costas do mar. Deram-se todos estes passos em abril de 1570. Camões só voltou a Lisboa no mez de junho seguinte, estando ausente da patria mais de desasete annos.

Havia ja treze annos que D. João III fallecêra, achando-se muito mudado o estado do paiz. O respeitavel bispo de Sylves, vendo uma regencia laboriosa combatida por encontradas pretenções, e que apesar d'isso todos desejariam conservar —um principe sem podêr para fazer o bem, posto que dotado de raras qualidades, não pôde deixar de exclamar :—« Infeliz Portugal que tendo um rei tão digno de ser amado, é aborrecido por causa dos que compõe o seu conselho !—» Foi isto o que abalou o ânimo do poeta, e lhe inspirou as generosas palavras que dirigiu ao monarcha, ainda creança.

Se tudo estava mudado, quanto à politica, o mesmo succedia quanto a costumes. Quasi nada ja restava do esplendor, e das regias graças que adornavam a còrte no precedente reinado, como diz um antigo escriptor. Ja não havia bailes magnificos, festins como os sabia preparar o infante D. Luiz, e representações dramaticas em que Gil Vicente, auctor e comico ao mesmo tempo, mostrava a fôrça da sua originalidade. O sentimento da arte parecêra extinguir-se por um momento, como se havia tambem extincto á perseverante energia que tudo organisára durante as conquistas

Ninguem sabe como correram para o poeta os dous primeiros annos que elle passou em Lisboa, no meio das deploraveis luctas do podêr. O que é facil de provar é que o desalento politico que se observava nos melhores espiritos, e nos mais firmes corações, não chegou á engenhosa obra que exaltava a antiga glória nacional. Camões publicou em 1572 o seu poema, e, o que era para maravilhar em Portugal, fez dos *Luziadas* uma segunda edição no mesmo anno. A profunda commoção de tão nobre poesia chegou a todas as classes da sociedade. Foi immenso o seu resultado. Despertou-se, por assim dizer, o espirito nacional, e a obra se tornou popular. Ouçamos o que diz em estylo ingenuo e pittoresco o antigo escriptor, que se jacta de haver estudado em vinte annos este famoso livro, mostrando ter mais confiança em varias tradições, por isso que seu avô, Estacio de Faria, fôra amigo do poeta.

« E' certo, diz elle, que estes escriptos foram muito estimados na vida do poeta, e que por isso era elle olhado em Lisboa com admiração ; e apenas apparecia em alguma rua, toda a gente parava para o olhar até o perder de vista. E isto acontecia quando, tendo voltado da India, deposera a espada, caminhando arrimado a uma muleta. Apesar das suas enfermidades, ia todos os dias ouvir a lição de theologia, que então se dava no convento de São Domingos, sentando-se entre os alumnos, como se fôra tambem um d'elles. »

Faria e Sousa continúa tão sensivel narração, contando em poucas palavras como se passava a amargurada vida do poeta, cuja unica distracção era uma lição de theologia! « Chegou a viver d'esmolas ; sahindo á noite ás ruas, a pedir, para elle, o escravo que comsigo trouxera, chamado Antonio, natural de Java.

Em uma occasião, depois de ouvir missa na capella de nossa Senhora do Amparo, lhe fallou o duque de Aveiro, e sabendo d'elle, que não tinha que jantar n'aquelle dia, lhe perguntou, que cousa queria lhe mandasse da sua meza ? e respondeu Camões, que lhe bastava uma galinha, prometteu-lh'a o duque : mas não lhe lembrou a promessa, se não muito depois de haver jantado, e toda a familia da sua casa. e não haver ja galinha, se não vacca, de que se mandou um prato a Luiz de Camões ; o qual, pelo mesmo criado do duque, lhe mandou logo a resposta seguinte, o que é um epigramma severo áquella fidalguia pretenciosa, que não reconhecia a nobreza superior do genio.

Ja eu vi o taverneiro,
Vender vacca por carneiro ;
Mas não vi, por vida minha,
Vender vacca por galinha,
Senão ao duque de Aveiro.

Não se póde referir, prosegue o auctor do *Anno Historico* um tamanho desamparo em homem tão insigne, e que foi uma das primeiras glórias da nação portugueza. Não acusamos ao rei, que era então menino, mas quem não condemnarà aos ministros, e aos grandes senhores, que então viviam, aos quaes podéra aquelle portentoso engenho dar vida immortal, se elles o ajudassem a manter a sua com uma limitada porção ? Mas é justo castigo da miseria, ou ignorancia dos taes, acabar-se por sua morte a sua memoria, eternisando-se ao mesmo tempo a dos varões sabios, e valerosos, por mais que fossem desestimados na vidà. O extremo desamparo, em que Luiz de Camões se chegou a ver, lhe causou uma tão profunda tristeza, que bastou a lhe accelerar a morte. Ja nos ultimos annos vivia tão alheio de si mesmo, e tão entregue ás considerações da sua desgraça, que parecia outro muito differente do que havia sido.

Um portuguez sabio, que, certo, leu como nós as curiosas particularidades, que citâmos com toda a ingenuidade, enumera os homens distinctos com os quaes Camões tractava. Falla, sobretudo, de D. Conçalo Coutinho, da casa de Marialva, e da illustre familia de Vimiozo, que tinha par-

ticular affeição ao poeta, e que se dava com elle em grandissima familiaridade. Os nomes de um antigo vice-rei da India, e o de um governador de Malaca tambem por elle citados. Lê-se, com tudo, na menciocada história éstas tristes palavras : — « Uma mulata chamada Barbàra, vendo a miseria do poeta, deu-lhe muitas vezes um prato do comer que ella vendia, e tambem algum dinheiro que apurava da mesma venda. Não será justo exclamar com Manoel de Faria e Souza ; —ó miseria deploravel? ! »

Em quanto o poeta busca a consolação de seus males nas sabias lições dos religiosos de São Domingos, cumpre-nos desempenhar um encargo. Fiel ao plano que traçàmos no começo d'esta noticia, procuraremos indicar o verdadeiro caracter do movimento que se manifestou na poezia, no tempo de D.Sebastião, e as relações em que Luiz de Camões, ja lido e admirado, se achava para com os seus contemporaneos, Bastará o rapido exame dos factos para o provar. O poeta compoz as suas primicias separado de tudo, e assim continuou os seus trabalhos até o fim da vida, sem excitar a minima influencia nos homens que o podiam comprehender e julgar. Escriptores celebres tinham succedido a Sà de Miranda, a Antonio Ferreira, e Gil Vicente. Em uns houve provavelmente receio, e terror pueril de ver murchar uma nascente fama ; em outros explicar-se-hia este criminoso esquecimento pela solidão em que viviam, e a firme vontade de se conservarem desviados da côrte, e de se não involverem no bulicio de uma politica deploravel. Jeronimo Côrte-real, o mais habil d'estes poetas, e o unico que se possa citar, depois dos *Lusiadas*, tendo voltado da India viveu tranquillo no seu morgado de Palma. A saudade da illustre Leonor, a cujas desgraças Luiz de Camões consagrára alguns versos admiraveis, lhe ministravam assumpto para um poema heroico de brilgante formosura, no qual, porém, o estylo e patheticas situações se acham em constante opposição com a longura das descripções mythologicas. Côrte-real meditava, por certo, este poema, d'esde o tempo em que vivêra no morgado de Palma, para só sair a lume doze annos depois dos *Lusiadas*. Mas na *Austriada*, poema hespanhol, composto em honra de D. João d'Austria, e que teve segunda edição em 1577, acham-se diversos trechos devidos á penna dos escriptores favorecidos, entre os quaes se não ve o nome de

Camões. Posto que essa obra, e o *Segundo Cêrco de Dio* tenham tido grande voga em Lisboa, nada prova, na história litteraria, que a sua publicação produzisse contacto entre os dous poetas.

Dizem os biographos que um certo Pedro da Costa Perestrello, que compozera um poema sôbre a expedição de Vasco da Gama, resolvêra não o publicar depois de haver lido os *Lusiadas*. È êsta talvez a unica mostra que existe da influencia de Luiz de Camões sôbre algum poeta contemporaneo ; mas além de ser o nome de Perestrello inteiramente desconhecido na história litteraria, não se sabe qual seja o grào de confiança que simillhante facto póde inspirar. Frei Agostinho da Cruz, unico poeta d'esta era, que pela têmpera de seu espirito sería capaz de curvar-se ante o podêr de tão alto engenho, sem pensamento algum reservado, quasi não conheceu Camões ; porque, vestindo em 1560 o hàbito de religioso no conventinho de Santa Cruz da Serra de Cintra, viveu, d'esde essa épocha, como cenobíta no meio das montanhas. Este servo de Deos, como é denominado, tornou-se, por assim dizer estranho aos homens e ao mundo. No pincaro do monte Arrabida, só celebra a Divindade, e as grandes scenas da natureza. Se falla algumas vezes em amor, é do amor guiado pela religião ; se diz alguma palavra das paixões humanas, é para se humilhar ante a grandeza eterna ; se se lembra dos combates, nunca é dos dos homens, mas da lucta dos elementos, das grandes tempestades, da quebra das ondas contra as ondas, e do choque das àrvores nos bosques. Este eremita, abrigado das tempestades n'uma pobre choupana, é irmão de um cavalheiro de aventuras amorosas, e poeta habil e harmonioso, que serà por um momento o feliz rival de Camões :— frei Agostinho da Cruz é irmão de Diogo Bernardes.

O auctor do *Lima* conheceu por certo Camões. Accusam-no de lhe ter bem avaliado as obras, e até de se haver apropriado de uma parte d'ellas. Como ésta grave inculpação não assenta em factos, não a podemos acreditar sem exame. Com tudo é elle a unica personagem eminente d'esta epocha que teceu alguns louvores ao auctor dos *Lusiadas*.

Poucos homens nos resta nomear. Em todos se nota a mesma injustiça, ou a mesma indifferença. Nem Pedro d'Andrade Caminha, filho do ardido capitão que se enobreceu na

India, e elegante poeta da côrte ; nem Jorge Ferreira, o poeta dramatico da moda, nem grande número de escriptores, cuja enumeração serìa longá, graças à avolumada biographia de Barbosa, julgaram dever estender o seu braço protector *a este principe dos poetas da Hespanha*, que um pobre escravo mantinha de esmolas no seu mesquinho albergue da rua de Santa Anna.

Conta-nos Pedro de Mariz que o fiel jào se rendeu, talvez, á propria miseria. Camões devia então esperar a morte ; e foi certo, quando se viu privado dos auxilios de um amigo tão obscuro, mas tão nobre na sua devoção, que elle escreveu as duas cartas, de que nos restam admiraveis fragmentos.

« Quem ja mais supporia que em tão pequeno theatro como é este pobre leito, me désse a sorte o espectaculo de tamanhas desventuras ? E eu, como se ellas não bastassem, estou ainda do seu lado, porque sería orgulho querer resistir a tantos males. —»

«— Finalmente, dizia em outra, a minha vida vae terminar ; mas todos conhecerão que fui tão affeiçoado à minha patria, que não contente de morrer n'ella, quiz tambem morrer com ella.—

A deploravel jornada d'Alcequibir, prevista por Osorio, e agourada por Mascarenhas, realisou-se. Diz certo chronista que um antigo monge, que não acompanhára a expedição a Africa, obrigado a demorar-se na praia, ao constar-lhe a nova d'este desastre no leito da dor, voltou a cabeça para uma imagem de Christo, e fallecêra. Quando vieram contar tão grande successo a Luiz de Camões, dizendo-lhe que se perdêra a honra de Portugal, e a glória antiga da patria, levantou elle os olhos para o ceo, e disse : — « Ao menos morrerei com ella.»

Jazia então o poeta sôbre o seu mesquinho leito da rua de Santa Anna ? Achar-se-hia no hospital ? A história que registrou as nobres palavras do poeta, deixa-nos em dúvida sôbre as circunstancias que lhe marcaram o termo da existencia. Falleceu em Lisboa em 1579, com 55 annos de idade.

Foi Luiz de Camões de mediana estatura ; cabellos, quando moço, tão louros, que tiravam a açafroados ; olhos vivissimos ; nariz comprido, alto até no meio, e grosso na

ponta ; rosto cheio, beiços grossos, e um tanto carregado da fronte ; pelo que ao primeiro aspecto inculcava severidade : mas na conversação e trato era summamente affavel e jovial. Era liberal com os amigos, honrador dos benemeritos, rigido censor dos vicios, intrepido nos perigos, constante nas adversidades. Em todos os trances da fortuna conservou sempre a mesma serenidade d'alma.

Em fim, de todas as virtudes foi ornado este grande homem ; e a que n'elle mais sobresahia, era um extremoso e desinteressado amor da patria, que da maneira a mais evidente se manifestou em todo o decurso da sua trabalhosa vida, e nos ultimos momentos d'ella, como lampada moribunda, ainda despediu de si maior clarão : pois ja nos paroxismos da morte, passando em resenha todas as suas acções, parece que nenhuma outra mágoa sentia, senão a de haver soltado n'um transporte de íra aquellas palavras : — *Ingrata patria, não possuirás meus ossos.* Porque julgava elle, que por mais aggravos que um cidadão haja recebido da sua patria, nunca, nem por pensamento, deve procurar vingança.

Ainda hoje Portugal não levantou um monumento à memoria do seu famoso poeta ; mas o que importa ? Os *Lusiadas* constituem o seu indestructivel monumento. Fechâmos éstas notas commemorando o sublime dito do padre Antonio Vieira — « Entrava o povo no pantheon de Roma, e perguntava, porque não estava alli a estatua de Catão ? Ésta pergunta era a maior estatua de Catão.

# JUIZO CRITICO.

Este drama foi lido, como se disse na introducção, em duas das sessões da Academia Philomatica do Rio de Janeiro, e por essa occasião tanto o drama como o auctor receberam os mais generosos applausos d'aquella illustre corporação. O drama, segundo os tramites academicos, foi subjeito ao parecer do destincto lente da Academia Imperial de Medicina o Sr. Dr. Antonio Maria de Miranda Castro. Depois da leitura d'este pareeer o drama foi unanimemente approvado pela Academia. Transcrevo-o como um testemunho de consideração e reconhecimento pelo generoso acolhimento que eu e o drama recebemos.

---

SENHORES.

Quando me encarregastes da espinhosa tarefa de emittir um juizo crítico sôbre o CAMÕES, drama original do nosso benemerito consocio o Sr. F. M. Raposo d'Almeida, achei-me na penosa collisão de ou recusar-me ao primeiro trabalho de que me encarregaveis ; e isto no dia da minha primeira apresentação, e quando eu vos agradecia a honra de me haverdes admittido ao vosso gremio : ou então a tomar sôbre meus hombros uma empreza superior às minhas fôrças, porque não estava habilitado para conhecer d'este ramo especial de litteratura ; e ignorando além d'isto os preceitos mais treviaes da arte dramatica.

Em face d'estas difficuldades optei pela obediencia ao vosso mandato, e eis-me aqui agora a cumprir, quanto em minhas fôrças caiba, a ardua tarefa de que me encarregastes. Devo porém prevenir-vos, senhores, que as reflexões que passaes a ouvir são o fructo das impressões de uma rapida leitura, e não é um parecer consciencioso, como eu desejára que fosse, e como vós e o illustre autor d'este drama tinham direito a esperar.

O fim principal do drama é sem dúvida o de ensinar, moralisando ; e é por isso que todo o drama tem um pensamento que constitue a sua parte philosophica ; e que é por assim dizer o eixo sôbre que gyra toda a sua acção e toda a sua moralidade. Este pensamento deve ir-se buscar-se ao coração humano, e escolhê-lo entre os seus poderosos affectos. Póde-se tambem rocorrer á história, e ajuntar, como dizem os mestres d'arte, o elemento historico ao elemento humano. Essas doutrinas devem ser offerecidas de envolta com a poesia, bem como diz Tasso que o remedio se deve administrar ao menino de mistura com o mel. Assim pois deveremos concluir que pensamento ou philosophia, natureza e poesia, devem ser trez pilares sôbre que deve assentar o drama.

O pensamento do drama do nosso dignissimo consocio foi por elle mesmo explicado no discurso da introducção á leitura do seu precioso trabalho.

« Um joven poeta, diz elle, a quem os successos extraordinarios da politica de Portugal, obrigaram a expatriar-se, quiz vingar o grande poeta, e vingar a patria contra a mesma patria pela vergonhosa indefferença das gerações que se tem succedido d'esde então até os nossos dias. Este nobre esfôrço do Sr. Garret deu em resultado a inauguração de um livro, que ainda é o primeiro monumento consagrado á memoria do Homero lusitano. »

Se o pensamento do poema CAMÕES do Sr. Garret foi vingar o poeta infeliz, o pensamento do drama do seu perdilecto discipulo, o Sr. Raposo d'Almeida, attinge ao mesmo fim. E' uma lição severa que elle ensina ao público e ao govêrno para que respeitem e protejam o homem de genio, e para que emfim sejam remidos do menosprêso público, em que geralmente são tidos os cultores das lettras n'aquella terra de grandiosos feitos em outro tempo, e hoje abalada pelo vulcão revolucionario.

Porem não se limita sómente a isto a moralidade do dra-

ma. Sendo o seu assumpto a vida tão complicada do poeta elle reune no mesmo quadro, como seus indispensaveis accessorios o amor da patria, as aspirações da glória, as crenças religiosas ; e por fim o nosso distincto consocio, resume a sua grande concepção artistica, mostrando-nos o seu heroe amparado no último extremo da miseria, pelas consolações de um ministro do catholicismo.

Não é menos moralisador, no drama de que me occupo, o desenho fiel que faz o seu auctor da corrupção, e da ambição de alguns conselheiros desleaes, que arrastaram aquella nação a sepultar-se nos campos de Alcacer-Kibir e a sujeitá-la por mais de um seculo ao jugo pezado dos hespanhoes. O nosso auctor foi eminentemente feliz na exposição d'este pensamento, que é uma severa, mas verdadeira lição para os reis.

Pelo que respeita ao elemento humano, não só ha sentimentos grandes, e animados no drama do Sr. Raposo d'Almeida, como tambem situações altamente expressivas. E chamâmos toda a attenção da academia sôbre as scenas verdadeiramente dramaticas do 5.° acto, tão ungidas de sentimento, e que bem mostram ter sido escriptas em uma das supremas situações da vida :—o nosso auctor, como elle mesmo nos diz, escreveu este sublime acto sôbre o duro leito do hospital da Madeira, quando ahi estivera degradado e prêso pelos acontecimentos politicos da revolução d'Almeida.

Os caracteres do drama são desenhados com mão de mestre. Além do do protagonista, prendem a attenção a figura candida e dedicada de D. Catharina d'Atayde, a homerica figura de D. Aleixo de Menezes, o caracter original, e aliàs verdadeiro, do Jào, escravo, ou antes amigo affectuoso de Camões.

O nosso consocio sem affrouxar o nexo da acção principal approveitou-se de duas epochas históricas as mais memoraveis de Portugal ; e pintou com largos traços a historia de parte do reinado de D. Jaão III, e todo o reinado de D.Sebastião. A verdade histórica é respeitada, quanto é possivel n'esta composição, em que a poesia do pensamento é indispensavel, e que não se pode fazer, como diz o Sr.Garret, com a arte de verificar as datas na mão

Tenho fallado do pensamento, da moral, da natureza, e da parte historica, resta recomemdar-vos a indole do dra-

ma que foi, por assim dizer vasado no molde da tragedia nova do Sr. Garret. O drama do nosso consocio não tem as scenas ultra-romanticas, nem os assassinos, incestos, e orgias do drama moderno: è um vasto quadro com poucas figuras, sim, mas com attitudes grandemente artisticas, e pela maior parte historicas.

Este drama, senhores, tem muito da indole do theatro alemão, e tem muita simplicidade da tragedia grega, sem comtudo subjeitar-se âs leis d'aquelle, nem moldar-se na fórma d'esta. Foi uma empreza escabrosa e original a que abalançou-se o Sr. Rapozo d'Almeida, mas conseguiu-a, graças aos recursos da sua brilhante imaginação,e ao seu reconhecido talento dramatico.

A lingoagem do drama é legitimamente portugueza, o estylo é brilhantemente poetico, sem comtudo offuscar o pensamento capital do drama, porque o nosso auctor deixa ver, atravez das belezas do estylo e dos pensamentos, a moralidade severa do drama, bem como se percebe que na mulher formosa ha um esqueleto, para nos servirmos da expressão de Victor Hugo.

Tal é o meu parecer, Senhores, a respeito do drama, cujo exame me confiastes. Se não desempenhei a commissão de que me encarregastes, a vós mesmo deveis impor a culpa, porque escolhestes o menos idoneo de entre vós. Reconheço que ésta analyse, è defeituosa e incompleta porque, alèm da minha incapacidade a estreiteza do tempo não me permittiu que eu fosse mais minucioso. Desculpae-me pois se eu não toquei, como devêra, alguns pontos capitaes, ou se abracei a nuvem por Juno.

Concluo julgando o drama CAMÕES, producção do nosso illustre consocio o Sr. Raposo d'Almeida, digno da approvação d'esta academia, pelo seu reconhecido merito litterario, bem como seu auctor se torna dígno dos maiores applausos pelos serviços que tem prestado a ésta nossa corporação, sendo o mais importante a exposição que fez d'este seu precioso trabalho, o que de-certo constitue uma das pàginas mais importantes da história da Academia Philomatica.

Rio de Janeiro 6 de novembro de 1847.

Dr. Antonio Maria de Miranda Castro.

# POESIAS A CAMÕES.

Houve uma epocha na minha vida de estudante, em que me dei a colleccionar todas as poezias consagradas a Camões. Lembra-me que havia ja escrito um volume de duzentas páginas, e não tinha ainda chegado a metade da empreza; sumiu-se-me essa preciosa collecção em que havia coisas de muito merito; e hoje, mais do que nunca, lamento o seu extravio, porque daria n'este appendice um especimen das ovações ao nosso poeta, feitas em italiano, latim, francez, hespanhol, e não sei em que mais outros idiomas.

Sirva pois para prehencher ésta lacuna as duas preciosas poesias que vão ler-se, uma é do meu illustre amigo o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, poeta, litterato, e publicista de honrosa distincção, e que se dignou honrar-me com a dedicatoria d'esta sublime canção, inspirada pela leitura do ùltimo acto do meu drama. A outra é do meu antigo companheiro de collegio o Sr. Luiz Augusto Xavier Palmeirim. Transcrevo-a como uma recordação saudosa d'esse tempo cheio de illusões queridas, de muita ância e muita esperança, que os desenganos da vida política e o trato com a sociedade corrupta e desleal, nunca podem apagar na nossa alma.

# CAMÕES

AO MEU AMIGO

*F. M. Raposo d'Almeida,*

Choraram-te..... o Gange e o Indo ;
Chorou-te toda a terra que pizaste :
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste !
Mas os Anjos do ceo cantando e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

CAMÕES, *Lusiadas canto X.*

Banhado no soffrimento,
Tu foste grande, ó poeta !
Ao mundo déste um portento,
A Portugal um propheta ;
Prégaste ás turbas a lei,
Como Christo, por tua grei
Morreste a morte da Cruz ;
Mas de sôbre o teu Calvario
As contas do teu rosario
Do Portuguez são a luz.

N'um esqualido hospital
A'unhas roeu-te a fome;
Tu morreste por seu mal,
A patria vive em teu nome.
Quem te dera por muralha
Alguma ferrea mortalha,
Que ás balas inda surri!
—Tu que á luz do ceo azul
Pediste a espada a Saul,
Pediste um'harpa a David!—

Aqui onde o bem se damna,
Onde sempre o mal se afina,
Aqui na terra profana
Fadejaste negra sina:
Pela rua da amargura
Os Phariseus em loucura
Na face tua escarraram;
Mas Portugal e teus cantos,
Cubertos de lutto e prantos,
No mesmo altar penduraram.

Não morreste!.. Inda se escuta
A voz do Gama invencivel;
Lá na India a sombr'arguta
Inda lhe vaga temivel:
Do vasto mar ao fragor
Inda brama o Adamastor
Pelo espirito de Deus;
O gladio ainda do Castro
Teu nome grava n'um astro,
Na clara esphera dos ceos!

Não morrestes!.. — Por tua glòria
As cinzas clamam d'Ignez;
Diz o Mondego essa história,
Conta o vento esse revez:
Como outr'ora Ezechiel,
Do negro fado o tropel
Além ouviste no pó:
Leste futuros, Camões,
Como Joséph predicções
Nos sonhos de Faraó.

Feridas pugnas cantaste,
Cantaste a invicta frota;
O golphão, que arregoaste,
Inda conserva tua rota.
Não morreste — que ainda sente
A terra o braço potente
De quem os globos mantem!
Lá no alcaçar da memoria
Excederá tua glória
Ás palmeiras de Gessem.

Murmura á margem do Tejo
O psalmo dos teus amores;
Roubou-te a brisa n'um beijo
Cortados hymnos de dores!
Oh que sim!.. Eram gostosos
Mesmo amargos — mas formosos
Como as tendas de Cedar! (*)
Nem o Dante á Beatriz
Maiores fados prediz
No paraizo a sonhar.

(*) Cantico dos Canticos.

No dissabor eram doces
Como as vinhas d'Enghaldi ; (*)
Mais felizes, se tu fosses
Menos alto do que eu vi :
Não viria a crua sorte
Vibrar um golpe de morte
Sôbre quem vida te dava ;
Como o Tasso na prisão
Não víras o coração
De um anjo prêso, a alma escrava.

Do Jordão na sacra borda
Deixaste a lyra aos salgueiros,
Mas inda os echos acorda
Da solidão, dos outeiros ;
Repete os cantos da noite,
Da tempestade o açoite,
Os hymnos do rouxinol ;
Qual o madeiro do templo ;
Viverá — eterno exemplo,
Aqui debaixo de sol.

A flux os prantos, cahindo,
Por ti na patira hoje correm ;
Como á Rachel, seduzindo,
Ninguem os limpe — que jorrem !
Das suas entranhas filho,
Tu caminhavas n'um trilho
D'espinhos — sim, mas brilhante :
Mais alto que Goliath
Ninguem s'ergueu inda lá,
Só tu pudeste, gigante.

(*) Cantico dos Canticos.

Não morreste ! — revivesce
A fama tua na campa ;
A rama que ahi florece,
A face divina estampa :
Da rôxa morte o baptismo
Só renega o atheismo,
O sceptico audaz e feio ;
Não morreste ! — és grande ainda,
A vida d'alma não finda,
Não temo, não — inda creio.

Camões — teu fado sublime
Com outro não se coteja ;
De viz ingratos o crime
Humilde as cinzas te beija.
Do teu sepulchro a grandeza
É maior, tem mais riqueza
Que o throno de Salomão ,
Guarda-te o rei Manoel
— A ti que pintas fiel
O Ganges e o Indo ancião.

Que sonho que não é este !
Mal a vista humana alcança !
Novo Moysés — recebeste
De Jesus nova alliança :
Tiveste a magica vara ;
Com que Deos Arão dotára,
Tiveste um'alma sem par ;
O sol d'Africa tostou-te
E a cicatriz, que deixou-te,
Foi para o mundo pasmar !

A soberba Moabita
Dobraste — heroe portuguez;
Tanta proeza, que excita
Em Portugal ninguem fez :
O teu braço no martyrio
Vem abrandar-lhe o delirio,
E contra os escolhos rema ;
O navio, que o conduz
Tem por pharol uma luz,
Estrella maga — um poema.

Magra inveja embora urda
Contra ti planos sem fim,
A justiça fica surda
Como o deserto de Sim;
Oh não hade nunca ouvil-a,
Hade em fogo consumil-a,
Como Nabab e Abiu,
Como no valle de Achor
O Israelita sem dor
O roubo em Achan puniu.

No marulho d'agua viste
O destino dos imperios,
C'os olhos d'aguia mediste
A sorte dos hemispherios:
Pór um supremo conselho
Se abriria o mar vermelho,
Te franqueára passagem;
Como ao grande Josué
O sol— ao ver-te de pé
Te renderia homenagem.

Vio-te a gruta de Macáo
Em funda scima submerso ;
Soffrimento algoz e máo
Cortar não póde o teu verso ;
Deram-te as musas a chave !
Com que apoz sereno e grave
Os corações embeveces ;
Mais altivo te alevantas,
E arroubado descantas
Coroas, que ao mundo teces.

Da calumnia a tetra chamma
A flor da vida lambeu-te ;
Odio vesgo, que se inflama,
No encalce firme correu-te.
Por serviços no destêrro
O vicio tenaz e perro
Pagou-te acerbo tormento :
Em triste enxerga de palha
Até deram-te a mortalha
Na hora do enterrramento !

Tu Camões, de rosto inteiro
Tremer na guerra não sabes,
Vencendo tudo, guerreiro,
Na eternidade não cabes,
Tu na lyra forte dique
Alli nos campos de Ourique
Oppozcstes aos inimigos :
De Tarifa a pugna ousada
Hade viver afamada
Em peitos da patria amigos.

Camões—de tuas façanhas
Na tumba o que resta agora!
Sinto apêrto nas entranhas,
Sinto a palpebra que chora!
Alli vejo um gladio forte,
Vejo impavido transporte
De um guerreiro o peito d'aço;
Oiço o corvo solitario
Do viso do campanario,
Soltando o grito no espaço.

Na patria embora o juiz
As leis infame caville,
Do antigo brio a raiz
Tente arrancar —não exile:
Embora os vis arrebanhe,
E as carnes suas alanhe
Algum'alma esvicerada
Tu a ella eu vejo unido
Tu sôbre a lapide erguido
Ella na campa deitada

*J. B. d'Andrada e Silva.*

# LUIZ DE CAMÕES.

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno
Mas, tu me dá que cumpra, ó grã rainha !
Das musas, co'o que quero á nação minha !
CAMÕES *Lus. C*, 10 *Est. IX*.

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor !
Quem mais do qu'elle dissera
D'esse fero Adamastor !
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante,
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor !

No peito, coberto d'aço,
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos de Tasso
Sonharam maior paixão !
Era cantor e soldado ;
Era um vate enamorado,
Foi um poeta inspirado
Como os d'hoje ja não são !

Bem nos cantos se lhe marca
O signal do seu penar ;
Nascêra como Petrarca,
Ja fadado para amar !
Vêde bem o sentimento,
Com que dá sôltas ao vento
Queixas mil de seu tormento,
Tristezas do seu trovar !

A sorte fê-lo poeta
Das cinzas da pobre Ignez :
O mundo fê-lo propheta
Do destino portuguez !
Poeta da desventura,
Previu a sorte futura
Escreveu com mão segura
A prophecia que fez ! !

Deos que deu aos portuguezes
D'alem-mar as regiões,
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções ;
Fomos o povo escolhido,
O nosso nome temido
Hoje só é conhecido....
Pelos cantos de Camões.

Foi-se-lhe a vida em desgôsto
Ao que a patria assim cantou.
Mais poeta que Ariosto
Que bellezas nos legou ! !

Pungido de acerbas dores,
Pelo Tejo, seus amores,
Foi o rei dos trovadores....
Foi o cisne que expirou !

Como Ovidio, desterrado
Lá na gruta de Macáo,
Só teve o pranto enxugado
Pela mão do pobre Jáo,
De escravo, tornou-se amigo,
E no peito, só comsigo
Supportou cruel castigo,
Mas nunca se mostrou máo.

Debruçados sôbre os cantos,
Da nossa fama padrão,
Bem junctos verteram prantos
Sôbre a nossa escravidão !
Mas Camões.... á vil tutela
D'essas hostes de Castella,
Não pôde chorar sôbre ella,
Morrêra-lhe o coração ! !

Que poeta ! e que soldado !
Que trovador tão leal
De todos abandonado
Só achou.... um hospital !
Mas a fama portugueza
N'este sec'lo de torpeza
Só tem por toda a grandeza
A Camões por pedestal ! !

Alli vivem as victorias,
Ja do povo, ja do rei,
Alli vingam as memorias
Alcançadas pela lei;
E' farol de nossa phama.
Alli vive o Castro, e o Gama
Em versos alli proclama
Triumphos da nossa grei!

A Camões por monumento
Só resta um livro, não mais,
D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes;
Mas que importa, se a memoria
Do cantor da nossa glória
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos colossaes!...

*L. A. Palmeirim.*

# INDICE.

# OBRAS

DE

*F. M. Rapozo d'Almeida.*

## THEATRO.

Tomo I. — CAMÕES, drama em 5 actos.

Tomo II.—MARTIM DE FREITAS, drama em 5 actos, approvado pelo Conservatorio dramatico Brasileiro, e representado no theatro publico de S.Francisco no Rio de Janeiro. E' dedicado a meu Pae o Sr. Antonio Tavares Rapozo.

Tomo III. — O CONJURADO, drama em 5 actos approvado pelo Conservatorio da arte dramatica de Lisboa. E' dedicado a S. M. F. a Senhora D. Maria II, rainha de Portugal.

Tomo IV.— AFFONSO VI, drama em 5 actos. E' dedicado ao Exm. Sr. José Maria da Silveira Estrella.

Tomo V. — O MONGE DA SERRA D'OSSA, segunda edição, drama em 3 actos, dedicado ao Exm. Sr. visconde da Praia.

Tomo VI.— A FAVORITA, drama em 5 actos.

Tomo VII. — D. IGNEZ DE CASTRO, drama em 5 actos.

### OBRAS DIVERSAS·

As Folhas de um album, dedicadas Exm. Sr. Guilherme Read Cabral, Recordações de S.Paulo, dedicadas a minha Mãe D.Maria da Conceição Tavares de Almeida, e varias outras obras.

---